



**Fernanda Alves Vendas**

**De “zerinho” a Centro de Referência:  
Tradições, memórias e identidades na  
implantação da Educação Infantil no  
Colégio Pedro II**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Educação do Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Patrícia Coelho da Costa

Rio de Janeiro  
Junho de 2017



**Fernanda Alves Vendas**

**De “zerinho” a Centro de Referência:  
Tradições, memórias e identidades na  
implantação da Educação Infantil no  
Colégio Pedro II**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Educação do Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Profª Patrícia Coelho da Costa**

Orientadora  
Departamento de Educação - PUC-Rio

**Profª Sonia Kramer**

Departamento de Educação - PUC-Rio

**Profº Aristeo Gonçalves Leite Filho**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**Profª Monah Winograd**

Coordenadora Setorial do Centro  
de Teologia e Ciências Humanas  
PUC-Rio

Rio de Janeiro, 22 de junho de 2017.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

### **Fernanda Alves Vendas**

É especialista em Educação Infantil pela mesma instituição (2012) e pedagoga pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2010). É professora efetiva da Educação Infantil do Colégio Pedro II e supervisora do Programa de Residência Docente (PRD) em Educação Infantil do Colégio Pedro II. Já atuou na Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro como Professora do Ensino Fundamental I e como Professora da Educação Infantil. Foi Orientadora Bolsista da Especialização de Docência em Educação Infantil da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Tem experiência na área de Educação Infantil, Alfabetização e Letramento. Atualmente desenvolve sua pesquisa com ênfase em Memórias na Educação Infantil.

#### Ficha Catalográfica

Vendas, Fernanda Alves

De “zerinho” a Centro de Referência : tradições, memórias e identidades na implantação da educação Infantil no Colégio Pedro II / Fernanda Alves Vendas ; orientadora: Patrícia Coelho da Costa. – 2017.

117 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2017.

Inclui bibliografia

1. Educação – Teses. 2. Colégio Pedro II. 3. Centro de Referência em educação infantil Realengo. 4. Educação infantil. 5. Identidade. 6. Memória. I. Costa, Patrícia Coelho da. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Educação. III. Título.

CDD: 370

*Ao “filho que eu quero ter” ...*

*Você nem sabe quando vem  
E já tem amor pra vida toda*

## Agradecimentos

A meus pais, Jayme e Marilsa, meus primeiros mestres e amigos;

Ao meu irmão Rafael, minha primeira dupla, antes mesmo de eu descobrir a bidocência;

Ao meu amor Gabriel, parceiro em todos os momentos e grande incentivador dessa jornada;

A Serena, incansável companheira (até nas horas de estudo);

A toda a minha família, por abrir mão de um pouco de mim enquanto trilhava essa jornada tão solitária;

As amigas do Carpe Diem, mulheres fortes, sinceras e lindas, pelo amparo no abraço, nas palavras, no olhar;

Aos colegas da turma de mestrado, em especial ao amigo Rodrigo, companheiro de trabalhos, aulas e longas viagens engarrafadas;

Aos colegas do grupo de pesquisa, por me ensinarem a questionar as lacunas da história;

A toda a equipe e docentes da pós-graduação em Educação da PUC-Rio, especialmente aos professores Jefferson e Ana Waleska, pelas contribuições ao longo da pesquisa. Professora foi uma honra te conhecer;

A minha orientadora Patricia Coelho, por aceitar orientar minhas desorientações;

Aos professores que compõem a banca, agradeço imensamente por aceitarem o convite, pela disposição e pelos apontamentos;

Ao Colégio Pedro II e à Coordenação Setorial do CREIR, pelo apoio e acolhimento à pesquisa;

Aos docentes do CREIR, pelas entrevistas e por aceitarem fazer parte dessa pesquisa, sem isso não seria possível;

A toda a equipe técnica, pedagógica e demais funcionários do CREIR, por acreditarem no nosso sonho;

A todas as minhas duplas ao longo da jornada, por “segurar a barra” e por compartilhar o dia-a-dia;

As crianças, por me ensinarem a ser alguém melhor dia após dia;

A Deus, pai amado e de infinita bondade, que me guarda, me guia e me protege.

## Resumo

Vendas, Fernanda Alves; Costa, Patricia Coelho da. **De “zerinho” a Centro de Referência:** Tradições, memórias e identidades na implantação da Educação Infantil no Colégio Pedro II. Rio de Janeiro, 2017. 117p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O tema desta dissertação são as estratégias de transmissão da tradição e da memória desenvolvidas no Centro de Referência em Educação Infantil Realengo (CREIR) do Colégio Pedro II. O objetivo deste trabalho foi pesquisar e analisar práticas docentes desta natureza, utilizadas durante o processo de implantação desta etapa de ensino, em uma instituição centenária, no período compreendido entre os anos de 2012 e 2016. Para refletir o conceito de memória foram escolhidos como referências teóricas Halbwachs (1990) e Pollak (1992), ajudando na compreensão da memória enquanto uma produção coletiva e social, de inferência histórica. Benjamin (2012) ajuda a refletir a tradição enquanto um movimento histórico-cultural e em contínua reconstrução a partir de seus diferentes narradores. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizou como fontes entrevistas semiestruturadas com a gestão e com docentes que participaram do processo, documentos institucionais e a observação do cotidiano escolar. A partir da análise foram identificadas ações pedagógicas que objetivaram a transmissão de tradições ao mesmo tempo em que se buscava a construção de uma identidade e de sentidos próprios da Educação Infantil em uma tradicional instituição de Educação Básica no Brasil.

## Palavras-chave

Colégio Pedro II; Centro de Referência em Educação Infantil Realengo; Educação Infantil; Tradição; Memória; Identidade

## Abstract

Vendas, Fernanda Alves; Costa, Patricia Coelho da. (Advisor) **From "zero" to Reference Center:** Traditions, memories and identities in the implantation of Early Childhood Education in Colégio Pedro II. Rio de Janeiro, 2016. 117p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The theme of this dissertation is the transmission strategies of tradition and memory developed at the Reference Center on Early Childhood Education Realengo (CREIR) of Colégio Pedro II. The objective of this work was to research and analyze teaching practices of this nature, used during the implementation process of this stage, in a centennial institution, between the years of 2012 and 2016. To reflect the concept of memory were chosen as theoretical references Halbwachs (1990) and Pollak (1992), helping to understand memory as a collective and social production of historical inference. Benjamin (2012) helps to reflect the tradition as a historical-cultural movement and in continuous reconstruction from its different narrators. This is a qualitative research that used as sources semi-structured interviews with the management and with teachers who participated in the process, institutional documents and the observation of school everyday. From the analysis, pedagogical actions were identified that aimed at the transmission of traditions at the same time as the search for the construction of an identity and of the proper meanings of Early Childhood Education in a traditional institution of Basic Education in Brazil.

## Keywords

Colégio Pedro II; Reference Center on Early Childhood Education Realengo; Early Childhood Education; Tradition; Memory; Identity

*O Realengo da casa da avó  
Agora é Realengo do Pedro II  
Tenho gramado e pátio  
Quando antes o quintal era o mundo  
Agora faço culinária  
Mas já lambi bacia de bolo.  
Hoje desenho o chão com giz  
Mas já foi com pedaço de tijolo.  
A terra virava comidinha,  
Hoje faço de massinha  
(Mas às vezes ainda brinco com terra também!)  
Irmão e primas eram parceiros de aventuras  
Hoje eu, a dupla e nossa turma:  
Somos nós e mais ninguém!  
Avenida Santa Cruz que era vista de passagem  
Agora é ponto de chegada e partida;  
A Praça do Canhão que era vista do Chevette  
Agora é vizinha querida.  
A flor bonita que tem melzinho  
Descobri que se chama hibisco,  
E cabe na varanda da sala de aula  
Ou como enfeite de cabelo  
Quando uma criança te dá  
Só para lhe mostrar seu zelo.  
Troquei churrasco por piquenique  
E ainda tomo banho de borracha,  
Também ainda brinco de pique  
E crio com papelão e caixa.  
Antes tinha medo de cair  
Dessa tal bicicleta sem rodinha,  
Agora zelo para que eles não caiam  
Ou se caírem que não machuquem nadinha.  
Era o tempo-sem-fim,  
Agora tempos de 45 minutos.  
Meu Realengo mudou  
Agora é lugar de adultos:  
Ganhou semáforo, asfalto e buzina  
Ele não termina mais na esquina...  
Mas ali tem um CREIR  
Um pedaço do meu Realengo,  
Um lugar onde posso ser ora adulta, ora criança  
Ou os dois ao mesmo tempo.*

Fernanda Alves Vendas

## Sumário

1. Introdução à Pesquisa: Narrativas e Memórias	14
1.1 Conceitos, Referências e Dados da Pesquisa	17
2. Um Colégio de tradição... Uma Educação Infantil em construção	27
2.1 Colégio Pedro II: Uma Instituição de Referência	28
2.2 A implantação da Educação Infantil no Colégio Pedro II em Realengo	35
2.3 De onde vem as crianças do CREIR	41
2.4 O acesso à Educação Infantil do Colégio Pedro II	46
3. A Educação Infantil do CP2: A Construção da Identidade	50
3.1 Pesquisas sobre a Educação Infantil do Pedro II	52
3.2 Primeiros tempos de professoras e professores recém-chegados na Educação Infantil	53
3.3 O lugar da Educação Infantil no Colégio Pedro II	62
3.4 Uma proposta pedagógica em construção	66
3.5 Um lugar indefinido: Quatorze Campi e Um CREIR	71
3.6 “Zerinho”: A desconstrução de um apelido	74
3.7 O processo de construção da Identidade: O que dizem as família	76
4. O CREIR na Prática: Entre tradições e inovações	81
4.1 O Hino da Educação Infantil	81
4.2 O Uniforme da Educação Infantil	89
4.3 O tempo do Pedro II e o tempo da Educação Infantil	91
4.4 Festas e Eventos do CREIR	93
4.5 Embate: manutenção da tradição X construção da identidade	100
5 Considerações: Longe de um final	104
6 Referências Bibliográficas	109

7 Apêndices	113
7.1 Apêndice 1 Ficha de Identificação dos docentes entrevistados	113
7.2 Apêndice 2 Roteiro de Entrevistas Semiestruturadas	115
7.3 Apêndice 3 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	116

## Lista de figuras

Figura 1: Letreiro da entrada da Educação Infantil do Colégio Pedro II	14
Figura 2: Fachada do CREIR	36
Figura 3: Entrada principal do CREIR	37
Figura 4: Pátio do CREIR	37
Figura 5: Sala de aula do CREIR	38
Figura 6: Sala de aula do CREIR	38
Figura 7: Varandas anexas às salas de aula	39
Figura 8: CPII em Números - Perfil Discente 2014	44
Figura 9: CPII em Números - Perfil Discente 2015	45
Figura 10: Primeira Reunião de Responsáveis do ano letivo de 2017	77
Figura 11: Primeira Reunião de Responsáveis do ano letivo de 2017	77
Figura 12: Hino da Educação Infantil	83
Figura 13: Crianças cantando o Hino da Educação Infantil no Teatro Bernardo de Vasconcelos	84
Figura 14: O uniforme da Educação Infantil do Colégio Pedro II	89
Figura 15: Emblema do Colégio Pedro II	90
Figura 16: Reunião de Apresentação da Proposta Pedagógica	94
Figura 17: Festa da Ciranda Literária 2016	95
Figura 18: Festa da Ciranda Literária 2017	95
Figura 19: Festa da Ciranda Literária 2017	96
Figura 20: Festa da Ciranda Literária 2017	96
Figura 21: Festa da Cultura Popular 2014	97
Figuras 22: Barracas de brincadeiras na Festa da Cultura de 2014	97
Figuras 23: Barracas de brincadeiras na Festa da Cultura de 2014	97
Figuras 24: Barracas de brincadeiras na Festa da Cultura de 2014	98
Figuras 25: Barracas de brincadeiras na Festa da Cultura de 2014	98
Figura 26: Festa da Cultura 2015	98
Figura 27: Mostra Pedagógica 2014	99
Figura 28: Mostra Pedagógica 2014	100

## Lista de tabelas

Tabela 1: Quadro de Docentes entrevistados	21
Tabela 2: Campi, suas fundações e cursos	33
Tabela 3: Dados dos sorteios de vagas de 2016 e 2017	41
Tabela 4: Categorias de professores entrevistados	53

## **Lista de abreviaturas**

CP2 ou CP11 – Colégio Pedro II

CREIR – Centro de Referência em Educação Infantil Realengo

DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

EI – Educação Infantil

EF – Ensino Fundamental

PPP – Projeto Político Pedagógico

PPPI – Projeto Político Pedagógico Institucional

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

SESOP – Setor de Supervisão e Orientação Pedagógica

UEIR – Unidade de Educação Infantil Realengo

# 1

## Introdução à Pesquisa: Narrativas e Memórias

*Estudaram aqui brasileiros de um enorme e subido valor.  
Seu exemplo segui, companheiros, não deixemos o antigo esplendor.  
Alentemos, ardente, a esperança de buscar, de alcançar, de manter,  
No Brasil, a maior confiança que só pode a ciência trazer.*  
(Trecho extraído do Hino dos Alunos do Colégio Pedro II)<sup>1</sup>

Figura 1: Letreiro da entrada da Educação Infantil do Colégio Pedro II.



Fonte: Acervo pessoal.

No final de 2013, ingressei no Colégio Pedro II como professora efetiva da Educação Infantil. Nunca antes havia tido contato com esta instituição, se não por histórias de amigas e parentes que lá estudaram. Eram narrativas saudosistas e cheias de lembranças ainda bem vivas. Os que por lá passaram pareciam carregar memórias intensas e um grande sentimento de pertencimento, mesmo anos após a formatura. Outros que, assim como eu, não tiveram grande contato com a instituição, me parabenizavam por ter passado no concurso, diziam que era um Colégio de excelência e que eu entrara para uma elite.

Toda a tradição da qual eu ouvia falar criou forma assim que coloquei os pés naquela instituição para tomar posse. Tudo parecia ter um ar bastante solene e, nos primeiros dias, eram muitas recepções em auditórios, com diversos chefes de departamentos, pró-reitores e o próprio reitor nos dando boas-vindas. Eram tantas falas que era difícil decorar seus nomes e funções. Mas algo havia em comum nos

---

<sup>1</sup> O Hino foi composto por Francisco Braga e Hamilton Elia em 1937. A letra completa está disponível no site da instituição: [www.cp2.g12.br](http://www.cp2.g12.br)

seus discursos: todos começavam e terminavam suas falas exaltando o Colégio e nos dizendo que era uma honra estarmos ali, uma grande conquista sermos os primeiros professores de Educação Infantil concursados do Colégio Pedro II em regime de Dedicção Exclusiva. Muitos ainda narravam suas trajetórias como ex-alunos antes de funcionários, e diziam com orgulho que seus filhos estudaram no Colégio. Logo pude perceber a existência de uma identidade, a qual os indivíduos compartilham de valores e concepções próximas sobre a escola.

Diante desse cenário, iniciou em mim a construção do mesmo sentimento de pertencimento e admiração ao Colégio que se destacava em cada um desses discursos. Conversava com as pessoas ao lado, olhava os rostos no imenso auditório, e todos pareciam compartilhar uma espécie de encantamento. Sentíamo-nos reconhecidos após um processo seletivo exaustivo e, estar ali, sendo recepcionados com tantas honras, parecia merecido e grandioso. Logo descobriria que a Educação Infantil era chamada por alguns como “zerinho”, um apelido que futuramente geraria muitas reflexões, que trataremos mais adiante.

Antes de trabalhar no Colégio Pedro II, atuei por 4 anos na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro. A inserção na rede escolar do município do Rio de Janeiro foi muito diferente do CP2. Ainda na secretaria Municipal de Educação a primeira preocupação era na escolha da escola na qual ficaríamos lotados: Onde seria? Qual o tamanho da escola? Como seria a turma? Como seria recebida, já no meio do ano letivo? Será que eu “daria conta” de minha primeira turma? Por conhecer uma escola na qual pretendia trabalhar, a maior preocupação era de que a única vaga disponível nessa escola fosse escolhida por outra pessoa, e os comentários das demais professoras sobre as escolas que conheciam despertavam certa insegurança diante da possibilidade de buscar outra lotação. Foi possível trabalhar na escola desejada.

A recepção na escola da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro não foi provida de uma grande apresentação institucional. Me recordo de, já na secretaria, a coordenadora começar a gritar de alegria ao saber que chegara a tão esperada professora nova, já que a turma que me fora destinada estava sendo atendida por muitas mãos (coordenação, direção, professora da sala de recursos...) desde que a professora anterior entrara de licença maternidade. Ela deve ter percebido meu espanto, me puxou pela mão como uma mãe puxa um filho, me levou a sua sala, entregou-me alguns papéis de projetos, falou brevemente da turma e me levou até

a sala de aula para ver rapidamente as crianças. Me apresentava a todos no caminho: “É a nova professora do 1º ano!”. Na sala dos professores, me mostrou uma imagem na parede e disse: “O nome da nossa escola é em homenagem a esse pintor, mas no nome da escola está escrito errado.”. No dia seguinte lá estava eu em meu primeiro dia como professora regente.

Foi no dia-a-dia, em conversas aqui e acolá com as outras professoras, observando e perguntando a quem demonstrasse abertura, que eu fui compreendendo como funcionava a rede de ensino. As especificidades daquele público, a realidade da escola pública (não mais pelos olhos de aluna), os anseios que pareciam permear as conversas entre os professores, as posturas, o lugar que cada indivíduo ocupava naquele espaço (crianças, pais, professores, gestores, merendeiras, etc)... Confesso que na época não tive muito tempo nem interesse por conhecer mais profundamente a história da escola, do bairro ou as demandas na rede de ensino, tão submersa que estava em descobrir formas de lidar com os desafios da minha turma.

Se compararmos as duas recepções é possível identificar a cerimônia de recepção aos professores do Colégio Pedro II, como uma estratégia de transmissão de tradições. Na rede municipal não há o mesmo investimento.

Logo que me apresentei na Unidade de Educação Infantil (UEI), após tomar posse no Pedro II, recebi da coordenação da época uma cópia do **Projeto de Implantação da Primeira Etapa (3 a 5 anos) da Educação Básica no Colégio Pedro II (2011)**. Tal documento direcionou a implementação da Educação Infantil na instituição. Aborda como viria a funcionar a estrutura física, proposta pedagógica, corpo de funcionários, avaliações, metodologia, concepções e fundamentos.

Segundo este projeto,

A tradição do Colégio Pedro II em oferecer Educação Básica de qualidade busca também fundamentos na história da educação de crianças e propõe o início do trabalho com o segmento da Educação Infantil. (p.2)

A palavra *tradição* se destaca no trecho em referência a proposta de ensino oferecida pela instituição. Esta tradição que pode ser compreendida de diferentes formas: pelas notas e bom desempenho dos estudantes, na severidade das avaliações, na manutenção do uniforme, na execução do hino do colégio, nas

formas de ingresso. Por outro lado, estas tradições são alimentadas pela memória daqueles que por lá passaram.

## 1.1

### **Conceitos, Referências e Dados da Pesquisa**

Desta forma, o objetivo deste trabalho é pesquisar e analisar as estratégias das práticas docentes do Centro de Referência em Educação Infantil Realengo (CREIR) do Colégio Pedro II utilizadas na implantação desta etapa de ensino no período compreendido entre os anos de 2012 e 2016, para a transmissão da tradição e da memória desta instituição para as crianças.

Para realizar a análise proposta, elegi alguns conceitos que irão nortear meus estudos: *tradição* e *memória*.

Quando falamos de uma instituição centenária como o Colégio Pedro II, *tradição* e *memória* se fazem presentes, podendo adquirir diversos sentidos e mesmo chegando a confundirem-se. A reflexão sobre esses termos se faz necessária, haja vista a aproximação conceitual entre eles. São necessárias definições claras para que estes conceitos não sejam confundidos ou utilizados de forma reducionista.

Vincent *et al.* (2001) tratam da escola enquanto um lugar de unidade, sistema e modelo: a forma escolar. Segundo os autores, qualquer modo de socialização implica na apropriação de saberes e aprendizado de relações de poder. Logo, a escola enquanto um espaço de cultura (constituído por diferentes culturas e, ao mesmo tempo, transmissor de uma cultura escolar), é lugar de compreender as relações e dinâmicas sociais. A escola é um organismo social que reproduz práticas e relações presentes no mundo. Mas a escola também possui suas próprias práticas e regras, que constituem sua forma escolar. Assim, sua identidade institucional se define. Essa ideia é interessante para compreendermos a dinâmica entre *memória* e *tradição* no contexto do Colégio Pedro II.

Primeiramente recorreremos a Nora (1993), que diferencia *memória* e *história*. Para este autor, a *memória* se relaciona com o simbólico e o sensível; emerge de um grupo que ela une; é individual e coletiva ao mesmo tempo; é vulnerável, manipulável e está em permanente evolução. Já a *história*, segundo Nora (1993), é a representação do passado; atua com a análise e o discurso crítico; é universal, pertence a todos sem, no entanto, pertencer a ninguém; se define por

continuidades temporais e evolução. Tal diferenciação também se faz necessária para que se compreenda o conceito de *memória* trabalhado.

O conceito de *memória* utilizado por Nora (1993) contempla Halbwachs (1990), na medida em que acredita em uma memória coletiva, que define e une um grupo de indivíduos. Halbwachs (1990) é um autor presente em grande parte das produções acadêmicas que tratam da história, identidade ou memória do Colégio Pedro II. Ele compreende a memória enquanto um fenômeno social, de construção coletiva. Ao me referir à memória do Colégio Pedro II, é esse o sentido de memória que adotamos. Uma memória que conta a história institucional a partir dos sujeitos que fazem essa história, a partir do espaço, dos símbolos e objetos. Uma memória da qual a comunidade escolar – professores, estudantes, técnicos, administrativos, famílias e ex-alunos – se apropriam e se identificam enquanto grupo a partir dela.

Pollak (1992) pensa a memória social a partir do conceito de memória coletiva de Halbwachs (1990). Pollak (1992) reflete o sentimento de pertencimento e a identificação presentes nas memórias construídas coletivamente. Explica que nas memórias coletivas, um indivíduo pode se apropriar de algo que não viveu, mas que lhe foi narrado ou que as lacunas de sua própria memória lhe fazem acreditar que ocorreu. Traz ainda a relação entre a *memória* e a *identidade*, ou seja, a forma como uma pessoa se compreende e se define está atrelada, entre outros fatores, com suas memórias, ainda que estas sejam memórias herdadas socialmente, como por exemplo rituais e tradições do grupo social do qual pertença.

Halbwachs e Pollak são minhas referências para eleger uma linha de trabalho para o termo *memória*. Estes autores definem as relações e construções sociais, ajudando na compreensão da memória enquanto uma produção coletiva e social, de inferência histórica.

Pollak (1992) relaciona a *memória* com a *identidade*:

Podemos portando dizer que a *memória* é um elemento constituinte do sentimento de *identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 5, grifo do autor)

Kenski (1994) traz significativas contribuições para pensarmos a *memória* enquanto atemporal, não-linear e não-cronológica. A memória possui seu próprio

tempo e sua própria lógica, muito relacionada à emoção e ao sentido das vivências. A autora trabalha ainda a ideia de seletividade da memória, com seus silêncios e esquecimentos.

Quando pensamos no Colégio Pedro II e ao reconhecermos seus sujeitos sociais, percebemos então uma memória coletiva já existente na instituição, uma memória coletiva que se entrecruza com a identidade institucional, a medida em que seus sujeitos expressam um sentimento de pertencimento ao Colégio. Mas, como isso ocorre na nova Unidade de Educação Infantil?

O texto “Sobre o conceito da história” (2012) de Walter Benjamin, traz importantes apontamentos que me ajudam a pensar o tempo em uma perspectiva que não se limita ao histórico e aos fatos, mas aos sentidos e significações.

Em “O Narrador” (2012), Benjamin traz a *memória épica*, estabelecendo uma relação entre a memória e a narrativa. Benjamin aponta a *memória* enquanto a “musa da narrativa”, a lembrança em si. Explora ainda os conceitos de *Reminiscência* e *Rememoração*. Trago então a *Rememoração* (memória voluntária) enquanto uma cadeia de tradição, para a apropriação de uma história que ultrapassa gerações e que é reconstruída continuamente pelos sujeitos que dela se apropriam. Já a *Reminiscência* (memória involuntária), ajuda a pensar uma história que marca os sujeitos envolvidos, que carregam memórias em todos os seus sentidos, em suas lembranças mais profundas que vêm à tona; uma memória que é sentida.

Faz-se necessário para a pesquisa definir também o termo *tradição*. Hobsbawn & Ranger (1984) trabalham com o termo “tradição inventada”, que definem como o conjunto de práticas – regras, rituais e símbolos, por exemplo – que dão continuidade ao passado através dos valores e normas que transmitem. Esse processo muitas vezes ocorre através da repetição.

Essa é a concepção de *tradição* eleita para a pesquisa. A tradição do Colégio Pedro II se faz a partir de uma gama de símbolos como o emblema, o uniforme, o hino, a “tabuada” (espécie de grito de guerra, sempre entoado após o canto do Hino do Colégio), as festas, entre outros, que fazem parte do cotidiano e das práticas institucionais. Os símbolos e regras que constituem a tradição dessa instituição imprimem valores que perpassam gerações de estudantes. Um sentimento de pertencimento atrelado às práticas de uma tradição historicamente construída.

Para Benjamin (2012), temos compromisso com aqueles que lutaram para estarmos aqui e que construíram a história passada, e também com aqueles que ainda virão e que atuarão no futuro. Nesse sentido, o autor traz a questão da *tradição*. Sobre isso, Benjamin diz que:

A rememoração funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração (...) Ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si. Uma se liga à outra, como demonstram todos os grandes narradores, principalmente os orientais. Em cada um deles vive uma Scherazade, à qual ocorre uma nova história em cada passagem da história que está contando. (BENJAMIN, 2012, p.228)

Assim, o filósofo ajuda-nos a pensar a tradição enquanto um movimento histórico-cultural e em contínua construção. Compreendo a tradição enquanto uma rede, na qual cada fragmento da história e cada diferente interpretação dela se entrelaçam, se conectam num tecer artesanal de seus sujeitos. São fios de narrativas que se entrecruzam, que constituem uma outra história com esse tear.

Considero importante então, compreender o peso das tradições na formação das crianças da Educação Infantil, a partir das memórias construídas nessa etapa escolar.

Para tecer essa rede de tradições, na qual as memórias serão nossos fios, se faz necessário a utilização de diferentes fontes de pesquisa. Para Aires (2011), a pesquisa qualitativa é uma perspectiva “multimetódica”, pois permite o uso de diferentes fontes e diferentes abordagens metodológicas para a coleta e seleção de dados visando alcançar os objetivos propostos. Contemplando esta concepção, essa pesquisa faz uso de diferentes possibilidades em sua metodologia. Temos como sujeitos da pesquisa os indivíduos envolvidos/constituintes do CREIR. Para a coleta de dados da pesquisa, temos entrevistas com alguns destes sujeitos e a observação participante das práticas e da rotina.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, elegi como fontes entrevistas semiestruturadas realizadas com os professores (em atividade e ex-professores). Ao todo foram realizadas 12 entrevistas com professores que atuam ou atuaram na Educação Infantil do CP2 em diferentes momentos e ainda uma entrevista com a Coordenação Setorial.

No quadro abaixo temos a relação das professoras e professores entrevistados, constando o ano de ingresso, o vínculo de trabalho e ainda sinalizando a atuação em redes municipais de ensino:

Tabela 1: Quadro de Docentes entrevistados.

	Contrato entre 2012 e 2014	Efetivo empossado em novembro 2013	Efetivo empossado em março de 2014	Efetivo empossado em agosto de 2015	Atuação em rede Municipal de Ensino <sup>2</sup>
Professor 1	X				X
Professor 2	X		X		X
Professora 3		X			X
Professora 4			X		X
Professora 5			X		X
Professora 6				X	X
Professora 7		X			X
Professora 8				X	X
Professora 9		X			X
Professora 10			X		X
Professora 11	X	X			X
Professora 12			X		X

Fonte: Informações extraídas de questionários individuais - ANEXO 1.

Segundo Duarte (2002), de uma forma geral, pesquisas qualitativas exigem a realização de entrevistas, em sua maioria longas e semiestruturadas (ANEXOS 2 e 3). A escolha por entrevistas semiestruturadas é no intuito de permitir aos informantes serem coparticipantes na estruturação da pesquisa, uma vez que esta trata das memórias construídas coletivamente.

Nas entrevistas com os professores tive como objetivo explorar as seguintes questões:

- Aspectos históricos da escola;

<sup>2</sup> Refere-se a regência em Educação Infantil na rede Municipal de ensino do Rio de Janeiro ou outros municípios do Estado, em período anterior ou concomitante ao trabalhado no Pedro II. Todas as professoras ou professores entrevistados atuaram anteriormente na Educação Infantil na esfera pública, em alguma Secretaria Municipal de Educação. No caso dos professores contratados, essa atuação na Educação Infantil Municipal ocorreu concomitantemente com o período trabalhado no Pedro II; já no caso dos professores efetivos, essa atuação ocorreu anterior à chegada no CP2, quando solicitaram exoneração de suas funções anteriores para tomar posse no Pedro II em regime de Dedicção Exclusiva.

- O lugar da Educação Infantil no Colégio Pedro II, do ponto de vista docente;
- Práticas docentes voltadas para a construção de memória ou manutenção da tradição;
- Suas memórias/vivências sobre o CREIR.

Já na abordagem com as famílias, o planejamento inicial da pesquisa era a aplicação de um questionário aos responsáveis. Porém, no decorrer da pesquisa, o Colégio enfrentou diversas situações políticas que trouxeram tensões às relações entre os diferentes sujeitos da comunidade escolar, como ocupações dos Campi e greve dos servidores. Desta forma, foi feita a escolha por coleta de dados junto às famílias a partir de observações e relatos não identificados, a fim de garantir maior neutralidade nas informações coletadas evitando assim a confusão dos papéis pelos sujeitos, uma vez que a pesquisadora está inserida no mesmo contexto enquanto professora da instituição.

No segundo semestre de 2016 o Colégio enfrentou um forte período político, com uma longa greve de docentes e servidores, além do movimento de ocupação por parte dos alunos. Diante desse cenário, no qual os sujeitos envolvidos tendem a tomar posicionamentos, considerei inadequado realizar junto às famílias as entrevistas ou os questionários. As situações de tensões políticas e institucionais exigiram certo respeito como professora-pesquisadora.

Optamos então pela observação e coleta de relatos espontâneos em reuniões de pais, na porta da sala, em sorteios de vaga, em solenidades, sejam situações observadas pela pesquisadora ou relatadas a esta pelos professores pesquisados. Dessa forma, os relatos e situações têm relação direta com as questões específicas da Educação Infantil e do cotidiano do CREIR. Devido a essa proposta de coleta de dados, os responsáveis citados ao longo da pesquisa não foram identificados.

Nas vivências com as famílias buscamos compreender os seguintes aspectos:

- Critérios para a escolha da escola;
- Suas memórias/vivências sobre a Educação Infantil;
- Aspectos históricos da escola;
- O lugar do CREIR no Colégio Pedro II, do ponto de vista das famílias.

Outra proposta para a coleta de dados foi a análise documental. Conforme Aires (2011), os documentos analisados podem ser de origem oficial ou pessoal. Por documentos oficiais temos o Projeto de Implantação da Educação Infantil, o *site* institucional do Colégio Pedro II, o *blog* do CREIR, entre outros possíveis ricos materiais que foram descobertos ao longo da pesquisa.

Já os documentos pessoais, são coletados no cotidiano, como fotografias e filmagens, anotações e cadernos pessoais, atividades individuais ou coletivas produzidas pelas crianças, entre outros. Segundo Gil (2010), atualmente essas fontes documentais não oficiais são amplamente utilizadas em pesquisas qualitativas.

Vidal (2009) aponta os recursos, materiais e objetos da escola como constituintes da cultura material escolar. Tal conceito é fundamental para esta pesquisa, pois a cultura material escolar nos traz importantes indícios sobre as práticas escolares. Os usos dos materiais, o acervo produzido, os registros guardados e a organização do espaço, por exemplo, apontam os fazeres pedagógicos e ajudam a criar uma cultura escolar.

Medeiros (2010) nos traz uma experiência de registro, seleção e organização de um acervo de produções infantis escolares. A autora expressa como esses artefatos podem desencadear lembranças nos indivíduos e dar novos sentidos aos acontecimentos passados, à medida que os sujeitos da vivência constroem e reconstróem uma memória coletiva. Desta forma, Medeiros apresenta possibilidades no trabalho com as memórias infantis escolares.

Marques e Almeida (2011) salientam a importância da documentação pedagógica na Educação Infantil. As autoras enfatizam a necessidade de registrar as vivências, num processo de produção de memórias. Os registros são apresentados como recursos para reflexão e autorreflexão, tanto individual quanto coletivas. Apresentam recursos como o portfólio, por exemplo, e sua significância para a análise crítica das práticas, autoavaliação e construção de conhecimentos.

Marques (2010) comenta a correlação positiva entre teoria e prática proporcionada pelos registros. Sua proposta está mais voltada à ação reflexiva do professor que à prática educativa. A autora enumera práticas de registro significativas que têm servido de referência para a Educação Infantil de qualidade. Aponta assim, usos e possibilidades de registro das práticas pedagógicas nesta etapa escolar.

Nascimento (2009) trabalha a identidade da Educação Infantil, nos ajudando a compreender que esta identidade ainda está em construção em nosso cenário educacional. A Educação Infantil, a bastante tempo, enfrenta lutas e vem buscando seu espaço, reforçando assim a necessidade de se pensar e debater em diversas instâncias as práticas com a primeira infância. A autora pesquisa a identidade de uma instituição a partir de suas marcas (relação com a família e comunidade, proposta pedagógica, documentos, entre outros).

A relação entre *memória* e Educação Infantil ainda é pouco pesquisada, se não com um olhar voltado para as narrativas infantis ou para as narrativas da infância em histórias de vida. As correlações necessárias para minha pesquisa, no entanto, contemplam a *memória* – na concepção deste termo já apresentada – para dar novos sentidos às práticas na Educação Infantil.

O conhecimento empírico foi amplamente explorado nessa pesquisa. As propostas pedagógicas são experiências que foram observadas e refletidas à luz das teorias. Fez-se necessário o registro dessas vivências. Encontro nessa questão o desafio do distanciamento. Por ser profissional da instituição, questionar as práticas institucionais consiste em questionar minhas próprias práticas e de meus colegas. Busco o distanciamento necessário para garantir uma observação atenta e reflexiva, despida de conceitos prévios.

Tura (2003, p.195) diz: “Vale destacar que na observação de qualquer realidade social o observador terá que adquirir a capacidade do estranhamento que é tão mais difícil quanto mais familiar é o espaço observado”. No âmbito educacional, por exemplo, todos nós nos sentimos familiarizados com o espaço escolar, porque deles já nos apropriamos enquanto estudantes e muitas vezes permanecemos atrelados a ele em nossas escolhas profissionais. Logo, é natural que, ao chegarmos a um novo colégio, escola, universidade ou creche no papel de pesquisador, carreguemos nossas próprias concepções, ideias e valores, inerentes a toda uma vida escolar e também à nossa prática pedagógica. O exercício do *estranhamento* é um desafio a ser superado pelo pesquisador, mas é necessário que saibamos nos distanciar o máximo possível do objeto pesquisado e estranhar o conhecido. Para minha pesquisa, esse exercício de estranhar o conhecido se torna ainda mais necessário, uma vez que estou inserida profissionalmente no meio pesquisado e sou integrante das práticas as quais busco questionar, sou também sujeito da história que vem se construindo sobre aquele espaço.

Essa pesquisa me desafia ao estranhamento do conhecido, num movimento reflexivo que traz significativas construções e influências em minha prática pedagógica, ao proporcionar um novo olhar sobre o ambiente e as propostas que constituem o meu próprio fazer docente. É um repensar de minhas próprias concepções. Estabeleço assim uma relação direta entre teoria e prática, a medida em que assumo meu lugar enquanto professora-pesquisadora que, ainda que buscando o distanciamento/estranhamento necessário para a pesquisa, se encontra diretamente inserida no meio pesquisado.

Os estudos de Tura (2003) nos fazem observar ao mesmo tempo dois movimentos necessários ao pesquisador: Um de aproximação e outro de distanciamento. Aproximação dos integrantes pesquisados, daquele grupo e/ou instituição que o acolhe, ganhando sua confiança e estabelecendo uma relação dialética. E, concomitantemente, um distanciamento em relação a seus próprios valores preestabelecidos, o tal *estranhamento*; um distanciamento não físico, mas o olhar observador que permite questionar/questionar-se.

Luna (2009) aborda todo o processo de pesquisa, desde o conceito de pesquisa, o papel do pesquisador, o problema da pesquisa, até a revisão de literatura. O autor nos mostra que o pesquisador deve buscar interpretar a realidade pesquisada, fazendo um recorte desta. Luna (2009) vem me ajudar a delinear meu objeto e compreender meu papel de pesquisadora, me permitir olhar meu meio com olhos questionadores, buscando assim o estranhamento necessário.

Tendo em vista, conforme já colocado, o papel de sentido que a *memória* possui no Colégio Pedro II, é imperativo refletir as potencialidades da concepção histórica e da memória coletiva institucional na formação das crianças da primeira Unidade de Educação Infantil do CP2.

Me proponho assim, investigar as propostas e práticas educativas desenvolvidas na Educação Infantil do Colégio Pedro II, atentando para as que estimulam a construção da memória sobre o Colégio e sobre esta etapa da Educação Básica. Algumas perguntas que norteiam a pesquisa são: Que memórias de infância escolar são construídas na Educação Infantil do Colégio Pedro II? Quais concepções de infância estão presentes nas práticas e estratégias utilizadas na Educação Infantil desta instituição? Qual o lugar da Educação Infantil no CP2, a partir das memórias construídas nessa etapa da Educação Básica?

Visto o pouco tempo desde sua implantação, foi necessário traçar objetivos práticos, mais correlatos à observação dos fazeres pedagógicos e à compreensão dos sujeitos envolvidos do que propriamente uma pesquisa de materiais e acervos. Busco então pensar sempre nas estratégias e na transmissão das tradições:

- Investigar as propostas e práticas educativas desenvolvidas na Educação Infantil do Colégio Pedro II tendo em vista a construção de memórias;
- Reconhecer o lugar da Educação Infantil no Colégio Pedro II, a partir das memórias e tradições construídas nessa etapa da Educação Básica;
- Perceber a relação entre a tradição do Colégio Pedro II e a memória escolar construída no âmbito da Educação Infantil desta instituição;
- Identificar a memória coletiva em construção no Centro de Referência em Educação Infantil Realengo do Colégio Pedro II.

## 2 Um Colégio de tradição... Uma Educação Infantil em construção..

*O elenco das questões históricas nunca estará encerrado:  
a história terá de ser continuamente reescrita.*  
(PROST, 2012, p.79)

Existem trabalhos já produzidos acerca do Colégio Pedro II, que retratam a memória da instituição numa perspectiva histórico-social e que consideram os sujeitos envolvidos enquanto autores de uma memória coletiva.

Destaco a pesquisa de Chamarelli (2011) que investiga a implementação da primeira Unidade do Ensino Fundamental I do Colégio Pedro II, a partir de documentos históricos e também das memórias de alguns indivíduos que vivenciaram aquela época. Nas narrativas coletadas por Chamarelli, percebe-se que os envolvidos no processo de implantação do Ensino Fundamental I relatam os desafios e preconceitos na conquista pelo espaço de uma nova etapa de ensino no Colégio.

Outros autores como Galvão (2009) enfatizam o papel histórico, social, de formação de elite e referência em ensino público de qualidade do Colégio Pedro II. Galvão situa em sua obra a existência de uma identidade institucional, enquanto um sentimento de pertencimento que é perceptível nas entrevistas que realizou e nos relatos do seu caderno de campo.

Cardoso (2013; 2014) estuda os símbolos do Colégio Pedro II, como o hino, a bandeira, o emblema e a tabuada (espécie de “grito de guerra” tradicional na escola). A autora trabalha a memória coletiva da instituição a partir desses símbolos. O Colégio Pedro II possui símbolos que garantem pertencimento aos sujeitos que compartilham dos seus espaços. Cardoso (2013; 2014) aponta a existência de uma memória coletiva já construída na instituição e que parece ser contemplada pelos sujeitos que a constituem.

Soares, J. (2014) estuda a identidade profissional dos professores do Colégio Pedro II de 1925 a 1945. Embora trate prioritariamente da identidade docente e tenha um recorte histórico datado, suas reflexões e levantamento histórico sobre a instituição são relevantes e auxiliam a ambientar o cenário atual

do Colégio, contribuindo para a contextualização quanto à importância sócio-política da instituição.

Estas pesquisas ajudam a mapear e compreender a importância histórica do Colégio Pedro II, acentuando a existência de uma tradição forte e ainda bastante viva na instituição, através da memória dos sujeitos que atuam nos seus espaços.

Reconhecendo o Colégio Pedro II enquanto uma instituição de tradição, que possui sua própria história atrelada à história da educação brasileira (GALVÃO, 2009; CARDOSO, 2014), a identidade institucional é um tema frequentemente associado às práticas e narrativas sobre o Colégio (GALVÃO, 2009). Diferentes sujeitos inseridos na escola, seja como profissionais, estudantes ou mesmo ex-alunos, apontam para um sentimento de pertencimento e a construção de uma memória coletiva (CHAMARELLI, 2011).

Apresento alguns fatos da história do Pedro II que repercutem política e socialmente, ao mesmo tempo em que questões políticas e educacionais em âmbito nacional se inserem no contexto desta instituição. Trata-se de uma relação dialética entre a História da Educação e a história do Colégio Pedro II.

## **2.1 Colégio Pedro II: Uma Instituição de Referência**

O Colégio Pedro II foi criado no Segundo Reinado, em 2 de Dezembro de 1837, por Dom Pedro II, a partir da conversão do Seminário de São Joaquim em Imperial Collegio de Pedro II (CUNHA JUNIOR, 2008). Sua criação foi promovida pelo Ministro do Império Bernardo Pereira de Vasconcellos<sup>3</sup>. Mineiro, bacharel em Direito formado em Portugal, ele ficou conhecido como o “pai” do Colégio Pedro II.

Desde sua fundação, o Colégio Pedro II foi idealizado com o intuito de “servir de modelo às demais instituições secundárias” (CUNHA JUNIOR, 2008, p.23). Até então o Ensino Secundário era oferecido por seminários e alguns colégios particulares. O Colégio veio a ser, então, uma instituição secundarista sob o controle do Estado que ofereceria uma educação de alto nível para os filhos da elite. Seus estudantes eram habilitados a ingressar no ensino superior sem

---

<sup>3</sup> Os campi Realengo da instituição estão localizados na Rua Bernardo de Vasconcelos. Também no Campus Realengo II está localizado o Teatro Bernardo Pereira de Vasconcelos, inaugurado em 2 de dezembro de 2014, em cerimônia de celebração dos 177 anos da instituição. O teatro teve seu nome eleito pela comunidade escolar, através de votação.

prestar exames. Dessa forma, o império garantia a formação desejada para os jovens que futuramente ocupariam cargos de influência e tomada de poder.

Segundo Nunes (2000), o Colégio Pedro II “tornou-se o equivalente público de um ensino secundário considerado de qualidade junto à elite.” (p.40). Claramente, este colégio foi criado para servir de referência à educação pública e para formar a alta elite da época, sendo objeto de esforços e investimentos significativos, não só no período Imperial, mas também durante a República. Sua qualidade de ensino e seu trabalho pedagógico vieram a se tornar um padrão ideal de educação. No *site* do Colégio, em texto narrativo de sua história sem autor definido, constam sobre a atuação da instituição no Período Imperial informações que reverberam esse papel de referência histórica:

Com um programa de ensino de base clássica e tradição humanística, a instituição conferia a seus formandos o diploma de Bacharel em Letras, o que os habilitava a ingressar no ensino superior sem prestar exames. Por décadas, o programa estabelecido pelo Colégio Pedro II foi referência nacional para outros estabelecimentos de ensino secundário, assim como também foi exemplar a manutenção da disciplina entre o corpo discente. (Disponível em: [www.cp2.g12.br/cpii/missao](http://www.cp2.g12.br/cpii/missao))

Nunes (2000) coloca que, por ser um ensino destinado à elite da sociedade, o Colégio Pedro II era o espaço no qual se implantavam métodos e inovações educacionais advindos dos liceus franceses. O currículo da época contemplava disciplinas desde matemática e química, até história natural e noções de moral.

Com o advento da República, o Colégio Pedro II passou a ser chamado de Ginásio Nacional, mas seu papel de destaque na educação permaneceu, sendo inclusive referencial para a equiparação dos cursos particulares de ensino secundário que surgiam em todo o país.

Os reitores do Colégio, dirigentes da instituição, eram Freis e padres conceituados<sup>4</sup> que, além de desempenharem suas funções frente à igreja e serem responsáveis pela ordem, moral, fiscalização pedagógica e administração do CP2, também desempenhavam importante papel na Corte, segundo Cunha Junior (2008, p.32): “Os reitores do CPII eram considerados autoridades do ramo da instrução pública, efeito do prestígio proporcionado a eles pela instituição”.

---

<sup>4</sup> Temos como exemplos de reitores religiosos o Frei Dom Antônio de Arrábida (primeiro reitor do Colégio) e o padre Leandro Rebello Peixoto e Castro (primeiro vice-reitor e em seguida reitor) nomeados diretamente pelo Ministro do Império Bernardo Pereira de Vasconcellos. (CUNHA JUNIOR, 2008).

Frequentemente seus reitores eram convocados pelo Imperador para ajudar a planejar e discutir temas sobre a instrução na Corte e também nas províncias.

Cunha Junior (2008) explica que as demais instituições secundaristas deveriam seguir o padrão do Colégio Pedro II, seu currículo, conteúdos, material didático, etc.

Os docentes do Colégio Pedro II eram todos homens conhecidos como “eruditos, diplomados e notórios” (CUNHA JUNIOR, 2008, p.36). Destacavam-se por sua distinção, moralidade e suas produções acadêmicas. Eram eles os responsáveis pelos programas das disciplinas que orientavam as demais instituições secundaristas, criação dos materiais pedagógicos e compêndios da época. Muitos desses docentes chegavam a ocupar cargos políticos ou desempenhavam papel de importante influência social. Alguns exemplos de professores renomados do Colégio Pedro II são: Gonçalves Dias, Manuel Bandeira, Delgado de Carvalho, Euclides da Cunha, Heitor Villa-Lobos, Joaquim Manuel de Macedo, Osório Duque-Estrada e José Veríssimo.

A própria instituição, em sua página na internet, reafirma e se coloca neste papel de ensino de referência:

Fundado em 2 de dezembro de 1837, o Colégio Pedro II é uma das mais tradicionais instituições públicas de ensino básico do Brasil. Ao longo de sua história, foi responsável pela formação de alunos que se destacaram por suas carreiras profissionais e influência na sociedade. Seu quadro de egressos possui presidentes da República, músicos, compositores, poetas, médicos, juristas, professores, historiadores, jornalistas, dentre outros. (Disponível em: [www.cp2.g12.br/historia\\_cp2](http://www.cp2.g12.br/historia_cp2))

Tendo como ex-aluno o Presidente Nilo Peçanha, entre muitos outros grandes nomes da história brasileira que passaram por lá, compreendo que há um consenso sobre a formação para a elite ofertado pelo Colégio Pedro II. Schwartzman *et al.* (2000, p.208) também trazem essa questão, quando dizem que o Ministro Capanema afirmava ser necessário “acentuar o caráter cultural do ensino secundário de modo que ele se torne verdadeiramente o ensino preparador da elite intelectual do país”.

Entre outras questões, a Reforma de Francisco Campos ainda enfatiza o Colégio Pedro II enquanto modelo de qualidade para o ensino secundário:

Na legislação de Francisco Campos, as escolas que pretendessem proporcionar educação secundária de valor oficialmente reconhecido deveriam requerer sua inspeção ao ministério que, durante pelo menos dois anos, acompanharia de perto suas atividades, para depois reconhece-las como equiparadas ao padrão nacional,

que era dado pelo Colégio Pedro II do Rio de Janeiro. (SCHWARTZMAN *et al.*, 2000, p.207)

Schwartzman *et al.* (2000) explicam ainda que as escolas privadas deveriam arcar com os custos de suas inspeções, sob a justificativa de que seria um benefício para elas poder ofertar o ensino legalmente e emitir diplomas oficiais. As inspeções eram bastante rigorosas e inclusive durante certo tempo esses exames eram dados pelos próprios docentes do Colégio Pedro II, para assegurar a legitimidade das inspeções.

Soares, J. (2014), aponta como, no período pesquisado por ele, de 1925 a 1945, o Colégio Pedro II permanecia sendo considerado referência. Ao mesmo tempo, o autor aponta como, com a estruturação e ampliação das redes de ensino público, a instituição passou a ocupar uma posição que, embora fosse renomada e referência para o ensino secundário, também se colocava a parte desses sistemas.

Sobre esse aspecto, torna-se necessário pontuar que as formas de controle estabelecidas no e através do Colégio Pedro II como instituição de referência, padrão para outras instituições, ocorre pela via dos programas e dos manuais das disciplinas escolares, elaborados pelos professores. Por outro lado, embora também tenha perdido atribuições, seu corpo docente buscou incorporar no período investigado, uma série de privilégios que não se estenderam às demais instituições de ensino secundário. O corpo docente do Colégio Pedro II se fechou em si mesmo, ou seja, se por um lado exerceu controle, por outro, a subcategoria dos professores secundários se organizou fora do Colégio, com base em outros padrões e paradigmas. (...) Dito de outra forma, pensando o Colégio na sua relação com o contexto externo, há uma dualidade, pois o Colégio Pedro II, ao mesmo tempo que fica acima do sistema que está se instituindo, também fica fora, pois o ensino secundário se organizou por fora do Colégio Pedro II. (SOARES, J. 2014. p.213)

Temos então uma posição de prestígio do Colégio, mas que ao mesmo tempo ocupa um lugar outro, claramente difere-se das demais instituições de ensino secundário, enquanto estas se organizam e fortalecem. Em 1930, a criação do Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública, no governo de Getúlio Vargas, de certa forma descentralizou o poder antes atribuído ao Colégio Pedro II.

A Reforma Francisco Campos, de 1931 (Decreto Nº 19.890) e de 1932 (Decreto Nº 21.241), que trata do Ensino Secundário no Brasil, aponta:

Artigo 1º: O ensino secundário, oficialmente reconhecido, será ministrado no Colégio Pedro II e em estabelecimento sob o regime de inspeção oficial.

Logo em seu artigo primeiro, a instituição é citada como referência para o Ensino Secundário, o que se reafirma ao longo do decreto, com diversas passagens que deixam claras as intenções de que o sistema de ensino deveria se

equiparar ao Colégio Pedro II e, mais que isso, concedendo-lhe poderes na organização de cursos complementares, elaboração de propostas e comissões. Também aponta sobre as condições de trabalho, vencimentos e atribuições do *Corpo Docente do Colégio Pedro II*, além de definir que as bancas examinadoras para admissão ao curso secundário seriam constituídas por professores do Colégio.

Dessa forma, temos ainda atribuições de poder ao Colégio Pedro II. No entanto, temos também a elaboração de uma rede de ensino que, embora devesse se equiparar ao Colégio, na prática se organizava fora dele.

Em 1934, Gustavo Capanema assumiu o Ministério de Educação e Saúde e desenvolveu criteriosas pesquisas sobre o cenário educacional brasileiro, visando criar uma nova reforma no sistema nacional de ensino. Em 1942 foi criada uma comissão para tal, presidida por Capanema e da qual Euclides Roxo, influente professor de Matemática do Pedro II fazia parte. Roxo propunha, entre outras coisas, a fusão em âmbito nacional dos conteúdos matemáticos, tal qual implantou no Colégio Pedro II. Suas sugestões praticamente não tiveram força, não foram aceitas nessa comissão. Sua influência política já não era a mesma. Esse é um exemplo de como o papel de influência dos docentes do Colégio e mesmo da própria instituição começava a ser questionado, à medida que se estabeleciam práticas e ideias outras no cenário educacional brasileiro. Foi também a partir da Reforma Capanema que os professores da instituição já não eram os responsáveis pelas bancas de concursos ou pela elaboração dos programas e conteúdos, por exemplo.

A instituição começa a sofrer impasses, como a tentativa de municipalização em 1934, partindo do argumento de que o Colégio Pedro II era o único da esfera Federal enquanto todo o ensino secundarista ficava por encargo dos municípios. O corpo docente e a comunidade escolar como um todo, além de políticos e da imprensa, manifestaram sua opinião contrária à municipalização. Percebemos então como, embora o Colégio começasse a perder um pouco do prestígio conquistado no Período Imperial, agora sua tradição e memória se mantinham por parte de seus agentes, a identidade coletiva construída ao longo de sua existência permanecia forte, esta que é capaz, até hoje, de manter aceso certo sentimento de pertencimento dos indivíduos que por lá passam.

O Colégio Pedro II, durante o império até aproximadamente os anos 40, ocupou um lugar de poder, dada sua influência pedagógica e política na educação e sociedade da época.

Soares, J. (2014) nos ajuda a refletir a condição de colégio padrão atribuída ao Pedro II mesmo nos anos 50 e 60:

Cabe questionar se a condição de “padrão” ocorre de fato, o sentido do termo “padrão” nesse período, se é resultante da tradição ou se podemos considerar que o período posterior ao que investigamos caracteriza-se pela luta e pelo resgate do padrão e do prestígio que existia antes da crise do Programa Institucional. (SOARES, 2014, p.226)

Vejamos a seguir tabela descritiva da estrutura do Colégio Pedro II e suas expansões:

Tabela 2: Campi, suas fundações e cursos.

<b>Campus (nomenclaturas atuais)</b>	<b>Fundação</b>	<b>Cursos (ofertados atualmente)</b>
Campus Centro	2 de dezembro de 1837	2º segmento do Ensino Fundamental  Ensino Médio Regular  PROEJA <sup>5</sup> (técnico em informática e administração)
Campus São Cristóvão II	Fundado em 1889, como internato.	2º segmento do Ensino Fundamental  Até 1999, com a criação do Campus São Cristóvão III, atendia também o Ensino Médio.
Campus Engenho Novo II	Março de 1952	2º segmento do Ensino Fundamental  Ensino Médio Regular  Ensino Médio Integrado (Técnico em Informática)  PROEJA
Campus Humaitá II	Fundado em 1952	2º segmento do Ensino Fundamental  Ensino Médio Regular
Campus Tijuca II	Fundado em 1957	2º segmento do Ensino Fundamental  Ensino Médio Regular

<sup>5</sup> O Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja) foi instituído pelo Governo Federal, em 2005 pelo Decreto do PROEJA nº 5.478, de 24 de junho de 2005, em seguida substituído pelo Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006. Fonte: <http://portal.mec.gov.br/proeja>.

		Ensino Médio Integrado (Técnico em Informática)  PROEJA (Técnico em Informática e em Administração)
Campus São Cristóvão I	Fundado em 1984	1º segmento do Ensino Fundamental
Campus Humaitá I	Fundado em 1985	1º segmento do Ensino Fundamental
Campus Engenho Novo I	Fundado em 1986	1º segmento do Ensino Fundamental
Campus Tijuca I	9 de março de 1987	1º segmento do Ensino Fundamental
Campus São Cristóvão III	Fundado em 1999  Até 1999 funcionava no Campus São Cristóvão II.	Ensino Médio Regular  Ensino Médio Integrado (Técnico em Informática e em Meio Ambiente)
Campus Realengo II	Abril de 2004  Expansão em 2007	2º segmento do Ensino Fundamental  Ensino Médio Regular  Ensino Médio Integrado (Técnico em Instrumentos Musicais)  PROEJA (Técnico em Administração e Informática)
Campus Niterói	Fundado em 2006	Ensino Médio Regular
Campus Duque de Caxias	12 de setembro de 2007  Inauguração do novo Campus em 2012.	Ensino Médio Regular  PRONATEC <sup>6</sup>
Campus Realengo I	Fundado em 2010	1º segmento do Ensino Fundamental
Centro de Referência em Educação Infantil Realengo (CREIR)	26 de março de 2012, anexa a Realengo I.  No final de 2013 passa a ser Unidade de Educação Infantil.  Em 3 de outubro de 2016 a UEI é extinguida e criado o Centro de Referência em Educação Infantil (portarias n. 3030 e 3031).	Educação Infantil (3 a 5 anos)

Fonte: Informações extraídas do site institucional: [www.cp2.g12.br](http://www.cp2.g12.br)

<sup>6</sup> O Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) foi criado pelo Governo Federal, em 2011, por meio da Lei 12.513/2011, com o objetivo de expandir, interiorizar e democratizar a oferta de cursos de educação profissional e tecnológica no país. Fonte: <http://portal.mec.gov.br/pronatec>.

De acordo com a tabela acima, podemos perceber três períodos de expansão do Colégio Pedro II: O primeiro período nos anos 50, com a criação de três novos campi (Engenho Novo, Humaitá e Tijuca), em diferentes regiões da cidade.

Um outro momento de expansão é perceptível nos anos 80, com a criação dos campi I (um), ampliando o atendimento para os primeiros anos do Ensino Fundamental. O terceiro momento foi já nos anos 2000, com a criação de 3 novos campi, que atendem outros 2 municípios (Niterói e Duque de Caxias) e a zona oeste do Rio de Janeiro (Realengo).

Analisando os movimentos expansivos do Colégio, podemos perceber que o corpo discente foi se ampliando gradativamente. Temos a expansão em segmentos, dos anos finais da Educação Básica até os anos iniciais, e ainda com a inserção de modalidades como o ensino técnico e PROEJA.

Antes atendendo principalmente a região central do município, passou a atender públicos cada vez mais distantes do centro da cidade, em regiões periféricas ou mesmo outros municípios. A política de expansão (de segmentos e de campi) pode ser encarada como uma estratégia de manutenção do lugar da tradição e de prestígio do Colégio, uma vez que envolve novas verbas e novos diálogos com o Estado. Com a ampliação da comunidade escolar, temos um novo público, um maior número de sujeitos que poderão apoiar a instituição na manutenção de um lugar ameaçado pelos novos tempos, com a universalização do ensino. Com isso, há a ampliação do número de estudantes e formandos do CP2, que serão responsáveis pela transmissão de suas tradições.

## **2.2 A implantação da Educação Infantil no Colégio Pedro II em Realengo**

*Quando eu vou falar da implantação, eu vou falando da minha memória porque eu vivi num lugar que eu estava. Então, eu vou começar a partir de onde eu entro nessa história. A história não começa quando eu entro nela, e tem o texto que a gente usa, mas como ela começa é uma outra história. (Coordenação Setorial da Educação Infantil, em entrevista concedida em 08/02/2017).*

Se o Colégio Pedro II, enquanto instituição histórica, possui tradições – expressas em seus símbolos, seu hino, seu uniforme e suas práticas –, também o Centro de Referência em Educação Infantil vem desenvolvendo instrumentos e

mecanismos que afirmam uma identidade institucional em construção, que pretendem garantir o sentimento de pertencimento ao Colégio por parte das crianças, dos professores e funcionários, e mesmo das famílias.

O Colégio Pedro II possui Unidades Escolares no Centro, Engenho Novo, Humaitá, São Cristóvão e Tijuca, e ainda as expansões mais recentes, nos anos 2000, em Duque de Caxias, Niterói e Realengo. No entanto, a primeira Unidade de Educação Infantil do Colégio Pedro II<sup>7</sup> está localizada no bairro de Realengo, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, e compartilha o extenso quarteirão que o Colégio ocupa com os Campi Realengo I e Realengo II, que atendem ao Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II / Ensino Médio, respectivamente.

Figura 2: Fachada do CREIR.



Fonte: [www.cp2.g12.br/campi/unidade\\_educacao\\_infantil.html](http://www.cp2.g12.br/campi/unidade_educacao_infantil.html)

---

<sup>7</sup> A Unidade de Educação Infantil do Colégio Pedro II foi construída em parceria com o Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Escolar Pública de Educação Infantil (**Proinfância**). Segundo o Portal do FNDE, “o programa foi instituído pela Resolução nº 6, de 24 de abril de 2007” e é a sua “principal ação no campo da infraestrutura educacional e presta assistência técnica e transfere recursos financeiros a municípios e ao Distrito Federal para construir creches e adquirir equipamentos e mobiliários para a educação infantil.”. Fonte: [www.fnde.gov.br/programas/proinfancia](http://www.fnde.gov.br/programas/proinfancia).

Figura 3: Entrada principal do CREIR.



Fonte: [www.cp2.g12.br/campi/unidade\\_educacao\\_infantil.html](http://www.cp2.g12.br/campi/unidade_educacao_infantil.html)

Figura 4: Pátio do CREIR



Fonte: [www.cp2.g12.br/campi/unidade\\_educacao\\_infantil.html](http://www.cp2.g12.br/campi/unidade_educacao_infantil.html)

Figura 5: Sala de aula do CREIR.



Fonte: [www.cp2.g12.br/campi/unidade\\_educacao\\_infantil.html](http://www.cp2.g12.br/campi/unidade_educacao_infantil.html)

Figura 6: Sala de aula do CREIR.



Fonte: [www.cp2.g12.br/campi/unidade\\_educacao\\_infantil.html](http://www.cp2.g12.br/campi/unidade_educacao_infantil.html)

Figura 7: Varandas anexas às salas de aula.



Fonte: [www.cp2.g12.br/campi/unidade\\_educacao\\_infantil.html](http://www.cp2.g12.br/campi/unidade_educacao_infantil.html)

O documento denominado Projeto de Implantação da Primeira Etapa (3 a 5 anos) da Educação Básica no Colégio Pedro II (2011) aponta uma demanda da comunidade local por educação de qualidade. Explica que o bairro de Realengo, segundo o Censo 2000, apresentava grande número de analfabetos, desempregados e com baixa renda. Traz ainda dados do IBGE de 2000 que apontam grande número de habitantes na região residentes em favelas. Afirma então, que “observa-se grande degradação social, sendo visível um padrão desumano de vida, com práticas cotidianas de violência urbana e assustadores bolsões de pobreza” (p.7). Temos então a escolha de oferta de Educação Infantil na região como uma possibilidade de favorecer a cidadania, as condições de desenvolvimento social, cognitivo, cultural e econômico da população, a partir da promoção de educação de qualidade.

O projeto cita a obrigatoriedade da Educação Básica a partir dos 4 anos, conforme a Emenda Constitucional nº59 do ano de 2009 (p.3-4). Dessa forma, a implantação da Educação Infantil no Colégio Pedro II atende a uma demanda nacional que já vinha sendo colocada desde a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº9394/96.

Em entrevista com a Coordenação Setorial, foi apresentado como principais motivações para implementação da Educação Infantil no Colégio Pedro II, o movimento político de valorização e institucionalização da Educação Infantil no Brasil, e o CP2 estaria se antecipando à previsão, segundo a LDB, de que o ensino desde os 4 anos de idade fosse obrigatório a partir de 2016. Outro apontamento apresentado foi o de que, sendo o Pedro II uma escola de referência em Educação Básica, seria importante que assumisse o compromisso de oferecer todas as suas etapas. Além das demandas sociais, outro fator para a escolha do local a ser implantada a Educação Infantil foi a disponibilidade física, dado o interesse de se construir um pavilhão térreo, plano, amplo e com espaços externos garantidos.

Com a implantação da Educação Infantil em Realengo, a unidade passou a contar com uma estrutura bastante ampla de atendimento à sociedade, sendo o primeiro complexo do Colégio a oferecer desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Além disso, sua estrutura de Complexo poliesportivo, teatro, biblioteca e escola de música atendem também à comunidade local, oferecendo atividades de extensão como cursos de línguas, exposições e atividades esportivas, por exemplo.

A implantação da Educação Infantil, em 26 de março de 2012, trouxe um novo público ao Colégio Pedro II. Um público mais novo, que ocupa mais espaço – haja vista a necessidade de espaços externos amplos para brincar e correr –, e bastante caro – dadas exigências como quantitativo professor-criança na Educação Infantil e ainda as demandas por materiais e brinquedos. Preocupações com a higiene pessoal, uso do banheiro, o contato familiar, a alimentação, o choro, o colo, o brincar, o faz-de-conta, são características intensas na primeira infância e que precisam de maior cuidado e exigem um olhar diferenciado por parte dos profissionais da Educação Infantil.

O Centro de Referência em Educação Infantil Realengo (CREIR) atende a um público bastante variado. Uma vez que o ingresso se dá por sorteio, as crianças são oriundas de diferentes realidades socioeconômicas, familiares e religiosas. E, por ser a única unidade de atendimento à Educação Infantil do Colégio, as crianças chegam de diferentes bairros do Rio de Janeiro, alguns bem distantes de Realengo.

O ingresso na Educação Infantil se dá por sorteio público de vagas e, cada vez mais, percebe-se como a procura vem aumentando, dado o número de

crianças inscritas nos sorteios. O CREIR atende um total de 168 crianças, divididas em 12 turmas de 3 a 5 anos. Para o sorteio anual, são disponibilizadas 24 vagas para crianças de 3 anos e 48 vagas para crianças de 4 anos, totalizando 72 vagas abertas para o sorteio público por ano.

Na tabela abaixo temos o quantitativo de vagas disponíveis e inscrições no sorteio para a Educação Infantil do Colégio Pedro II nos dois últimos anos letivos, conforme informações extraídas de Oliveira (2017, no prelo):

Tabela 3: Dados dos sorteios de vagas de 2016 e 2017.

	Ano 2016		Ano 2017	
	VAGAS	INSCRIÇÕES	VAGAS	INSCRIÇÕES
3 anos de idade	24	2454	24	1888
4 anos de idade	48	3294	48	2175

Conforme a tabela acima, podemos perceber uma queda no número de inscritos no sorteio de vagas do ano de 2016 para 2017. Uma possível razão para tal queda pode vir a ser o extenso período de greve no segundo semestre de 2016, acarretando o início do ano letivo de 2017 apenas no final de abril deste ano. Para as crianças ingressas em 2017, significou um período de fevereiro a abril sem frequentar a escola, enquanto era feita a reposição de aulas do ano anterior. Esta pode ter sido uma razão para a menor procura pela Educação Infantil do Pedro II.

### 2.3 De onde vem as crianças do CREIR

O ingresso no CREIR acontece por sorteio anual. Ao longo dos últimos anos, esta forma de seleção para as crianças menores (nos anos iniciais do Ensino Fundamental e na Educação Infantil) tenta abordar mais democraticamente a sociedade, se não levarmos em conta fatores diversos como transporte, alimentação, tempo de permanência na escola, entre outros. Desta forma, a Educação Infantil do Colégio Pedro II atende crianças de diversas localidades do Rio de Janeiro.

No ano letivo de 2015, quando foi desenvolvido um projeto sobre os bairros em duas turmas de crianças de 5 anos do turno da manhã, foi composta uma

música pelo professor de música, que ajuda a dimensionar a diversidade de bairros de residências das crianças das duas turmas:

Onde Mora Cada Um

Parte A

Agora vem cantar  
 O nome dos bairros  
 A gente vai saber  
 Onde mora cada um  
 Agora vem cantar  
 O nome dos bairros  
 Da turma 33 e da turma 31  
 Da turma 33 e da turma 31

Parte B

Vicente de Carvalho  
 Bangú  
 Pavuna, Curicica  
 Jacarepaguá  
 Coelho Neto, Cordovil  
 Copacabana  
 Barra e Meier  
 Bento Ribeiro  
 Jabour  
 Bras de Pina, Irajá  
 Imbariê  
 Campo grande, Vila da Penha  
 Anchieta, Taquara

Refrão

Mas, tá faltando um  
 Quero ver quem vai falar  
 É o bairro da escola  
 Que a gente vai cantar  
 Re Re Re Realengo  
 Re Re Re Realengo  
 Re Re Re Realengo  
 Re Re Re Realengo

(COTRIM, 2016, p. 96)

Conforme podemos observar na letra da música, são citados diversos bairros distantes da escola, como Barra, Pavuna, Imbariê, entre outros. O CREIR recebe crianças de diferentes localidades, mas outra informação também se tornou evidente em minhas observações durante esse projeto e ao longo do meu tempo no CREIR, e ainda na pesquisa de Cotrim (2016), autor da referida música: A maioria das crianças moram no próprio bairro, Realengo, ou em bairros vizinhos, como Bangu.

A Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional (PRODI) do Colégio Pedro II divulga o Perfil Discente a partir do CPII em Números<sup>8</sup>. A pesquisa do Perfil Discente foi realizada anualmente a partir de 2014, porém a pesquisa de 2016 ainda não foi disponibilizada. O Perfil Discente traz informações sobre cada Campus e ainda um perfil geral. São oferecidas as seguintes informações sobre os estudantes: Região onde moram, idade, sexo, renda familiar e cor/raça<sup>9</sup>.

Temos abaixo o *Perfil Discente*, conforme divulgado pelo Colégio, dos anos de 2014 e 2015, referentes à Educação Infantil:

---

<sup>8</sup> O *CPII em Números* é uma ação da Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional (Prodi), por meio da Seção de Pesquisa Institucional (SPI), da Diretoria de Gestão do Conhecimento (DGC). Tem o objetivo de divulgar alguns dados quantitativos do Colégio Pedro II, entre eles dados referentes a despesas, pesquisas, servidores, entre outros. Nos anos de 2014 e 2015, foi desenvolvido o Perfil Discente. Pesquisa completa consta em [http://www.cp2.g12.br/proreitoria/prodi/cpii\\_numeros](http://www.cp2.g12.br/proreitoria/prodi/cpii_numeros)

<sup>9</sup> As informações cor e raça constam agrupadas no Perfil Discente.

Figura 8: CPII em Números - Perfil Discente 2014.



Figura 9: CPII em Números - Perfil Discente 2015.



Com uma leitura mais atenta do perfil discente, podemos constatar sobre o público atendido pelo CREIR:

- A grande maioria (mais de 70%) das crianças mora na zona oeste, mesma região da escola, onde Realengo e adjacências se encontram;
- A grande maioria das crianças que não moram na Zona Oeste residem na Zona Norte (cerca de 25%), região vizinha a Zona Oeste, que engloba bairros com uma certa distância, porém com acesso relativamente favorável ao bairro de Realengo;
- É bem pouco expressivo o número de crianças que residem em outras localidades, chegando a ser nulo o número de crianças residentes na Zona Sul, Niterói ou em outros municípios.

A análise dos dados do *Perfil Discente* pode encaminhar diversas reflexões. Podemos questionar, por exemplo, qual a real abrangência do sorteio público de vagas e quais as razões que impediriam famílias de outros bairros a se inscreverem no sorteio. Tais questões serão tratadas a seguir.

## 2.4

### O acesso à Educação Infantil do Colégio Pedro II

Conforme editais 027/2016 e 028/2016, publicados no site do Colégio Pedro II, referentes ao concurso para o ano letivo de 2017, o ingresso para a Educação Infantil ocorre através do sorteio de vagas. Foram ofertadas 24 vagas para crianças de 3 anos e 48 vagas para crianças de 4 anos. As inscrições são feitas pela internet num período de 15 dias. O valor da taxa de inscrição do processo seletivo é de 40 reais. Para a obtenção de isenção dessa taxa, as famílias deveriam, durante os dois primeiros dias de inscrição, informar no sistema eletrônico seus dados de identificação de benefício assistencial do governo.

O sorteio de vagas foi realizado no dia 08 de dezembro de 2016, no Auditório do Campus Realengo II. Nesse aspecto, trago meus relatos de campo, referentes ao sorteio de vagas de para o grupamento III (crianças de 3 anos) da Educação Infantil, para o ano letivo de 2017:

*Logo ao chegar me surpreendi com a quantidade de pessoas no auditório, estava cheio, já havia pessoas em pé. Encontrei um lugarzinho vago na primeira fila, de onde poderia acompanhar os detalhes da narração. Ao passar pelas cadeiras reparei que havia famílias, pai e mãe juntos, e muitas das crianças candidatas estavam lá.. (Relato do caderno de campo)*

Era perceptível a apreensão de muitas famílias, alguns relatavam que faltaram ao trabalho para estar ali, e que seria “um sonho” ou “uma benção” se suas crianças fossem sorteadas. A cada número sorteado, os casais davam as mãos, havia preces em voz baixa, unhas roídas e muitas palmas quando o responsável da criança sorteada estava presente. Estes, ao ouvirem os números de seus filhos, gritavam, choravam, abraçavam-se.

Segue o relato das expectativas de uma das mães presentes:

*Já à minha esquerda, uma mãe resolve puxar papo comigo, relatando que possuía duas filhas gêmeas inscritas e sobre seu medo de que apenas uma fosse sorteada. Dizia que preferia que nenhuma entrasse a entrar apenas uma. Lhe perguntei então se ela realmente achava que valeria o sacrifício, no que ela me relatou o alívio financeiro que seria, pois paga cerca de 1200 reais para as duas filhas em escola particular, e disse ainda que precisou deixar o trabalho para ficar com elas no turno que não estão na escola, visto que o custo de duas mensalidades em horário integral era muito alto. Disse então que mesmo morando em Nilópolis e a escola sendo em Realengo, valeria a pena. Ela me mostrava no celular, orgulhosa, fotos das filhas. (Relato do caderno de campo)*

O relato nos possibilita certa leitura dos demais fatores para compreendermos a escolha da escola de seus filhos. Além da gratuidade, qualidade e tradição.

Temos fatores como locomoção, tempo de permanência na escola, questões financeiras, e mesmo toda uma dinâmica familiar que precisa ser estruturada para atender às demandas escolares da criança. Com esse e outros depoimentos de pais e responsáveis, seja no sorteio relatado ou mesmo em situações cotidianas da Educação Infantil, percebo que a escolha das famílias pelo Colégio Pedro II, ainda que a única Unidade de Educação Infantil se encontre em Realengo (um bairro do subúrbio carioca) se dá visando principalmente uma educação pública de qualidade por toda a Educação Básica. Haja vista que a grande maioria das crianças moram nos arredores da escola, conforme dados apresentados no *CP2 em Números*, percebe-se então que o fator proximidade da residência parece ter grande influência na tomada de decisão por matricular os filhos na Educação Infantil do Colégio Pedro II.

Há a procura de crianças de outros bairros e, embora nem todas sejam contempladas no sorteio de vagas, podemos perceber que a tradição do Colégio extrapola o limite dos bairros, dada a procura de famílias de outras localidades.

No site da Secretaria Municipal de Educação podemos obter mais informações sobre a rede de ensino na região. Realengo pertence à 8ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE). A 8ª CRE possui 188 Unidades Escolares Municipais. Destas, 50 se encontram no bairro de Realengo. Dentre estas 50 Unidades escolares temos Escolas, CIEPs, Creches e Espaços de Desenvolvimento Infantil (EDI). Para o atendimento específico da Educação Infantil, temos 4 Creches e 8 EDIs, totalizando apenas 12 espaços de E.I. pública municipal em Realengo, num total de 50 Unidades Escolares.

O quantitativo baixo de espaços de Educação Infantil no bairro nos ajuda a compreender a escolha de Realengo para a implantação desta etapa da Educação Básica, e ainda demonstra a demanda pelo oferecimento de mais vagas, haja vista a alta procura nos sorteios de vagas, como exposto no Relatório de Gestão e Prestação de Contas do Exercício de 2016:

Quanto aos benefícios prestados à comunidade local, sinalizamos que o CREIR compõe, em conjunto com outros campi do CPII em Realengo, a única instituição federal que atende todos os segmentos da Educação Básica na região. Isso possibilita um conforto para as famílias, a considerar o contentamento expresso pela procura para as vagas ofertadas para o sorteio em 2016, que contou com 4.050 inscrições para 72 vagas. (*Relatório de Gestão e Prestação de Contas do Exercício de 2016; p. 68*)

É importante frisar que o CREIR atende também crianças advindas de outros bairros do Rio de Janeiro, ainda que em menor escala. Para estes, a escolha ao Pedro II ganha uma denotação de sacrifício das famílias – haja vista o deslocamento com crianças pequenas ou o alto valor pago pelos transportes escolares – em prol de uma educação pública e gratuita de qualidade por toda a Educação Básica.

Certa vez a mãe de um menino residente na Barra da Tijuca me relatou seus motivos pela escolha da escola. Explicou que a família possuía uma origem humilde e que era importante para os pais que a criança pudesse ter acesso a uma educação pública de qualidade, tendo contato com pessoas de diferentes condições financeiras e realidades culturais. Dessa forma, fizeram a opção de colocar a criança no sorteio e, ao conseguir a vaga, retirá-la da rede privada de ensino e investir em um serviço de condução escolar para levar e buscar a criança da escola diariamente. Terminado seu tempo na Educação Infantil, as crianças possuem suas matrículas garantidas em Realengo I, o Campus do Ensino Fundamental I no mesmo complexo do Colégio, em Realengo. Nessa ocasião, a família da criança

fez a opção de pedir transferência para o Campus Humaitá. De certa forma, tenho percebido ser esse um movimento recorrente: As poucas crianças que atendemos advindas de regiões mais distantes, ao encerrarem a Educação Infantil – já que esta só é oferecida em Realengo – optam pela transferência para outros Campus que ofereçam o Ensino Fundamental I mais próximo de suas residências. A escolha por manter a criança na Educação Infantil em Realengo, para estas famílias, é uma forma de garantir a vaga em uma instituição pública com reconhecida qualidade de ensino por toda a vida escolar.

### 3

## A Educação Infantil do CP2: A Construção da Identidade

*Não me iludo  
Tudo permanecerá do jeito  
Que tem sido  
Transcorrendo, transformando  
Tempo e espaço navegando todos os sentidos  
(...)  
Tempo rei, ó tempo rei, ó tempo rei  
Transformai as velhas formas do viver  
Ensinai-me, ó Pai, o que eu ainda não sei  
Mãe Senhora do Perpétuo socorrei*  
(Trecho da Música “Tempo Rei” - Gilberto Gil (1984))

Assim como minha identidade profissional vem descobrindo novos rumos a partir do meu ingresso nesta instituição, também a Educação Infantil dava seus primeiros passos quando cheguei nesse espaço, uma vez que estava funcionando há menos de dois anos.

A Educação Infantil no Colégio Pedro II está chegando ao seu sexto ano de existência e vem montando seu quadro de profissionais efetivos, tendo conquistado a pouco mais de três anos direção, coordenação e assistência pedagógica exclusivas para a Educação Infantil.

Embora seja uma etapa de ensino recente na instituição, vem sendo desenvolvido um trabalho em Educação Infantil pública com estrutura e condições de trabalho favoráveis, embora, como qualquer prática escolar, sempre passível de reflexões e melhorias. Há a bidocência – quando cada turma é atendida por dois professores regentes simultaneamente –, o quantitativo reduzido de crianças por turma – as turmas de 3 e 4 anos possuem 12 crianças e as turmas de 5 anos possuem 18 crianças – e a compreensão de múltiplas linguagens/áreas do conhecimento, visto que o Colégio Pedro II possui no CREIR, além das professoras e professores de Educação Infantil, docentes de Educação Física, Artes Visuais, Música e Informática.

Um ponto importante – que inclusive frequentemente permeia as discussões entre os profissionais da Educação Infantil em reuniões pedagógicas e Colegiados<sup>10</sup> – é a questão da identidade que vem se estabelecendo no CREIR, tão

---

<sup>10</sup> Colegiados são reuniões realizadas periodicamente por cada Departamento do Colégio, com todos os servidores integrantes deste Departamento. Nele são debatidos, deliberados e votados assuntos diversos referentes ao trabalho daquele grupo. Os Colegiados da Educação Infantil, por

recente no colégio. O estudo da identidade do Colégio Pedro II se dará a partir das seguintes perspectivas: O processo de construção da organização administrativa e pedagógica e do Projeto Pedagógico, e as diversas percepções da comunidade escolar.

Pollak (1992) nos ajuda a pensar a identidade que vem sendo construída no CREIR, ao trabalhar o termo *identidades coletivas*:

Por identidades coletivas, estou aludindo a todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro do grupo - quer se trate de família ou de nação - o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência. (POLLAK, 1992, p.7).

Compreendo que a identidade coletiva, bem como o sentimento de pertencimento por parte dos integrantes da comunidade escolar, vem sendo desenvolvidos e valorizados a partir de investimentos diversos com esta intenção, que serão explorados mais a diante.

O autor aponta ainda a força coletiva que a identidade e a memória agregam:

Gostaria de enfatizar que, quando a memória e a identidade estão suficientemente constituídas, suficientemente instituídas, suficientemente amarradas, os questionamentos vindos de grupos externos à organização, os problemas colocados pelos outros, não chegam a provocar a necessidade de se proceder a rearrumações, nem no nível da identidade coletiva, nem no nível da identidade individual. (POLLAK, 1992, p.7)

Mais à diante será estabelecido o diálogo entre os olhares, interferências e expectativas dos diferentes sujeitos da comunidade escolar sobre os fazeres e as escolhas pedagógicas da Educação Infantil do Pedro II, bem como os movimentos de afirmação pela equipe docente.

A análise do processo de construção da identidade do Centro de Referência em Educação Infantil terá como fonte as entrevistas realizadas com os docentes, documentos internos e situações observadas no campo de pesquisa.

---

exemplo, são organizados e presididos pela chefia do DEI (Departamento de Educação Infantil), com a participação dos docentes (efetivos ou contratados) da Educação Infantil. Os docentes de outras linguagens que atuam no CREIR (Informática Educativa, Artes Visuais, Educação Física e Educação Musical) participam de colegiados específicos de suas disciplinas. Os servidores técnicos que atuam no CREIR também não participam do Colegiado da Educação Infantil.

### 3.1 Pesquisas sobre a Educação Infantil do Pedro II

Alguns estudos já foram realizados academicamente tendo como campo a Educação Infantil do Colégio Pedro II.

Temos a pesquisa, de Soares, C. (2014). A autora analisa os usos dos livros ilustrados em uma turma da instituição. Embora a temática não contemple diretamente minha linha de pesquisa, suas descrições minuciosas da rotina e do espaço num período de tempo em que eu ainda não atuava na instituição, são significativas para resgatar as memórias dos dois primeiros anos da Unidade de Educação Infantil Realengo, quando esta ainda estava atrelada ao Ensino Fundamental I e ainda não haviam professores efetivos na Educação Infantil.

Já Cotrim (2016) estuda as composições enquanto prática das aulas de Educação Musical na Educação Infantil do Colégio Pedro II. Sua pesquisa nos mostra, assim, o papel de autoria que as crianças desempenham, apontando como acontece na prática a proposta pedagógica do CREIR. O autor nos ajuda a compreender as relações que se estabelecem entre as diferentes linguagens que atendem às crianças dessa faixa etária, visto que as aulas de Artes Visuais, Educação Musical, Educação Física e Informática Educativa fazem parte da rotina das crianças de 3 a 5 anos do Colégio Pedro II, diferentemente da grande maioria das demais instituições públicas de Educação Infantil.

Oliveira (2017, no prelo) reflete sobre a construção do currículo da Educação Infantil do CP2, apontando as tensões, interlocuções, diálogos e desafios do processo de implantação da Educação Infantil. Ao tratar da criação desse currículo, estabelece importantes relações sobre a identidade em construção naquele espaço e reflexões sobre a tradição em excelência do Colégio. Traz ainda minuciosa apresentação da estrutura organizacional do CREIR, tornando-se uma rica fonte de pesquisa.

A então Unidade de Educação Infantil publicou em 2015 uma revista digital (criada a partir de projeto de extensão de um grupo de professores) denominada Práticas em Educação Infantil. Tal publicação recebe apenas artigos dos docentes do CREIR sobre as práticas desenvolvidas. Essa publicação também é um importante objeto de análise, pois ali seus educadores expressam suas ideologias, angústias e narram suas práticas.

### 3.2

#### Primeiros tempos de professoras e professores recém-chegados na Educação Infantil

Sobre as 12 entrevistas semiestruturadas com professoras e professores da Educação Infantil do Colégio Pedro II, é importante sinalizar o recorte que levou à escolha dos entrevistados e sua divisão em quatro categorias:

Tabela 4: Categorias de professores entrevistados (Critérios)

<b>Professores contratados entre 2012 e 2014</b>	Nos trazem um olhar dos primeiros anos da E.I, quando esta estava atrelada ao Ensino Fundamental I.
<b>Professoras efetivas empossadas em novembro de 2013</b>	Vivenciaram a implantação da Coordenação Setorial em janeiro de 2014 e participaram da criação da proposta pedagógica e de formação continuada durante o mês de janeiro de 2014, e outras subsequentes.
<b>Professores efetivos empossados em março de 2014</b>	Embora tenham ingressado com as aulas já iniciadas, também puderam vivenciar os primeiros tempos da Educação Infantil com maior autonomia e participaram de diversas reflexões sobre a proposta pedagógica e as práticas.
<b>Professoras efetivas empossadas em agosto de 2015</b>	Demonstraram que encontraram a proposta pedagógica já bem encaminhada e práticas já instituídas.

Uma das professoras da Educação Infantil do Colégio Pedro II entrevistada acredita que o valor histórico e de referência atribuído ao Colégio Pedro II repercutia na Educação Infantil desta instituição antes mesmo que ela existisse:

*(...) quando você pensa num colégio desses, que antes da coisa existir ela já é referência. (...) Antes da Educação Infantil existir, as pessoas já falam. Já falam da educação infantil como se fosse algo consolidado, que é uma coisa absolutamente nova que nem a gente consegue dizer, enfim de... sei lá, desde referencial teórico dos professores até práticas, é muito plural, é muito debatido, é muito construído, então tudo isso dá... causa um impacto quando você fala né, o pessoal fala “Aí,*

*como é que é lá?” Eu não sei dizer como é que é lá, entendeu.*  
(Professora 4)

Esse relato deixa evidente o peso que as memórias coletivas e sociais referentes ao Pedro II possui e como elas alimentam o imaginário e as expectativas das pessoas sobre essa nova etapa da Educação Básica que o Colégio se propõe atender; reflete ainda como, na compreensão dessa professora e de outros docentes que vivenciam o cotidiano do CREIR, a identidade desse espaço não se define a partir da identidade coletiva do Colégio como um todo, endossando a concepção de que esta não está posta, ela se faz ao longo de suas histórias e a partir das memórias que lá se criam.

Nas entrevistas realizadas com 12 professores e ex-professores da Educação Infantil do Colégio, temos suas primeiras impressões sobre a realidade que encontraram.

Quando a Educação Infantil do Colégio Pedro II iniciou suas atividades, embora tenha sido construído um prédio moderno e amplo para suas instalações, pedagógica, administrativa e financeiramente a Educação Infantil estava atrelada ao Ensino Fundamental I. A Educação Infantil abriu as portas com um corpo docente constituído de professores contratados recém-chegados e duas professoras cedidas temporariamente pelo Ensino Fundamental I.

Como em qualquer espaço novo, houve desafios aos que ali chegavam. Um professor entrevistado, que atuou desde a inauguração da Educação Infantil no CP2, relata as dificuldades encontradas nesse período:

*(...) ela [a unidade] não tinha nada, ela não tinha nem um móvel, ela só tinha esqueleto, ela só tinha prédio, os móveis foram chegando depois, então a nossa sala de reunião, mesa, era tudo de Realengo I. (...) A gente começou com cadeiras emprestadas do Ensino Fundamental, que eram aquelas cadeiras grandes que você consegue regular... são cadeiras grandes assim de plástico que você regula a altura e a profundida, só que elas eram muito grandes, a gente tinha 4, era mesa e cadeira, então a gente tinha de 4 a 6 por sala, porque aquilo era muito grande, era um trambolho né, então a gente usava muito mais o chão e o pátio do que as cadeiras.*  
(Professor 2)

A falta de mobiliário durou pouco, e logo a Educação Infantil foi ganhando mesas, cadeiras, murais, brinquedos, jogos... Mas as dificuldades geradas pelo baixo quantitativo de pessoal foi relatada por outra professora entrevistada, que também atuou por contrato a partir do segundo ano da instituição. Ela narra com

detalhes seu primeiro dia de aula, conta que chegou no seu primeiro dia de trabalho sem conhecer as crianças, que já estavam habituadas à rotina do Colégio. Sua dupla de docência que acompanhava a turma (visto que todas as turmas possuem dois professores regentes) precisara faltar para fazer exame médico naquele dia e, ao chegar, as professoras das outras turmas lhe apresentaram às crianças. A professora contou ainda que recorreu à ajuda das crianças para lhe apresentar os espaços:

*Fui conversando com as crianças e aí as crianças foram me mostrando o espaço. “Ah, eu não conheço a escola!” Aí uma criança disse: “Ah, então a gente vai mostrar a escola pra você.”. E aí eles foram mostrando os espaços da escola. As professoras do lado falaram: “Olha, tem a hora do lanche, daqui a pouco é isso.” Ficaram me ajudando, passaram um pouco da rotina como era. E as crianças que me ambientaram. (Professora 11)*

Diz ainda que sua apresentação à instituição, o reconhecimento do espaço, a apropriação da proposta pedagógica, “foi tudo no dia a dia, pa-pum” (Professora 11).

Temos assim a forma como essa professora foi criando suas primeiras impressões sobre a Educação Infantil: Primeiramente pelo olhar das crianças e, logo em seguida, pelo olhar de suas colegas de profissão. As primeiras memórias desta professora estão imbuídas não apenas de suas impressões e surpresas, mas também do vivido com os demais sujeitos e das impressões que lhe foram transferidas. Logo na sua chegada, a forma escolar (VINCENT *et al*, 2001) lhe foi ensinada pelas crianças e pelas professoras. Quando não sabia como proceder na hora da entrada, outra professora mais antiga lhe disse: “Fica aqui que a tua turma vai parar aqui e fazer uma fila”. Assim lhe foi passada uma tradição escolar, e assim as crianças formaram em fila, diante de uma professora nova que jamais haviam visto, porque ela estava no lugar da fila onde deveria estar. Hoje a Educação Infantil do CP2 não faz mais fila, diferentemente de todo o Colégio; esta pode ser considerada, de certa forma, uma quebra dessa tradição.

O relato da Professora 11, ao contar como as crianças lhe apresentaram a escola, também enfatiza como, desde o começo da Educação Infantil, já se fazia presente uma característica que, mais tarde, em reuniões de planejamento ou mesmo no processo de elaboração coletiva do PPPI, vem sendo algo bastante valorizado na proposta pedagógica e que, inclusive, foi apontado por vários

professores entrevistados como uma marca de seu cotidiano com as crianças: Trata-se da autoria infantil, ou seja, compartilhar o espaço de fala com as crianças, que refletem e constroem o planejamento junto com os docentes, num processo que valoriza o que as crianças já sabem e trazem para a escola, permitindo ainda que elas sejam as principais autoras dos projetos desenvolvidos.

As professoras entrevistadas que ingressaram na primeira chamada do primeiro concurso de professores efetivos – grupo este no qual me incluo – manifestaram outras impressões em sua acolhida. Esse primeiro grupo de concursadas tomou posse em novembro de 2013. Como o ano letivo estava já no fim e as turmas estavam com seu quadro docente quase completo pelos professores contratados, esse primeiro grupo teve a oportunidade de, durante alguns dias, atuar como docentes volantes, circulando entre as turmas, compreendendo as dinâmicas dos grupos e daquele espaço, assimilando a proposta pedagógica.

Uma professora conta que, nesse período sentiu-se mais bem recebida pelo Colégio Pedro II, com todas as cerimônias e reuniões gerais, como relatado anteriormente, do que pela equipe da Educação Infantil. Ela encontra justificativa para isso *“porque era final do ano, era uma equipe que já estava meio que sabendo que ia sair, e entendo que a gente chegou no meio de uma correria, no final de um processo, já estava acabando e aí assim, não percebi tanto esse acolhimento.”* (Professora 7). Outras professoras entrevistadas reverberam dessa opinião.

Percebemos então como a tradição do Colégio Pedro II já se fez presente fortemente em discursos calorosos, ensinamento de normas, apresentações feitas a todo um grande grupo de novos servidores que chegavam a instituição (conforme relatado anteriormente a partir das memórias da autora). Na prática, no entanto, e no contexto menor do espaço propriamente dito da Educação Infantil, a rotina corrida com as crianças já no fim do ano letivo parecia bem mais forte que qualquer ritual de apresentação e acolhimento aos novos professores.

Logo em 2014, grande parte dos contratos se encerravam e agora nós assumiríamos as turmas. Essa transição de ano letivo contou também com grandes mudanças na Educação Infantil, que agora se desvinculara do Ensino Fundamental I e passou a ser denominada Unidade de Educação Infantil Realengo (UEIR), contando com Coordenação Setorial, SESOP (Setor de Supervisão e

Orientação pedagógica), cozinheiras, funcionários de recepção, portaria e secretaria.

Conforme vários entrevistados, essa Coordenação, embora também recém-chegada, demonstrou esforço em acolher e apresentar o espaço e as práticas aos professores novos.

Vários professores entrevistados colocam como uma conquista da Educação Infantil a estrutura proporcionada pelos diferentes setores e servidores que, a partir da implantação da Unidade de Educação Infantil, em 2014, passaram a atuar diretamente nesse espaço, já que anteriormente se fazia necessário acionar serviços técnicos, de coordenação e secretaria em outro espaço físico, dividindo sua atenção com as demandas do Ensino Fundamental I.

Outro grupo de professores efetivos chegou pouco depois, em março de 2014 e, com o ano já iniciado, relataram que foram bem recebidos, porém não havia tempo para grandes recepções. De forma geral, pude perceber que as primeiras impressões dos professores sobre a escola estão muito relacionadas a forma como lhes foi apresentado aquele espaço e as práticas; suas expectativas antes mesmo do trabalho com as crianças ou dos projetos pedagógicos, perpassam as relações que se estabelecem. Os professores que puderam ser recepcionados pela reitoria tiveram maior contato com a tradição do Colégio, enquanto os que não tiveram essa recepção institucional e foram recebidos diretamente na Educação Infantil não foram apresentados formalmente à tradição escolar. Não significa dizer que não a conhecem ou que não tiveram contato com ela, significa apenas que a adquiriram por outros meios que não a exposição formal em discursos sobre a excelência do Colégio Pedro II. A tradição do Colégio se faz presente de muitas formas.

Em unanimidade os professores entrevistados elogiam a estrutura e as condições de trabalho no Colégio Pedro II. Muitos estabeleceram comparações com redes municipais de ensino nas quais já haviam atuado. Uma professora diz:

*E aí, quando eu cheguei aqui na Unidade de Educação Infantil, eu tive uma ótima impressão, pensei que a gente estava numa escola que eu nunca tivesse, que eu só conhecia de sonho né, porque o espaço é amplo, todos os trabalhos eram próprios da criança já... Quando a gente chegou, a gente não viu nenhum trabalho estereotipado, nenhum mural pronto, nada pronto, então foi uma coisa que me chamou muito a atenção. De ver também as crianças muito livres, explorando mesmo no espaço externo que a escola oferece, é um espaço muito amplo, então,*

*assim, via muita liberdade das crianças... E ao mesmo tempo me chocou porque eu não estava acostumada com tanta liberdade assim, mas eu achei assim, foi um choque positivo, eu achei muito bacana, eu achei uma coisa diferente, apesar de eu considerar que eu trabalhava numa escola diferente, mas eu ainda achei que isso aqui era ainda mais diferente de tudo que eu tinha visto. (Professora 7)*

Essa professora relata sua surpresa com o espaço e também com a proposta de ensino. Muitos professores entrevistados denotam certo encantamento ao falar das condições de trabalho que encontraram.

Em uma outra entrevista, cujo ingresso da professora ocorreu na segunda chamada, com o ano letivo já iniciado, a entrevistada disse:

*Era continuação de alguma coisa, era continuação de um começo e isso, assim, depois me bateu uma baita responsabilidade (...) Enfim, tem o Pedro II, que tem esse nome todo, isso causa uma certa pressão, no sentido de assim, é o Pedro II, você agora se apresenta como professora do Pedro II, uma instituição clássica e tradicional, com um apelo conservador pra alguns, pra outros já não, pra outros é um colégio super pra frente e vanguardista, não sei o quê, e aí quando eu cheguei, eu fiquei pensando, cara, o quê que vai ser a educação infantil aqui gente, fiquei com muito medo, fiquei com muito medo de ser uma pegada muito tradicional e, enfim, eu fiquei feliz no final que eu vi que não seria isso assim, depois de todas essas expectativas de tensão, eu fiquei feliz porque não era isso. (Professora 4)*

A Professora 4 relata sua apreensão na chegada ao novo espaço, pelo peso que o nome do Colégio Pedro II carrega e pelas interpretações que a sociedade faz dessa escola, e também, assim como a Professora 7, demonstra sua preocupação sobre as práticas pedagógicas e a proposta de ensino que encontraria naquele espaço.

As professoras e professores entrevistados salientam como pontos positivos o quantitativo reduzido de crianças por turma<sup>11</sup>, a bidocência<sup>12</sup>, o espaço físico, o salário, a valorização do aperfeiçoamento profissional e a autonomia pedagógica. Vários professores entrevistados buscam ponderar afirmando que, embora com boas condições, ainda há pontos a serem revistos e melhorados, num

<sup>11</sup> As turmas de 3 e 4 anos possuem 12 crianças, já as turmas de 5 anos possuem 18 crianças.

<sup>12</sup> Todas as turmas possuem dois professores de Educação Infantil. Também durante as aulas das diferentes linguagens (Música, Artes, Informática e Educação Física) as crianças são atendidas em bidocência, com um professor de linguagem e um professor de Educação Infantil simultaneamente.

posicionamento político de luta por melhores condições e garantia de qualidade na educação para crianças até 6 anos.

Uma professora entrevistada cita que, logo em seus primeiros meses na instituição, que coincidiam com o começo da Unidade de Educação Infantil com Coordenação Setorial, houve o movimento coletivo de pensar e construir democraticamente aquele espaço e suas práticas. Relata ainda a importância que teve para ela, neste período, o movimento de construção coletiva de uma proposta pedagógica por esse novo grupo de professores e coordenação:

*(...)eu considero o início de 2014 um período de acolhimento muito mais interessante pela recepção que a gente teve, pelo cuidado de acolher os professores que estavam chegando, de pensar junto a estrutura da escola, de pensar as práticas e tentar construir isso junto. Eu acho que esse momento para mim ficou marcado mais como acolhida. (Professora 3)*

Este foi um movimento marcante daquele período, e que até hoje vem sendo um movimento contínuo do grupo docente: a prática democrática de construções coletivas e discussões sobre os fazeres pedagógicos, sobre os usos dos espaços, sobre as formas de avaliação, sobre as concepções de infância... enfim, ao longo dos cinco anos da Educação Infantil no Colégio Pedro II a construção e reconstrução das ideias tem estado presente de forma política, pedagógica, ideológica e prática. Conforme um professor entrevistado refletiu sobre o assunto, “*Essas práticas, na verdade, são práticas de diálogo. São práticas de constante diálogo*” (Professor 2).

A Professora 4, ao ser perguntada se percebe uma identidade na Educação Infantil do Colégio Pedro II, disse achar que:

*(...) a gente tem princípios, princípios que parecem ser gerais assim e, se não são consensuais, quem não concorda, não se manifesta. Mas, assim, a gente não acha que a Educação Infantil é um espaço de alfabetizar, enfim e, sobretudo são os princípios legais para Educação Infantil, os princípios das diretrizes [Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil] e tal, a gente... e assim até a contribuição da sociologia da educação, acho que a criança como sujeito histórico, que a criança é autora, que a criança pode propor. Eu acho que isso é um ponto de partida para todo mundo e assim, se a gente tem uma identidade, a gente tem essa identidade que são essas concepções mais progressistas em relação a Educação Infantil. (Professora 4)*

Essa professora acredita então, que existe uma aproximação entre os docentes sobre a concepção de Educação Infantil e sobre os referenciais e

princípios básicos considerados por eles. Em minhas entrevistas com os 12 professores entrevistados, pude perceber que, de fato, há uma certa semelhança nos discursos, no que se refere a uma ideia de Educação Infantil com crianças mais atuantes. Termos como “criança autora”, “autonomia” e “feito por eles” foram frequentes nas entrevistas.

A professora 4 prossegue dizendo que, embora existam concepções próximas nos discursos, “Por outro lado o que a gente, na prática, faz com isso é muito diferente”. Explica que não percebe existir entre seus colegas práticas que contradigam essas ideias, mas que, ao mesmo tempo, a forma como essas práticas são orientadas podem variar. Ela não traz isso como um ponto negativo, apenas como uma constatação pessoal.

Enquanto observadora, pude constatar que, de fato, as práticas existentes parecem receber formatos diferentes conforme os professores de cada turma. Num espaço no qual se afirma o respeito às ideias e individualidades infantis, me parece coerente que também haja esse mesmo movimento em relação aos professores, que estes também possam se expressar da forma que mais lhes agrada. Desde, é claro, que de forma consciente, cuidadosa e respeitosa, tanto aos demais profissionais, quanto as crianças e famílias.

É fato que cada educador possui sua própria história na profissão docente, eles não se tornaram professores ao entrar para o Pedro II. Trazem assim, suas memórias e tudo o que faz sentido para cada um enquanto educador. Dessa forma, percebo que o espaço docente da Educação Infantil do CP2 é composto pluralmente, por indivíduos únicos que parecem buscar pontos de congruência para afinar suas práticas.

Num segundo concurso para efetivos ingressaram duas professoras novas, em agosto de 2015. Ao entrevistá-las pude perceber que possuem visões próximas sobre sua chegada na Educação Infantil do Colégio Pedro II. Como o ingresso dessas duas professoras ocorreu quase 2 anos após os primeiros efetivos e cerca de 3 anos e meio após a inauguração da Educação Infantil nessa instituição, considero interessante refletir à luz das impressões dessas pessoas que chegaram ao CREIR já num outro momento de sua história.

Primeiramente ambas possuem memórias positivas sobre seus primeiros meses na instituição. Explicam que, como chegaram à escola já com as turmas formadas e próximo ao término do ano letivo, houve tempo para que fossem

acolhidas e apresentadas à instituição. Ambas sinalizam que foram recebidas pela Coordenação Setorial, que realizou encontros em vários dias com estas então, novas professoras, para conversar e lhes ser apresentada a proposta pedagógica da escola. Só então elas foram para a sala de aula, quando atuaram como “terceiras professoras” ou “professoras volantes”. Significa dizer que elas não possuíam uma turma fixa, circulavam entre as turmas dos diferentes grupamentos e estabeleciam parcerias com vários outros professores. As entrevistadas apontam que esta foi uma experiência positiva, pois puderam conhecer e se apropriar da proposta da escola.

Uma dessas professoras narra com maiores detalhes suas memórias desse período:

*A gente teve como se fosse uma semana de acolhimento, então nós passamos por algumas turmas tanto de manhã quanto a tarde, independente do turno que a gente fosse trabalhar depois, dos diferentes grupamentos<sup>13</sup>, das diferentes faixas etárias, tive algumas reuniões para poder entender um pouco da proposta da escola, tive acesso a alguns documentos... e eu acho que realmente essa passagem por diversas turmas e esse diálogo com a direção pedagógica, eu acho que favoreceu muito a minha entrada aqui e o que favoreceu mais ainda depois disso ao meu ver, (...) a gente ficou como uma professora volante, que também é chamado de terceiro professor aqui, então ter essa posição de terceiro professor assim que você entra, eu acho excelente porque você ainda não se apropriou daquela proposta pedagógica, do jeito que aquela instituição vê as coisas, como são as práticas, então assim, eu acompanhava, por exemplo: Eu entrei no final de agosto, eu fiquei do final de agosto até dezembro, acompanhando 3 turmas, 3 de grupamento II e 1 de grupamento III né, então assim, eu acompanhava em 3 turmas, como eram 2 professoras por turma, a metodologia, o jeito, enfim, de 6 professores, eu acompanhava a produção de portfólios, a escrita dos relatórios, a produção de aula, a rotina de cada turma. Então, eu acho que isso foi muito proveitoso pra mim, pra esse ano eu iniciar com uma turma fixa. Então, eu não sei, se isso foi porque as turmas já estavam formadas e eu cheguei quase no final do ano, ou se é realmente uma prática da instituição um professor novo entrar como terceiro professor, se tiver essa possibilidade, se é dado preferência pra isso, né... Eu acho isso, se não for de propósito, eu acho que é bom, é benéfico. (Professora 8)*

<sup>13</sup> As turmas são divididas em grupamentos: Grupamento I (3 anos), Grupamento II (4 anos) e Grupamento III (5 anos). Em 2017 as nomenclaturas dos grupamentos passaram a ser denominadas: Grupamento III (3 anos), Grupamento IV (4 anos) e Grupamento V (5 anos). Devido à essa mudança nas nomenclaturas no meio da pesquisa, optamos por identificar os grupamentos, ao longo desta dissertação, pela faixa etária.

Ambas professoras apontam essa acolhida como ideal a um novo professor em uma instituição. Obviamente, por questões práticas, em muitos casos esse movimento não é possível, como nos relatou a professora 11 que, ainda em seu período de contrato em maio de 2013, foi apresentada à escola pelas crianças e demais professoras, ou mesmo o professor 2, que em 2012, no início das atividades da Educação Infantil do CP2, precisou usar a imaginação e improvisar para driblar as mesas grandes emprestadas. Ainda assim, de forma geral, tenho observado que se fez constante com o tempo um movimento de acolhida a novos docentes da Educação Infantil, eles costumam ser recebidos com uma série de reuniões, apresentações da coordenação pedagógica, entrega de documentos, enfim, uma apresentação da proposta de ensino que, de certa forma, demonstra o que se acredita na instituição e o que se espera destes profissionais.

Tal proposta pode ser considerada um mecanismo de manter a tradição. Não a tradição da instituição Pedro II, mas a manutenção da identidade em construção pelas práticas desenvolvidas na Educação Infantil. Ainda que tais práticas sejam cotidianamente repensadas, refletidas por toda a equipe, questionadas na busca por um trabalho cada vez mais eficaz – o que de fato vejo acontecer naquele espaço –, a apresentação da proposta pedagógica aos novos professores possui uma dualidade de sentidos. Ao mesmo tempo em que acolhe, abraça e transmite maior segurança aos novos docentes, também os coloca a par do fazer pedagógico daquele lugar, apresenta as escolhas metodológicas que, até aquele momento, foram feitas; exerce assim, uma função de manutenção das práticas instituídas. Talvez seja prematuro afirmar esta como uma tradição do CREIR, mas é fato que, embora a Educação Infantil do Pedro II possua poucos anos de funcionamento, alguma identidade, algumas ideias de concepção em comum, são apresentadas às professoras e professores recém-chegados. É possível que se alimente, desde esse momento inicial, algum sentimento de pertencimento àquele espaço/tempo/proposta.

### **3.3 O lugar da Educação Infantil no Colégio Pedro II**

Nesse contínuo processo de construção da identidade da Educação Infantil, por tratar-se de uma significação coletiva, composta por muitas vozes, diferentes indivíduos com seus olhares, opiniões e ideias diversas, muitos são os impasses

que se estabelecem. Alguns desses impasses dentro do próprio CREIR, quando se debate a metodologia, as escolhas pedagógicas, as abordagens, etc. Por ser uma gestão democrática, que conta com a participação da equipe técnico e pedagógica na tomada de decisões e elaboração da proposta, muitas são as reuniões e discussões sobre diversos assuntos mais relacionados à rotina e às práticas. Acredito que os múltiplos olhares e compreensões fazem parte desse movimento de construção coletiva e que, por certo, tornam mais ricas as reflexões.

Outro ponto de impasse na construção da identidade do CREIR é o lugar que a Educação Infantil ocupa no Colégio Pedro II.

Em sua implantação, a Educação Infantil iniciou suas atividades, em 2012, sendo dirigida pelo Ensino Fundamental I. Alguns professores entrevistados apontaram tal fato como um complicador. Um dos docentes chegou a utilizar o termo “braço”, em referência a uma ideia que muito já ouvi se propagar naquele espaço sobre a Educação Infantil, quando atrelada a outra etapa de ensino, funcionar como um “braço”, uma extensão de algo maior, e não como uma unidade de fato. Esse pensamento tem certo fundamento, se pensarmos o espaço que, historicamente, a Educação Infantil ocupou por muito tempo na sociedade brasileira: Um lugar de assistencialismo, de menor valia. Mais ainda, ao começar a perder o foco assistencialista, a Educação Infantil começou a apresentar em suas práticas, muito presentes até hoje, concepções que apontam uma educação preparatória para a Ensino Fundamental (KUHLMANN JUNIOR, 2010).

Tal ideia também foi amplamente questionada pelos docentes da Educação Infantil quando, já em 2016, após a conquista da Coordenação Setorial (separando a Educação Infantil do Ensino Fundamental I) foi apresentada por instâncias superiores do Colégio a possibilidade de reagrupar a então Unidade de Educação Infantil ao Campus Realengo I, retomando a antiga organização já citada.

Nessa situação, foi grande a mobilização das docentes e servidoras da UEIR para que se mantivesse a *autonomia* da Educação Infantil. O termo “autonomia” foi amplamente debatido na época, quando muitos consideravam que retornar a E.I. para a gestão conjunta com o E.F. seria um retrocesso à conquista adquirida.

Tal reflexão dos servidores aponta um posicionamento político, numa luta por um espaço outro para a Educação Infantil no Colégio Pedro II, que está em consonância com os estudos mais recentes da área, como o Proinfância, por exemplo, que pensa estruturas físicas e de funcionamento específicas e

especializadas para o atendimento as crianças pequenas. O programa Proinfância foi o financiador do projeto de implantação da Educação Infantil no Colégio Pedro II.

Em entrevista com a Coordenação Setorial, surgiu uma interessante reflexão:

*Às vezes eu brinco dizendo, depois de uma tensão muito grande: 'Agora a gente já está acostumado'. Porque essa briga pelo lugar da Educação Infantil não é do Pedro II, ela já está posta no campo da educação há muito tempo e isso aqui não está dissociado. É um micro contexto, mas que não está dissociado de tudo que acontece. Então, a gente só está passando a viver isso agora porque passou a oferecer a Educação Infantil. A Educação Infantil não entra na política, ela sempre esteve. (Coordenação Setorial, em entrevista concedida para a pesquisa)*

De fato, a Educação Infantil, ao longo de sua história e especialmente nas últimas décadas, necessita frequentemente se reafirmar na sociedade, buscar um espaço e práticas que a legitimem, para que não seja considerada uma preparação para a alfabetização e para o 1º Segmento do Ensino Fundamental. Conforme Kuhlmann Junior (2011, p.182):

(...) identifica-se que as propostas de programação para a educação infantil, nos diversos Estados e capitais de nosso país, estariam deixando de considerar o universo cultural da criança; privilegiando o desenvolvimento cognitivo, organizado em áreas compartimentadas e com ênfase na alfabetização; dicotomizando conhecimento e desenvolvimento; desvalorizando o jogo e o brinquedo como atividades fundamentais para as crianças; antecipando a escolaridade; e deixando de esclarecer as articulações entre atividades de cuidado e a função pedagógica preconizada.

Nesse sentido, compreendo que a Educação Infantil é sim um campo em constante luta, reflexão e reafirmações no país (LEITE FILHO, 2008).

Leite Filho (2008) nos indica um conceito de infância que foge da ideia de uma criança incompleta, que precisa ser preparada para o futuro, mas a criança enquanto potência:

A criança remete-me inevitavelmente ao desejo de um novo mundo, de um projeto. Seja ela o novo em um mundo previsível de caminhos já traçados, seja pela possibilidade da imprevisibilidade, pelo inesperado, resultado de um ser que é, sobretudo, em construção, em desenvolvimento. A criança, quando pensada como possibilidade e não como o homem do amanhã, o cidadão do futuro, de um mundo já pensado e acabado, deixa de ser vagão em trilhos já traçados e passa a ser o maquinista do trem. Passa a ser projeto de vida, de futuro, de sociedade e de mundo. (LEITE FILHO, 2008, p.47)

O trabalho pedagógico do CREIR tenta se aproximar dessa compreensão, a partir de projetos de interesse das turmas, por exemplo, evidenciando assim a autoria infantil, partindo de um conceito de infância enquanto tempo presente de construção e descobertas. Temos assim, a criança enquanto indivíduo que possui seu ponto de vista sobre o mundo e que produz cultura, ao mesmo tempo em que é nela produzido (KRAMER, 1999).

Kuhlmann Junior (2011) aponta que a expansão das creches nos anos 70 surgiu como resultado concreto do movimento popular e reivindicações feministas:

A caracterização das instituições de educação infantil como parte dos deveres do Estado com a educação, expressa já na Constituição de 1988, trata-se de uma formulação almejada por aqueles que, a partir do final da década de 1970, lutaram – e ainda lutam – pela implantação de creches e pré-escolas que respeitem os direitos das crianças e famílias. (KUHLMANN JUNIOR, 2011, p.179)

Logo, esse mesmo movimento parece ocorrer ainda hoje em instâncias menores, como nas instituições. Esse é o caso do Pedro II, que oferece a Educação Infantil a alguns anos, mas essa ainda precisa buscar sua visibilidade, se fazer conhecida e reconhecida pela comunidade escolar. Exemplo disso é que ainda ouvimos reações de surpresa ao nos depararmos com docentes de outros Campi e nos apresentarmos enquanto professoras da Educação Infantil, já que muitas vezes não sabem da existência do CREIR.

Aos poucos acredito que a Educação Infantil está se fazendo conhecida no Colégio, seja pelas nossas crianças que continuam na escola, pela representatividade de professores em assembleias e espaços de pesquisa e extensão do CP2, pela presença constante da Coordenação Setorial nas reuniões de diretores, e ainda pela movimentação da comunidade escolar do CREIR na ocasião da luta pela autonomia da Educação Infantil, que exigiu, especialmente dos docentes, saírem de suas zonas de conforto dentro das grades amarelas da então Unidade de Educação Infantil Realengo (UEIR) para ocupar outros espaços e debates no Colégio. Nessa ocasião, a UEIR manteve-se vinculada à Reitoria e passou a ser Centro de Referência em Educação Infantil Realengo (CREIR).

### 3.4 Uma proposta pedagógica em construção

Tendo como baliza o processo de construção da proposta pedagógica do CREIR a partir do movimento de participação coletiva dos docentes, temos a seguir três momentos perceptíveis a partir das entrevistas realizadas com as professoras e professores.

Embora o espaço físico da Educação Infantil tenha sido planejado e construído em um prédio independente, a Educação Infantil do Colégio Pedro II iniciou suas atividades em março de 2012 atrelada financeira, pedagógica e organizacionalmente ao Ensino Fundamental I de Realengo.

Neste **primeiro momento**, que se refere aos dois primeiros anos da Educação Infantil no CP2 (2012 e 2013), como a Unidade era dirigida pelo Ensino Fundamental I, o calendário se guiava pelas práticas já instituídas em Realengo I. Um dos professores entrevistados abordou a temática:

*Trabalhava data comemorativa. Trabalhava entre aspas: Tinha dia das mães, tinha o dia das crianças, tinha a festa da cultura, eu acho que era isso, e tinha a ciranda literária. Todas essas ocasiões “produziam para”. (Professor 1)*

O professor adota o termo “produzir para”, denotando uma prática muito comum em muitas escolas de se produzir atividades, ensaios, fantasias objetivando um único evento. Como o trabalho na Unidade de Educação Infantil se dá, desde a sua implantação, através de projetos de interesse das turmas, ao trazer à tona o “produzir para”, tal questão surge como uma crítica a esse movimento de interrupção brusca de todo um projeto em andamento para então ser trabalhado um tema específico para um evento; tema este que surge descontextualizado, quase “caindo de paraquedas” numa turma que vinha explorando vivências de outras espécies e outros assuntos.

Com a chegada da Coordenação Setorial específica para a Educação Infantil, que foi instituída em dezembro de 2013, essa prática de trabalhar datas comemorativas foi abolida. Desde então são feitas festas diversas, porém sem correlação com datas comemorativas.

De certa forma, também pode vir a acontecer uma ruptura das temáticas trabalhadas nos projetos para a organização dos eventos, mas o que vem acontecendo de forma geral é a tentativa de buscar enquadrar as festas e eventos ao que já vem sendo trabalhado em cada turma. Nas Festas da Ciranda Literária,

por exemplo, busca-se aproveitar histórias já trabalhadas com a turma e em consonância com o projeto para as oficinas e exposições da festa; no ano em que as turmas de 5 anos estudavam os bairros cariocas e foi composta uma música sobre o assunto (como já explorado anteriormente) as crianças apresentaram na Festa da Cultura Popular a dança dessa música, se enquadrando ao tema da festa tanto no sentido da valorização dos bairros quanto pelo estilo musical *Hip Hop*, porém sem necessidade de se iniciar um novo projeto para a Festa da Cultura.

Um **segundo momento** marcante iniciou-se em dezembro de 2013, quando a E.I. passou a ser denominada Unidade de Educação Infantil Realengo (UEIR), ao conquistar sua própria Coordenação Setorial e responder diretamente à Reitoria, desvinculando-se do Ensino Fundamental I.

A chegada da Coordenação Setorial da Educação Infantil coincidiu com o ingresso das primeiras professoras efetivas (em novembro de 2013). Junto com a Coordenação Setorial vieram outros setores e serviços específicos para a Educação Infantil, como secretaria, Supervisão e Orientação Pedagógica, cozinheiras, etc. No fazer diário da unidade escolar, estes serviços apontam diferenciais na qualidade do atendimento oferecido.

Uma das professoras entrevistadas, que vivenciou esses dois momentos, estabelece uma comparação:

*É, mudou muita coisa. Quando eu cheguei aqui, de maio a novembro [de 2013], como contrato, a gente não tinha ninguém aqui, tudo era lá [no prédio do Ensino Fundamental I]. SESOP era lá, almoxarifado era lá. A direção, a coordenação, tudo era lá. (...) A gente passava o dia aqui sozinha, nem a cozinheira ficava aqui, o almoço vinha no carrinho, então, a gente ficava... Eu me sentia meio abandonada assim. Costumava ficar só os professores, só a gente e, se acontecesse algum problema, ia um precisar se afastar para levar no posto médico ou, se o outro não estivesse, a gente tinha que ir na turma ao lado pedir ajuda. Então, quando o professor faltava e você queria ir no banheiro, você tinha que pedir para o professor do lado. A gente não tinha assistente, não tinha nada. Então, hoje, quando eu vejo a quantidade de pessoas, o suporte que a gente tem, tem um SESOP, tem uma secretaria, tem um almoxarifado aqui, a gente tem a direção, se acontecer alguma coisa, a gente tinha que, ou interfonar, ou ir direto lá resolver. (...) Quando uma criança caía, se machucava, tinha que ligar para o responsável, era tudo lá. Então, hoje a gente tem uma estrutura mega maravilhosa de, você precisou sair, de olhar e ter os assistentes e você gritar: "oh, me ajuda". Isso é de um ganho, para quem viveu o antes, que a gente não tinha ninguém, é um ganho muito bom, a gente tem uma estrutura muito boa, maravilhosa, um suporte, tem coordenação, direção, ter gente*

*de apoio, isso faz uma diferença muito grande no dia a dia, nas minúcias. Me sinto mais confortável, mais amparada, eu acho que me sinto melhor, mais segura para trabalhar. Me sinto muito mais segura, muito mais confortável, muito mais amparada para poder desempenhar um trabalho, desde os grandes, das coisas maiores, que envolva projetos, desde o cuidado de prestar socorro e ter alguém aqui para amparar.* (Professora 11)

A chegada da Coordenação Setorial coincidiu com o mesmo período de posse das primeiras professoras efetivas. Durante o mês de janeiro de 2014, a nova equipe docente fez cursos de capacitação oferecidos pelo Colégio. Já durante todo o mês de fevereiro, antes ao início das aulas, as docentes se reuniram, diariamente, juntamente com a equipe gestora, para atuar na construção da proposta pedagógica, debatendo as escolhas metodológicas, meios de avaliação, elegendando objetivos, refletindo as práticas que seriam instituídas, entre outros.

Uma das professoras entrevistadas traz colocações sobre a estrutura e as condições de trabalho neste período:

*E aqui a gente tem uma estrutura única voltada para a Educação Infantil, voltada para essa faixa etária. As condições de trabalho são totalmente outras em relação a experiência que eu tive anterior, as experiências anteriores em escolas em redes públicas e as vezes até no particular em si. Eu me sinto muito mais satisfeita aqui.* (Professora 3)

A professora continua sua fala se remetendo ao espaço de construção coletiva e democrática:

*Algumas coisas já estão mais efetivadas, outras a gente está sempre conversando, sempre tentando decidir juntos tentando pensar junto, por mais que as vezes a gente não caminhe tanto, mas existe um espaço que tenta ser democrático, se esforça para ser democrático para pensar as crianças, pensar as nossas práticas. (...) Como a Unidade de Educação Infantil antes não tinha uma direção<sup>14</sup> específica, e a partir de 2014 quando tem, eu acho que se abre possibilidades de pensar dessa forma, já que é novo e tem professores chegando, vamos fazer isso juntos. A gente não sabe como vai ser depois, mas, pelo menos nesse primeiro período que a gente está vivendo, eu acho que a gente tem tentado construir um caminho mais democrático, o que deixa as pessoas um pouco mais confortáveis de tentar ajudar a tomar decisões para a escola, não que isso seja fácil e harmônico, muitos conflitos, alguns lados que são claros, mas é um espaço interessante de trabalho. Vejo que é uma construção coletiva, no que a gente tenta sempre se voltar ao trabalho pensando nas crianças, e*

<sup>14</sup> Refere-se à Coordenação Setorial, que exerce função semelhante à direção existente nos Campi do Colégio Pedro II.

*voltar ao que a gente já fez no primeiro ano, no segundo, o que a gente está construindo agora, o que a gente não conseguiu e a gente assume que não conseguiu, e ver o que dá pra fazer a partir disso. Eu acho que a construção coletiva de pensar junto é o que mais me deixa satisfeita, no momento, aqui na Unidade.*  
(Professora 3)

A professora traz alguns elementos, quando reflete que o processo de implantação com uma nova gestão e uma nova equipe propicia a troca de ideias e a construção de uma proposta muito refletida coletivamente.

A professora 3 afirma existirem conflitos e “alguns lados que são claros”, referindo-se a existência de diferentes posicionamentos políticos e/ou pedagógicos dentro da própria equipe.

Em sua fala também está presente a forte ideia de uma construção coletiva, de um de um fazer, pensar, decidir e caminhar “juntos”. Conforme Pollak (1992) a *identidade coletiva* se constitui a partir de investimentos e esforços para que todos se sintam pertencentes a comunidade.

A partir de março de 2014, tomou posse outro grande grupo de docentes. Estes iniciaram suas atividades já com o ano letivo iniciado e com muitas ações pedagógicas já decididas pelo grupo empossado anteriormente. Tudo era muito recente, no entanto, e passível de muitas discussões, reinvenções e debates, a partir dos novos sujeitos.

Um **terceiro momento** marcante para as práticas pedagógicas foi a chegada de novas professoras a partir de 2015, que encontraram documentos e práticas mais instituídos. Estas demonstraram maior aceitação diante de uma proposta bem mais estruturada. Esses fazeres pedagógicos que foram refletidos e eleitos por outro grupo de professoras é assimilado e compreendido pelas professoras recém-chegadas de forma diferente daqueles indivíduos que de fato participaram da construção da proposta.

Uma das professoras entrevistadas, empossada já em agosto de 2015, relata seu primeiro contato com o CREIR e suas impressões. Relata que foi apresentada a proposta que já vinha sendo desenvolvida na instituição a partir de reuniões geridas pela Coordenação Pedagógica.

*Quando eu cheguei eu sentei ali no hall de entrada em frente a secretária ai já me chamou atenção a produção das crianças. Na época tinha um trabalho que fizeram com estátua, tinha coisa das crianças... Ai eu falei: "Nossa, que legal!" Eu gostei muito de já ser recebida olhando para a estrutura com a*

*produção das crianças. E a coordenadora me recebeu na escola e me apresentou o colégio, apresentou a proposta na verdade, teve esse momento inicial da proposta, mas também ela fez vários dias comigo conversas ou sobre o projeto político ou sobre avaliação, enfim, várias temáticas ela abordou. No primeiro dia ela me levou em cada sala, mostrou a estrutura com banheiro, pia, que eram doze crianças, dois professores, eu vim saber de tudo aqui, então já foi uma visão super positiva já desde o primeiro dia. (Professora 6)*

Ela relata ainda que, após essas conversas, teve a oportunidade de circular entre as turmas e considerou uma experiência favorável:

*Eu achei muito importante estar nesse papel de terceiro professor nesse primeiro momento na instituição. Eu realmente gostei de estar nesse papel porque é uma instituição de referência, você vê que o trabalho das pessoas é coerente com o que a gente estuda na faculdade, é o lugar com que eu pude trabalhar com mais coerência nisso na instituição como um todo. (Professora 6)*

Esse mesmo movimento de acolhimento, apresentação da escola e da proposta pedagógica, tem ocorrido na chegada de novos docentes, efetivos ou contratados, até os dias de hoje. Este é um investimento na construção/manutenção da identidade. Podemos comparar, por exemplo, com as redes municipais de ensino, onde nem sempre há profissionais para isso. No CREIR, a apresentação do projeto, os vários dias de conversa e o movimento inicial de circular entre as turmas contribuem para que as professoras recém-chegadas se identifiquem mais rapidamente com a equipe e com a proposta pedagógica.

O processo de construção da identidade continua sendo estimulado por meio de práticas como reuniões com toda a equipe, onde todos têm oportunidade de se apropriar da construção coletiva do Projeto Político Pedagógico. Desde então, muitos foram os espaços de debate e diversas decisões foram tomadas com a participação da equipe docente. Agora, todos possuem suas próprias memórias sobre o CREIR e se apropriam a seus modos da proposta pedagógica que vem sendo pensada e repensada coletivamente.

Assim como toda história que se reescreve continuamente, também a longa trajetória do Colégio Pedro II (CP2) foi encontrando desafios, se renovando, ganhando novos formatos e atores. A implantação da Educação Infantil na instituição traz reflexões e quebra barreiras, ainda mais quando passa a atender a um público com tantas demandas específicas, como é o caso das crianças da primeira infância.

Só em 2016 foi criado o Departamento de Educação Infantil e em meados do mesmo ano passou a ser denominado Centro de Referência em Educação Infantil Realengo (CREIR), mantendo, no entanto, seu vínculo direto com a Reitoria.

### **3.5 Um lugar indefinido: Quatorze Campi e Um CREIR**

Em maio de 2017 foi divulgado pelo Colégio Pedro II, através de seu site institucional, o *Relatório de Gestão e Prestação de Contas do Exercício de 2016*. O documento se inicia com a apresentação da história do Colégio e seus campi. O relatório apresenta o CREIR da seguinte forma:

O Centro de Referência em Educação Infantil Realengo (CREIR) atende a 168 crianças, de 3 a 6 anos, funcionando em dois turnos. O 1º turno, no horário das 7h15min às 11h45min; o 2º, das 13h15min às 17h45min. As crianças estão distribuídas em 12 turmas, agrupadas por meio de uma categorização etária. (COLÉGIO PEDRO II, Relatório de Gestão e Prestação de Contas do Exercício de 2016, p.68)

Apresenta ainda breve relato dos principais projetos, eventos e parcerias estabelecidos por cada departamento e em cada campus. Sobre o CREIR, são citadas as parcerias de formação docente estabelecidas com outras instituições:

Além de ofertarmos a Educação Infantil no CREIR, estabelecemos parceria com a Propprec no Programa de Residência Docente e recebemos 12 residentes em 2016. (...) A UFRJ também foi instituição parceira, com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e, assim, foi recebido e supervisionado o trabalho pedagógico com oito bolsistas. Em relação aos estagiários, recebemos 4 alunos de Pedagogia, da Unirio, e 3, da UFRJ. (COLÉGIO PEDRO II, Relatório de Gestão e Prestação de Contas do Exercício de 2016, p.68)

O relatório apresenta ainda intenções de expansão para o espaço físico do CREIR e sua oferta de vagas:

Desde 2014, projetos de expansão física e pedagógica são previstos, porém ainda dependem da possibilidade de concretização em detrimento de disponibilização de verba para esses fins, como, por exemplo, construção da sala de leitura, entrada independente para o CREIR, auditório, almoxarifado e novas salas para ampliar a oferta de vagas às crianças de 0 a 2 anos. (COLÉGIO PEDRO II, Relatório de Gestão e Prestação de Contas do Exercício de 2016, p.68)

O CREIR se faz presente em todas as descrições ao longo do extenso documento, denotando assim uma representatividade que a Educação Infantil já ocupa.

Porém, é importante frisar que, enquanto todas as demais unidades escolares são denominadas *Campus*, o CREIR, a unidade escolar mais recente e ainda em processo de construção de sua identidade e reconhecimento, é a única estrutura que ainda não se enquadra nesta nomenclatura. No Relatório de Gestão e Prestação de Contas de 2016 temos a seguinte descrição: “O CPEI possui quatorze campi e o Centro de Referência em Educação Infantil Realengo (CREIR)” (p.25). Fica evidente assim um lugar ainda não definido pela/para a Educação Infantil no Colégio.

Enquanto todos os demais campi possuem, cada um, uma Direção Geral, o CREIR está vinculado diretamente à Reitoria e possui Coordenação Setorial. Esta coordenação participa de espaços deliberativos de forma bem semelhante aos diretores, porém pode necessitar de aprovação dos demais diretores ou da reitoria para atuar nos espaços deliberativos de gestores. Logo, a Educação Infantil ocupa um lugar diferenciado. Em alguns discursos dentro do Colégio percebe-se a insinuação de que este lugar diferenciado garanta benefícios e vantagens à Educação Infantil por lidar diretamente com a Reitoria ou pela função de Coordenação Setorial não ser eleita e sim indicada. Ao contrário, é um lugar diferenciado justificado pela sua ainda recente implantação e pelo evidente processo de construção de sua identidade, um lugar ainda instável.

Quando decidido por não manter a Educação Infantil vinculada ao Ensino Fundamental I, optou-se pela permanência da Educação Infantil enquanto Centro de Referência. É um lugar diferenciado por ser novo, por ainda estar se inserindo na dinâmica do Colégio. Um lugar de reconhecimento, que garante a Educação Infantil existir e funcionar da melhor forma possível até o momento, mas que não a equipara às demais etapas da Educação Básica do CP2.

Quando houve a implantação do Primeiro Segmento do Ensino Fundamental no Colégio Pedro II, essas questões também surgiram. Chamarelli (2011, p.44) em sua pesquisa intitulada *E ao Pedrinho: Tudo ou Nada?: Construindo uma memória Possível*, ao tratar sobre a identidade dessa etapa de ensino nos seus primeiros tempos, questiona: “Podemos considerar que, naquele momento, o primeiro segmento se constituiu como um outro dentro da instituição?”.

Tal informação nos faz crer que o movimento de implantação de uma nova etapa num Colégio com tantas tradições e memórias quanto o Pedro II é mesmo um momento de desafios e certos impasses, até que o velho e o novo possam não

só coexistir, mas também integrarem um ao outro: As tradições do centenário Pedro II e a Educação Infantil que chegou a pouco neste cenário.

Chamarelli (2011, p.46) diz ainda:

(...) a implantação do Pedrinho reivindicava uma outra estrutura de escola, de regime de trabalho e até mesmo de um espaço físico diferenciado já que atenderia a crianças a partir de 7 anos. Se o Pedro II não tinha tradição no ensino para crianças teria que levar em conta as especificidades do trabalho realizado com essa faixa etária para poder criar uma escola que atendesse ao segmento.

Assim como na implantação do Ensino Fundamental I chegou um novo público e que exigiu um novo olhar, agora a história se repete: É a Educação Infantil que traz novos desafios ao Pedro II, ao colocar suas demandas e apontar as especificidades de suas crianças pequenas.

A autora diz ainda que o Plano de Ensino do primeiro segmento foi formulado pelas professoras da unidade na época recém-implantada. O mesmo vem ocorrendo com a Educação Infantil: O Projeto Político Pedagógico, objetivos, escolhas metodológicas, avaliações, projetos, tudo vem sendo pensado e produzido pela equipe docente atuante no CREIR.

Esse movimento de reflexão das propostas pode ocorrer nas Reuniões de Planejamento Semanal (realizadas semanalmente em ambos os turnos), nas reuniões de Coordenação (realizadas semanalmente com toda a equipe), nos Colegiados, nas Reuniões de Planejamento Geral (realizadas a cada semestre, aproximadamente), em reuniões extraordinárias convocadas pela Chefia do Departamento da Educação Infantil ou pela Coordenação Setorial. Também tem ocorrido o trabalho em câmaras ou comissões, nas quais aqueles que possuem interesse e disponibilidade em participar das discussões e da produção de algum documento específico a ser elaborado se encontram com certa periodicidade. Um exemplo disso foi a comissão organizada com a participação de diversos docentes, além de gestores e coordenadores, para a elaboração do quadro de horários e organização dos tempos de aula para o ano letivo de 2017.

Assim como ocorreu com o Fundamental I, a E.I. vem instituindo suas práticas, fazendo escolhas em meio a disputas, construindo coletivamente uma identidade que lhe faça sentido e que, aos poucos, se insere também nas memórias do Pedro II. As vozes não são uníssonas: Existem opiniões divergentes, em reuniões longas e consecutivas sobre uma mesma pauta e que podem fazer parecer que não se chegará a lugar algum.

Muitas vezes os impasses são resolvidos por meio de votação, outras pela testagem de diferentes propostas ou ainda em decisão final tomada na reunião dos coordenadores.

Mas é a partir dos impasses e das diferentes abordagens, que a Educação Infantil vem articulando ideias que, em algum momento – talvez pela aplicabilidade na prática docente dessas diferentes compreensões de educação – começam a delinear a identidade da E.I do Pedro II.

### 3.6

#### **“Zerinho”: A desconstrução de um apelido**

O processo de implementação da Educação Infantil no Colégio Pedro II se reflete inclusive nas suas diferentes nomenclaturas: Unidade de Educação Infantil Realengo (UEIR) ou Centro de Referência em Educação Infantil Realengo (CREIR).

Além das nomenclaturas oficiais já atribuídas à Educação Infantil do Colégio Pedro II, esta já possuiu um apelido. Logo ao chegar no CP2 tomei conhecimento por meios informais, pude ouvir o apelido “zerinho”, frequentemente dito por profissionais e docentes que não eram da Educação Infantil ou da Reitoria.

Em algum momento da caminhada me foram dadas explicações de porque haveria esse apelido. No Colégio Pedro II há esse hábito de apelidar as etapas de ensino: Os Campi que atendem ao Ensino Fundamental II e Ensino Médio são conhecidos como “Pedrão” e os campi do Ensino Fundamental I são chamados de “Pedrinho”. Logo, como se chamaria a Educação Infantil? O que é menor do que “Pedrinho”? Seria impossível qualquer mudança nos apelidos destas outras etapas, para uma nova estruturação, pois “Pedrinho” e “Pedrão” já são apelidos reconhecidos por décadas, estão na memória coletiva daquele grupo social. Então, tendo em vista que o Ensino Fundamental I se inicia no 1º ano, o que vem antes do número 1? É o zero! E assim ficou “zerinho”.

Apesar de muitos falarem que “Zerinho” não é dito de forma pejorativa, que é um apelido carinhoso, o corpo técnico-pedagógico da Educação Infantil, no entanto, nega esse apelido, considerando-o como algo que minimiza o lugar da E.I, ainda mais se levarmos em conta toda a história de luta da Educação Infantil na nossa sociedade.

Quando perguntada como compreendia a relação da Educação Infantil com o Colégio Pedro II, uma professora entrevistada disse:

*Bom, eu entendo que as pessoas ainda não enxergam a gente (risos). Não respeitam a gente, chamam a gente de “zerinho” isso dói muito (risos). Mas eu acho que é um desafio, acho que o nosso desafio é esse: é mostrar o nosso trabalho, é mostrar porque a gente está aqui, pra que a gente veio, e eu acho que essa equipe tem mostrado isso. Tem sido às vezes doido porque você tem que ficar o tempo todo batendo na mesma tecla, provando que você está fazendo aquilo que você acredita. Não só aquilo que você acredita mas também aquilo que é o melhor para a criança de acordo com as pesquisas, mas enfim...*  
(Professora 10)

A professora entrevistada coloca seu incômodo com o apelido “zerinho” ao dizer “isso dói muito”. Ela também aponta o trabalho pedagógico desenvolvido com um possível caminho para afirmar o lugar da Educação Infantil e negar tal apelido.

Houve pequenas e pontuais tentativas do corpo docente da Educação Infantil para negar o “zerinho”, como a sugestão, no âmbito da informalidade, do apelido “Pedroca”, que ao que parece não teve força e já foi esquecido. Mas o principal movimento deste grupo pela negação ao apelido é a frequente correção do nome quando ouvem alguém utilizar o apelido indesejado, sugerindo que digam “Educação Infantil” ao invés de “zerinho”.

Tal discussão chegou também às crianças da Educação Infantil. Em algumas situações, ao ouvir o apelido por suas famílias, as crianças o reproduziam na escola. Nesses momentos, percebo que o movimento das professoras e professores é o de estabelecer diálogos com as crianças a partir de questionamentos como: “Mas você sabe quanto vale o número zero?” ou “Você acredita que a nossa escola não é nada? Que nós não somos nada?”. As crianças costumam demonstrar certa compreensão e logo passam também a corrigir quem diga “zerinho”.

Nos dias de hoje, ainda é possível ouvir tal apelido. Porém, temos observado que a comunidade escolar exterior ao CREIR já se dá conta do descontentamento que o apelido causa nos docentes da E.I. e têm tentado evitá-lo ou mesmo corrigir uns aos outros. Em maio de 2017, em uma reunião de docentes da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I<sup>15</sup>, uma das professoras dos anos iniciais se referiu à Educação Infantil como “zerinho”. No mesmo momento, duas professoras do

<sup>15</sup> Tratava-se de uma reunião das professoras supervisoras do Programa de Residência Docente (PRD) do Colégio Pedro II.

CREIR presente se entreolharam incomodadas, mas não interromperam a fala da colega. Logo em seguida, outra professora dos anos iniciais, percebendo o incômodo causado, explicou à professora que a equipe da E.I. não gosta de tal apelido. Nesse momento surgiu uma breve discussão entre os presentes sobre o tema, na qual todas pareceram concordar de que este não era um apelido agradável. Uma outra professora do primeiro segmento disse, no entanto, algo como “mas se o apelido pegar mesmo, não tem o que fazer”.

Ao longo dos últimos anos o apelido de fato tem sido cada vez menos pronunciado. Em espaços oficiais e deliberativos, como aulas inaugurais, e assembleias, embora possam ser ouvidos os apelidos “Pedrinho” e “Pedrão”, o termo “zerinho” não é pronunciado. Entre as famílias, porteiros, serventes e vigias, no entanto, ainda é possível escutar tal apelido, apesar das frequentes falas de negação que ouvem das docentes do CREIR.

Podemos refletir sobre as possíveis disputas a partir dos apelidos no Colégio Pedro II. O “Pedrão” possui os estudantes mais velhos e também as etapas mais antigas na instituição. A versão no diminutivo “Pedrinho”, refere-se à etapa de ensino implantada nos anos 80 e que atende crianças menores. Além disso, foi também um segmento que surgiu em outra escala, ocupando um espaço físico e de representatividade menor. Percebe-se certo sentido de mais-valia e poder a partir dos apelidos no Colégio. Logo, podemos questionar que sentidos estão impressos no apelido “zerinho”, em que lugar ele coloca a Educação Infantil.

### 3.7

#### **O processo de construção da identidade: O que dizem as famílias**

O processo de construção da identidade do Colégio perpassa pela sua comunidade escolar. As tradições institucionais exercem inferências sobre a Educação Infantil: O CP2 possui sua tradição em excelência de ensino, excelência esta que, por muito tempo e, ainda hoje, no imaginário social, está relacionada com práticas conteudistas, se analisarmos as expectativas que as famílias possuem sobre a escola.

A proposta pedagógica se tece a partir de apontamentos das *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil* (2010), do *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil* (1998), do Proinfância, da proposta

educacional de Reggio Emilia<sup>16</sup> na Itália, de estudos atuais em Educação Infantil, em teóricos como Walter Benjamin e Jorge Larrosa, com conceitos de experiência e alteridade.

Em diversas situações do cotidiano escolar, as famílias das crianças da Educação Infantil manifestam suas impressões e expectativas sobre a escola. Seja em reuniões de pais, em conversas informais na porta da sala, em fichas de avaliação que são enviadas junto com os portfólios ou via agenda... Enfim, podemos perceber os anseios, desejos e impasses que envolvem as interpretações que as famílias fazem da escola.

Figura 10: Primeira Reunião de Responsáveis do ano letivo de 2017 (Momento inicial sobre normas gerais com a Coordenação Setorial).



Fonte: <http://eduinfantilcp2.blogspot.com.br>

Figura 11: Primeira Reunião de Responsáveis do ano letivo de 2017 (Segundo momento, com as professoras das turmas).

---

<sup>16</sup> Reggio Emilia é uma região na Itália reconhecida por seu sistema educacional, principalmente para a primeira infância. A abordagem Reggio Emilia foi idealizada por Malaguzzi.



Fonte: <http://eduinfantilcp2.blogspot.com.br>

Particularmente quanto à proposta pedagógica, um número significativo de famílias demonstra claramente que associam a tradição do Colégio Pedro II com uma educação conservadora e conteudista.

Algumas famílias das crianças, ao se depararem com a proposta da Educação Infantil e encontrarem práticas pedagógicas pautadas na construção do conhecimento a partir do trabalho com projetos, manifestam certa insatisfação.

Ao observar, nos últimos 3 anos, as questões tratadas nas reuniões de responsáveis do grupamento de crianças de 5 anos, é comum ouvir das famílias anseios sobre a alfabetização. No CREIR não são utilizadas apostilas, livros didáticos ou cadernos pautados, também não são trabalhadas datas comemorativas, não são ensinadas letras, números ou cores isoladamente, como frequentemente ocorre em muitas escolas de Educação Infantil da região e mesmo do Brasil. Alguns pais alegam que a proposta do CREIR muito difere da forma como eles próprios estudaram, e tecem constantes comparações sobre as propostas vivenciadas por irmãos e primos em outras escolas.

Em reuniões com responsáveis, a equipe pedagógica continuamente reforça seu posicionamento, suas opções metodológicas, chegando a citar as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil* (2010) e o *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil* (1998) para justificar porque não busca alfabetizar a partir de apostilas, cadernos ou ensino rígido de vogais e consoantes, optando pelo letramento a partir de contextos que denotem sentido para as crianças; ou ainda porque nossas crianças se sujam de terra ou tinta na

escola; porque as crianças não voltam para casa fantasiadas no dia do índio; quais as intencionalidades pedagógicas por detrás das brincadeiras; como se trabalha a leitura e a escrita sem um caderno de caligrafia; porque usar a letra bastão ao invés de ensinar a letra cursiva; porque não tem formatura ao final da Educação Infantil, etc.

Entre os argumentos utilizados estão as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil* (2010), que apontam:

Em especial, têm se mostrado prioritárias as discussões sobre como orientar o trabalho junto às crianças de até três anos em creches e como assegurar práticas junto às crianças de quatro e cinco anos que prevejam formas de garantir a continuidade no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, sem antecipação de conteúdos que serão trabalhados no Ensino Fundamental. (DCNEI, 2010, p.7)

Logo, as DCNEI (2010) apontam um trabalho com a Educação Infantil sem a intenção de preparar ou antecipar os conteúdos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Trata-se de uma proposta de Educação Infantil que respeita as especificidades de cada faixa etária e que oferece experiências significativas para o desenvolvimento infantil.

De acordo com o *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil* (1998), o trabalho de letramento na Educação Infantil engloba o contato com diferentes formas de textos, ouvir e recontar histórias, o trabalho com o próprio nome, o desenvolvimento da oralidade, entre outros. A leitura e a escrita podem ocorrer de formas não convencionais, tendo em vista o processo de desenvolvimento de cada um.

Uma das professoras entrevistadas apontou essa questão:

*Uma outra questão, eu acho que tem a ver com essa ideia mesmo de que, quando a gente pensa em Colégio Pedro II, a gente pensa na questão tradicional, e os pais quando chegam eles também tem essa percepção de que é uma escola historicamente tradicional, e acaba meio que tensionando e questionando também a nossa prática a respeito do que a gente faz, porque eles não esperam que o Colégio Pedro II vá fazer práticas onde a prioridade não é ensinar coisas, não é escrever, enfim, não é ensinar matemática e sim trabalhar outras questões como o brincar, como atividades que desenvolvam questões importantes para crianças nessa faixa etária que não essa escolarização que as pessoas acabam buscando e desejando. (Professora 10)*

Estes questionamentos são legítimos e não devem ser ignorados, pois denotam os anseios e dúvidas trazidos pelos responsáveis e que contribuem para a

construção da identidade. Foi a partir dessas e de outras questões que a Coordenação da Educação Infantil instituiu anualmente, desde 2015, no início de cada ano letivo, uma reunião de apresentação da proposta pedagógica, para as famílias novas na escola, além da reunião inicial com as professoras da turma. A reunião da proposta pedagógica é conduzida pela Coordenação e Orientação pedagógica, a partir de apresentação de slides sobre diversos pontos referentes ao trabalho pedagógico e abrindo espaço para que as famílias tirem suas dúvidas.

Podemos considerar que tal reunião da Proposta Pedagógica tem um intuito de manutenção/afirmação da identidade que vem sendo construída na Educação Infantil do CP2.

Nem todas as famílias apresentam críticas à proposta pedagógica. No ano de 2014, tive o relato da mãe de uma menina de 4 anos que dizia: “Eu fico feliz quando minha filha chega suja e descabelada em casa porque é sinal que ela brincou e está feliz, ela era tão tímida antes de estudar aqui!”.

O pai de um menino na época com 5 anos, em 2015, relatava que começou a entender mais a proposta pois comparava o filho com o irmão, um ano mais velho e na rede privada. Dizia que, por trabalhar com projetos, o filho que estudava no Pedro II possuía muito mais curiosidade pelas coisas, perguntava tudo, tinha interesse em aprender e estabelecia relações sobre as coisas que via. Atribuía à escola a capacidade da criança de questionar o mundo, o que para ele era favorável, dizendo algo como “vocês estão formando meu filho para a vida”.

Os relatos favoráveis às práticas pedagógicas da Educação Infantil existem, porém são relatos mais tímidos, ainda em menor quantidade e intensidade em comparação aos relatos inseguros com a proposta.

## 4 O CREIR na Prática: Entre tradições e inovações

*Em cada época, é preciso tentar arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela.*  
(BENJAMIN, 2012, Sobre o Conceito da História)

Conforme estudos anteriores e ainda de acordo com os relatos das professoras e professores entrevistados, parece existir no Pedro II um sentimento de pertencimento, uma identificação entre seus sujeitos. Anderson (2008) nos ajuda a refletir o tema quando versa sobre as Comunidades Imaginadas:

Ela é *imaginada* porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles. (ANDERSON, 2008, p. 32)

Buscaremos agora refletir sobre algumas práticas da Educação Infantil do Colégio Pedro II que apontem a construção de uma memória coletiva ou ainda que se configurem enquanto mecanismos de manutenção da tradição da instituição, colaborando para a construção desta comunidade que se identifica e se reconhece como tal.

#### 4.1 O Hino da Educação Infantil

A execução do hino faz parte da tradição do Colégio Pedro II. Em todas as unidades os estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio participam de um ritual cívico, cantando semanalmente o Hino dos Alunos, que foi composto em 1937. O Hino é cantado uma vez por semana, na hora da entrada, com todas as turmas reunidas no pátio e enfileiradas. O Hino também é cantado em eventos e solenidades do Colégio. Abaixo a letra do Hino institucional:

##### **HINO DOS ALUNOS DO COLÉGIO PEDRO II**

*Música: Francisco Braga / Letra: Hamilton Elia*

Nós levamos nas mãos o futuro de uma grande e brilhante Nação.  
Nosso passo constante e seguro rasga estradas de luz na amplidão.  
Nós sentimos, no peito, o desejo de crescer, de lutar, de subir.  
Nós trazemos no olhar o lampejo de um risonho fulgente porvir.

Vivemos para o estudo, Soldados da Ciência,  
O livro é nosso escudo e arma a inteligência.  
Por isso, sem temer, foi sempre o nosso lema  
“Buscarmos no saber a perfeição suprema”.

Estudaram aqui brasileiros de um enorme e subido valor.  
Seu exemplo segui, companheiros, não deixemos o antigo esplendor.  
Alentemos, ardente, a esperança de buscar, de alcançar, de manter,  
No Brasil, a maior confiança que só pode a ciência trazer.

Vivemos para o estudo, Soldados da Ciência,  
O livro é nosso escudo e arma a inteligência.  
Por isso, sem temer, foi sempre o nosso lema  
“Buscarmos no saber a perfeição suprema”.

(Fonte: [www.cp2.g12.br/cpii/hino\\_cp2.html](http://www.cp2.g12.br/cpii/hino_cp2.html))

Nos primeiros anos da Educação Infantil no CP2, quando esta estava vinculada ao Ensino Fundamental I, as crianças da E.I. cantavam também o Hino dos Alunos, juntamente com as turmas do primeiro segmento. Com a separação destas duas etapas da educação, no entanto, surgiu o movimento e interesse de se compor um hino próprio da Educação Infantil, mas que despertasse o mesmo sentimento de pertencimento à instituição, “para que, futuramente, elas pudessem cantar o hino tradicional do Colégio com compreensão de seu simbolismo.” (COTRIM, 2016, p.59).

Em 2014 foi criada uma música de coautoria dos dois professores de Educação Musical com as crianças da Educação Infantil, que expressa memórias e impressões infantis sobre a escola. Essa canção vem sendo denominada de Hino da Educação Infantil.

Cotrim (2016) narra esse processo de produção:

Nesta época, começou um movimento entre o corpo docente e de gestão, para não mais cantar o hino apenas como uma tradição, pois se considerava ser necessário criar um sentido para tal prática, que estivesse em sintonia com a realidade das crianças da Educação Infantil. (COTRIM, 2016, p.59)

O autor explica ainda que o hino original do Colégio Pedro II, por ter sido composto em 1937, possui uma linguagem de difícil compreensão para crianças de 3 a 5 anos.

O Hino da Educação Infantil foi composto pelos professores de música Ronaldo Cotrim e Wasti Czevski, porém, segundo Cotrim (2016), tendo as crianças como protagonistas. As turmas de 5 anos do ano de 2014, grupamento com as crianças mais antigas na então UEI, foram as escolhidas para participarem como autoras da música, por ser considerado que elas estariam deixando sua contribuição para a escola. Elas falavam frases sobre o que pensam e sentem sobre a escola, cantarolavam a melodia que desejavam e os professores se encarregaram de juntar as ideias e dar forma à música. Segue a letra do Hino da Educação Infantil, conforme disponibilizado no blog do CREIR na internet:

Figura 12: Hino da Educação Infantil.

## Hino da Educação Infantil

**Somos amigos, somos um time  
Pedro II está no meu coração  
No pátio da escola a gente vai brincar  
E junto com os professores nós vamos estudar**

**A nossa escola é muito legal,  
a nossa escola é genial  
A nossa escola parece um diamante**

**Nossa escola é brilhante, parece um diamante  
Ela é gigante igual um castelo grande**

**A nossa escola é muito legal,  
a nossa escola é genial  
A nossa escola parece um diamante**

**Amigos pra sempre, a gente vai ficar por perto  
Amigos pra sempre, nada vai nos separar**

**A escola está no meu coração  
Com toque de brilho que nem um diamante  
Nós podemos brincar, ler e correr  
E nunca vamos nos separar**

**Amigos pra sempre, a gente vai ficar por perto  
Amigos pra sempre, nada vai nos separar**

**Música construída pelas  
crianças das turmas do GIII  
em 2014 mediado pelos  
professores Wasti e Ronaldo**



Fonte: <http://eduinfantilcp2.blogspot.com.br/p/infancia-e-educacao-infantil.html>

O Hino da Educação Infantil foi apresentado à comunidade escolar no evento de inauguração do Teatro Bernardo Pereira de Vasconcelos, no Campus Realengo II, em 02 de dezembro de 2014, na ocasião do aniversário de 177 anos do Colégio Pedro II.

Figura 13: Crianças cantando o Hino da Educação Infantil no Teatro Bernardo de Vasconcelos.



Fonte: Cotrim (2016, p.74)

Na primeira apresentação oficial do hino, docentes, discentes, familiares, servidores e gestores presentes ovacionaram a apresentação, encantados com a performance das crianças, que cantavam a plenos pulmões, movimentando o corpo no ritmo da música e fazendo gestos, levando a mão ao coração e abrindo os braços conforme sentiam-se envolvidos pela música que cantavam. Todos aplaudiram de pé a apresentação. Em outras situações nas quais as crianças da Educação Infantil foram convidadas a cantarem o seu Hino, a reação do público era sempre a mesma.

O Hino da Educação Infantil não é cantado com uma periodicidade específica, como o Hino dos Alunos. Ele costuma ser cantado nas festas e eventos com as famílias do CREIR, nas aulas de música ou em momentos espontâneos nos quais as crianças tenham vontade de cantá-lo.

O hino foi se tornando conhecido na escola e querido pela comunidade escolar do CREIR, ano após ano as crianças aprendem o hino sem nem se darem conta e demonstram a mesma empolgação ao cantá-lo que as primeiras turmas que o compuseram. O hino é apresentado às crianças como mais uma música, porém uma música especial porque fala da escola. É perceptível a preocupação por parte do corpo docente de sempre contar às crianças a história desse hino, dizendo que ele foi composto por outras crianças que ali estudaram, que agora estão mais velhas, mas que disseram através do hino como se sentiam em relação à escola.

Segundo Pollak (1992), a memória, seja ela individual ou coletiva, é constituída não só pelos acontecimentos vividos, mas também pelos acontecimentos “vividos por tabela”, ou seja, vividos pelo grupo do qual o

indivíduo se sente pertencente, ainda que em outro tempo, e que geram nele identificação.

Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. (POLLAK, 1992, p.2)

Quando as crianças da Educação Infantil dos anos que se seguiram, que não participaram da composição do Hino, se identificam com ele e o cantam sentindo-se representadas, temos então uma ação que pretende desenvolver a memória coletiva no CREIR.

Uma professora entrevistada traz em seu relato a reação de uma criança ao ouvir o hino da Educação Infantil:

*Tem uma criança, uma vez, que vendo o hino, o vídeo que gente fez com o fundo, com fotos e o fundo musical era o hino, então ela chorou porque ela falou que ela não podia ouvir essa música porque ela ficava emocionada. Toda vez que canta o hino ela se sente emocionada... (...) Olhos cheios de lágrimas. Eu me sinto assim, nunca imaginei que uma criança poderia se sentir também, então eu acho que essa resposta dela dá um sinal de que esse hino construído pelas crianças, a partir dos princípios que a gente defende e são muito caros para a gente, representa as crianças acima de tudo. Ela canta, ela vive esse hino de uma forma diferente, sabendo que isso vai se tornar uma tradição dentro do Colégio Pedro II, específico da Educação Infantil porque as crianças que construíram esse hino já foram e as que estão, estão perpetuando isso e estão ressignificando o hino da escola. (Professora 3)*

O relato nos mostra como, de fato, as crianças têm se apropriado do Hino da Educação Infantil, mesmo aqueles que o conheceram posteriormente. Há uma forma de apresentação do hino às crianças que pode ser bastante lúdica, mas também imprime diversos sentidos. Sempre que o hino é cantado, os docentes costumam colocar os braços uns sobre os ombros dos outros, como num abraço coletivo. Esse movimento parece ter surgido junto com a criação do hino, pelo grupo que participou de sua composição. Fato é que o movimento de abraço coletivo, enquanto todos cantam “Somos amigos, somos um time”, expressa um grande significado afetivo para o grupo, e logo o movimento é copiado automaticamente pelas crianças que, ano após ano, têm se contagiado por essa tradição. E assim, as famílias que tanto sonharam em ter seus filhos estudando no

Pedro II, logo se comovem ao ver suas crianças tão pequenas entoarem uma música de amor à escola.

Ainda que o Hino tenha sido construído com participação das crianças, nos anos seguintes ele foi apresentado às demais turmas e reproduzido por elas sem que estas de fato tenham participado de sua composição. Logo, ocorre movimento semelhante ao Hino dos Alunos, cantado pelos demais estudantes do Colégio, porém com o diferencial de uma letra mais compreensível às crianças pequenas, já que o outro foi composto no século XIX e apresenta uma linguagem bastante rebuscada.

De certa forma, a *memória coletiva* (HALBWACHS, 1990) e o *sentimento de pertencimento* (POLLAK, 1992) expressos no Hino do Alunos também estão presentes no Hino da Educação Infantil. Assim como o Hino dos Alunos é cantado em solenidades, o Hino da Educação Infantil é cantado em todos os eventos públicos do CREIR, porém com um formato mais leve, sem a formação em filas, sem a posição corporal ereta com braços ao longo do corpo (ao contrário, ele costuma ser dançado livremente pelas crianças) e também sem a demanda de cantá-lo semanalmente como ocorre nas demais etapas de ensino do CP2. Comumente o Hino é cantado também nas aulas de Educação Musical. Ainda assim, o Hino da Educação Infantil apresenta a instituição à comunidade escolar, às famílias e docentes recém-chegados, incita nas crianças o respeito, amor e devoção ao Colégio, tal qual ocorre com o Hino dos Alunos nos anos seguintes.

Nossas crianças cantam num dos primeiros versos do Hino da Educação Infantil: “Pedro II está no meu coração”. Temos o reforço por sentimentos de pertencimento e de afeto ao Colégio, exercendo papel semelhante ao do Hino dos Alunos. Com frases como “Somos amigos, somos um time” ou “Amigos pra sempre, nada vai nos separar”, temos o reforço e fortalecimento da Comunidade Imaginada (ANDERSON, 2008) escolar criada a partir da identificação desses sujeitos com o grupo social e com a instituição.

Pollak (1989) em consonância com Halbwachs aponta a denominação “sociedade afetiva”, quando a memória coletiva se constitui a partir de uma relação de afeto com o grupo e os elementos que o une:

Assim também Halbwachs, longe de ver nessa memória coletiva uma imposição, uma forma específica de dominação ou violência simbólica, acentua as funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, de reforçar a coesão

social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo, donde o termo que utiliza, de "comunidade afetiva". (POLLAK, 1989)

Temos na Educação Infantil uma apropriação das práticas institucionais que fortalecem a identificação com o Colégio. O sentimento de pertencimento existente também na E.I, cultivado por uma *comunidade afetiva*, traz a necessidade de se reconfigurar práticas que tenham sentido para crianças pequenas, mas que também atuam na memória coletiva, como a apropriação de um hino próprio da Educação Infantil, por exemplo.

Não se trata de substituir o Hino tradicional e reconhecido da comunidade escolar. É um mecanismo de manutenção dessa mesma tradição. Uma tradição que não se define pelo hino em si, mas pelo valor enraizado nele, pelos sentidos que ele tem para os que dele se apropriam. Se o Hino da Educação Infantil, ao alcançar maior entendimento por parte das crianças pequenas, garante que estas tenham um sentimento de pertencimento ao Colégio semelhante ao dos demais estudantes, então a memória coletiva da instituição se faz presente desde a E.I.

Após o canto do Hino dos Alunos, tradicionalmente é entoada a “Tabuada”, uma espécie de grito de guerra reconhecido pela comunidade escolar. A “tabuada” costuma despertar profunda comoção daqueles que a cantam vibrantes, batendo palmas.

#### TABUADA

Ao Pedro II, tudo ou nada?  
 Tudo!  
 Então como é que é?  
 Tabuada!  
 Três vezes nove, vinte e sete.  
 Três vezes sete, vinte e um.  
 Menos doze ficam nove.  
 Menos oito fica um!  
 Zum! Zum! Zum!  
 Paratibum!  
 Pedro II!

(Fonte: [http://www.cp2.g12.br/cpii/hino\\_cp2.html](http://www.cp2.g12.br/cpii/hino_cp2.html))

Nos últimos eventos do CREIR, após o canto do Hino na Educação Infantil, tem surgido por parte da equipe docente um movimento de entoar a “tabuada”. Ela ainda não é trabalhada formalmente com as crianças, não é ensinada nas aulas de música nem cantada nas rodas de conversa das turmas por exemplo, mas estas parecem encantadas ao verem os professores a entoarem, ainda que em situações

esporádicas. Nesses momentos, parte dos professores comenta que ainda não decorou a “tabuada”, mas que precisam aprender a letra.

Temos então uma *Comunidade Imaginada* (ANDERSON, 2008) no Colégio Pedro II, na qual discentes, docentes, servidores e famílias de diferentes campi, que em sua maioria não se conhecem e nunca se viram, compartilham de um mesmo ideário sobre a instituição, como por exemplo pelo canto de um hino específico para ela, seja o tradicional Hino dos Alunos ou o recente Hino da Educação Infantil. Ainda assim, pelo cantar do hino, ou através de outras práticas, a Comunidade Imaginada do CP2 se reconhece, reconhece uns aos outros e se legitima enquanto pertencente a um mesmo grupo e a uma mesma memória coletiva.

Em publicação na “Sessão para cadastro de alunos egressos” do site institucional, um aluno do Colégio, formado em 96, diz: “Não existem ‘ex-alunos’, nunca ‘saímos’ de lá. Somos membros vitalícios de uma fraternidade, que vão se cruzando pela vida, e se reconhecem como irmãos.”.

Este relato está em consonância com a ideia de nação para Anderson (2008):

A ideia de um organismo sociológico atravessando cronologicamente um tempo vazio e homogêneo é uma analogia exata da ideia de nação, que também é concebida como uma comunidade sólida percorrendo constantemente a história, seja em sentido ascendente ou descendente. (ANDERSON, 2008, p. 56)

Retomando novamente as reflexões de Anderson (2008) sobre as Comunidades Imaginadas, o autor nos ajuda pensar as relações que se estabelecem nas nações, que podem gerar ações intensas e mesmo irracionais:

E por último, ela é imaginada como uma *comunidade* porque, independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida com uma profunda camaradagem horizontal. No fundo, foi essa fraternidade que tornou possível, nestes dois últimos séculos, que tantos milhões de pessoas tenham-se disposto não tanto a matar, mas sobretudo a morrer por essas criações imaginárias limitadas. (ANDERSON, 2008, p. 34)

As ideias de Anderson (2008) sobre a vida em sociedade e as formas como um grupo social vem a se identificar, são importantes referências para pensarmos a comunidade escolar do Colégio Pedro II. Temos diferentes sujeitos ou mesmo grupos que se identificam a partir do pertencimento que sentem pela instituição: Discentes da Educação Infantil ao Ensino Médio e de diferentes campi, docentes mais antigos ou mais novos, familiares, servidores aposentados e ex-alunos.

## 4.2 O Uniforme da Educação Infantil

Figura 14: O uniforme da Educação Infantil do Colégio Pedro II.



Fonte: Acervo pessoal.

É comum que reconheçamos um estudante do Colégio Pedro II nas ruas pelo seu uniforme. A saia de pregas ou a calça social azul, a camisa de botão com o emblema costurado, o sapato social... São marcas de um uniforme bem diferente da maioria dos uniformes da rede pública de Educação Básica. Motivo de orgulho para a maioria dos que o vestem o uniforme marca a identidade da instituição. Ainda que nos últimos tempos tenha se flexibilizado no uso do uniforme, como o consentimento por bermudas ou a recente polêmica com a extinção de gêneros para os uniformes, é fato que esta vestimenta carrega a tradição da instituição, ou como costumamos ouvir, quem o usa “carrega o nome da escola”.

Na Educação Infantil o uniforme não é o mesmo que para os estudantes mais velhos. Dadas as demandas por movimentação e conforto para as crianças pequenas, o traje utilizado diariamente é o uniforme de Educação Física.

Tal diferenciação não parece espantar a comunidade escolar. As turmas do 1º ano do Ensino Fundamental já utilizavam o uniforme de Educação Física diariamente e o uniforme tradicional passa a ser adotado a partir dos 7 anos, no 2º ano do E.F. Por essa questão, sequer é questionado o uniforme da Educação Infantil e a adoção pelo uniforme mais despojado.

Embora possa diferir pouco de outros uniformes escolares, com bermuda ou calça azul e blusa de malha branca, é importante salientar que o uniforme possui o emblema do Colégio. As crianças da Educação Infantil costumam perguntar o que está escrito nele, perguntar o que é cada coisa no desenho. O símbolo é facilmente identificado por eles.

Cardoso (2013) discorre sobre a importância do emblema para a construção de uma relação afetiva de pertencimento ao Colégio:

Diante de vários símbolos que perpetuam o passado da instituição, destacamos, como exemplo, o emblema e a bandeira do Colégio Pedro II, símbolos estes que permanecem no presente, formando uma cadeia de pertencimento afetivo que mantém e transmite a memória no grupo-comunidade. (CARDOSO, 2013, p. 14)

Segundo esta autora, “a esfera armilar foi a divisa pessoal do Rei de Portugal e Algarves D. Manuel”, e que serviu de inspiração para o emblema do Colégio Pedro II. E explica ainda que a esfera armilar representa simbolicamente a autoridade, poder e soberania, o domínio científico sobre o céu e a Terra (CARDOSO, 2013).

Figura 15: Emblema do Colégio Pedro II.



Fonte: Cardoso, 2013.

Ainda assim, no espaço da Educação Infantil, foi possível se recriar de alguma forma o uniforme. Nas reuniões do CART<sup>17</sup>, as crianças sugeriam que o uniforme fosse modificado. Pediam por blusas de cor escura “para a mãe não

<sup>17</sup> O CART (Conselho de Alunos Representantes) existe em todos os Campi, com o intuito de proporcionar um espaço de debate, escuta e representatividade dos estudantes no Colégio Pedro II. Na Educação Infantil o CART já aconteceu em diversos formatos, buscando ouvir as questões das crianças sobre a escola. Já foi feito em formato de uma reunião com algumas crianças de cada turma, em formato de várias reuniões (uma em cada turma) e com periodicidade variada, geralmente mediada pelo Setor de Supervisão e Orientação Pedagógica (SESOP) ou pela Coordenação de Projetos.

reclamar que sujou”, pela extinção do uso do uniforme e também por blusas sem manga alegando que sentiam muito calor.

Esta última solicitação pôde ser atendida e as crianças da Educação Infantil podem utilizar blusas sem mangas, idênticas às camisas de Educação Física, porém sem a manga curta padrão. Tal vestimenta é permitida apenas na Educação Infantil.

Percebemos então como as demandas da faixa etária fazem-se presentes e começam a modificar algumas tradições do Colégio Pedro II. A necessidade infantil por movimento, a menor resistência delas ao desconforto, e ainda as altas temperaturas no bairro de Realengo, região bastante quente da cidade, são algumas justificativas para a permissão da blusa sem manga na E.I.

### 4.3

#### **O tempo do Pedro II e o tempo da Educação Infantil**

A expansão do Colégio Pedro II apresentou um desenvolvimento das séries maiores para as menores da Educação Básica, ou seja, do Ensino Médio, passando pelo Ensino Fundamental até a Educação Infantil. Devido a isso, as formas de organização de trabalho seguem um modelo muito mais utilizado no Ensino Médio e Anos Finais do Ensino Fundamental. As séries maiores se organizam por tempos de aula e disciplinas, e essa prática vem se instituindo na Educação Infantil do CP2. Todos os professores, tanto da Educação Infantil, dos Anos Iniciais ou das disciplinas, são contratados no mesmo regime de hora-aula. Logo, a organização de tempo mínimos e máximos semanais se estabelece também na Educação Infantil, buscando uma equiparação entre os docentes da instituição.

Surge então o desafio, de pensar um quadro de horários para a Educação Infantil a partir de tempos de aula. Como as crianças possuem aulas fixas semanais de linguagens especializadas (Educação Musical, Artes Visuais, Educação Física e Informática Educativa), o desafio se torna ainda maior. É notório que todas as linguagens são de grande valia para o desenvolvimento infantil e tornam a prática pedagógica do CREIR ainda mais rica. No entanto, temos então uma dinâmica organizacional que muito mais se assemelha aos colégios para crianças maiores do que com a rotina das creches, por exemplo.

Uma das professoras entrevistadas aponta essa questão:

*Se a gente for ver a nossa carga horária, por exemplo, não de carga horária de trabalho, mas de carga horária com as crianças, dez tempos são de alimentação, tem mais uns outros tantos de linguagem e no final da semana, sei lá, você passa seis tempos, sete, com a sua turma. (...) Mas isso causa uma tensão, eu não tenho uma solução pra resolver isso assim, mas eu sinto que isso tolhe um pouco as possibilidades do trabalho, entende? Do que poderia ser se a gente conseguisse encontrar um jeito de organizar isso de uma outra forma. (...) Por outro lado é fundamental, acho que seria um absurdo a gente abrir mão disso, da riqueza que é a gente ter professores que diferente da gente que é generalista, são especialistas. Especialista em música, especialista em arte... Seria uma perda porque eu não tenho o conhecimento que eles têm, a gente não tem condição de apontar coisas como eles apontam, propor coisas como eles propõem... (Professora 4)*

Geralmente as instituições de Educação Infantil, especialmente as públicas como o Pedro II, não possuem ou possuem bem poucas aulas de linguagens (Música, Artes, Educação Física e Informática) e a rotina costuma respeitar um ritmo muito mais estabelecido pelas crianças e pelo vivido; um tempo fluido. Na Educação Infantil do CP2, no então, temos vivenciado um tempo muito atento ao relógio, podendo gerar rupturas indevidas nas propostas, como pudemos perceber pelo relato acima.

Na Educação Infantil, o planejamento costuma ser bastante flexível, visto que o espaço de cuidado escuta e construção coletiva é bastante amplo. Logo, os tempos de aula têm desafiado a equipe a pensar diferentes alternativas e formas de atuação.

Temos como exemplo o tempo do recreio. Em todo o Colégio Pedro II, os estudantes possuem diariamente 30 minutos de recreio, tempo no qual não possuem aula e estão no pátio sob a supervisão dos assistentes de alunos. Na Educação Infantil, no entanto, com crianças tão pequenas, não seria cabível o recreio, logo, as crianças permanecem toda a manhã com os professores. Mas sem o recreio, as crianças da E.I. teriam 30 minutos diários a mais de aula e os seus docentes trabalhariam meia hora a mais por dia em relação aos demais. Durante os primeiros anos da Unidade de Educação Infantil, foi assim que aconteceu. Com o tempo, a partir de muitos debates da equipe e de muitas tentativas de quadro de horários, temos atualmente um horário diferenciado, com entrada 15 minutos após as demais etapas e saída 15 minutos antes. Dessa forma, suprem-se os 30 minutos de recreio que a E.I. não possui.

Outro exemplo são as semanas de prova e recuperação. O calendário escolar é único. A Educação Infantil, no entanto, não faz provas.

Na Educação Infantil as avaliações são feitas de forma contínua, a partir da observação e participação cotidiana, sem a intenção de aprovação ou retenção. O CREIR faz uso de relatórios e portfólios individuais como recursos de avaliação e registro. O portfólio é reconhecido enquanto mecanismo de documentação e autorreflexão (MARQUES & ALMEIDA, 2011), que contempla as vivências a partir do seu registro, numa possibilidade de manter viva a memória ao mesmo tempo em que a ressignifica.

Logo, quando em todo o Colégio os estudantes maiores estão já de férias e têm aula apenas àqueles que “ficaram para recuperação”, as crianças da Educação Infantil possuem aula normal, visto que dias de prova ou recuperação são contabilizados como dias letivos.

Em muitas conversas com os responsáveis, eles relatam a dificuldade de manterem as crianças do CREIR indo às aulas quando irmãos mais velhos que estudam no Colégio ou outras crianças do mesmo transporte escolar estão de férias.

Os casos dos tempos de aula, do recreio, das semanas de prova e recuperação servem como exemplos de como, no cotidiano, as práticas escolares tradicionais das séries maiores podem não funcionar bem face as demandas e dinâmicas das crianças menores, fazendo necessárias novas ações e outras formas de pensar o espaço-tempo na escola.

#### **4.4 Festas e Eventos do CREIR**

Como relatado anteriormente, a Educação Infantil do Pedro II não trabalha com datas comemorativas. Diante disso, frequentemente surgem questionamentos por parte das famílias como: Nem uma pintura no rosto no dia do índio? Mas e a festa do dia das mães? Se não tem festa junina, o que tem?

Algumas festividades e ações têm feito partes calendários anuais da Educação Infantil. Os projetos desenvolvidos com as turmas a partir dos interesses das crianças costumam ser contemplados em tais eventos, que já podem ser considerados tradições do CREIR; seus eventos anuais são:

- Reunião de Apresentação da Proposta Pedagógica – É realizada anualmente, logo após o início do ano letivo, com o intuito de deixar os responsáveis novos na escola a par da proposta pedagógica do CREIR;

Figura 16: Reunião de Apresentação da Proposta Pedagógica, realizada em 27 de abril de 2017.



Fonte: <http://eduinfantilcp2.blogspot.com.br>

- Festa da Ciranda Literária – Costuma ocorrer entre os meses de abril e maio; trata-se de uma festa sobre literatura e que representa a abertura oficial do Projeto Ciranda Literária, a partir do qual as crianças passam a levar emprestado semanalmente para casa um livro de literatura infantil. Nessa festa também já existem algumas marcas constantes, entre elas temos a grande roda de Ciranda no centro do pátio, composta por famílias, crianças e servidores, dançando cirandas de roda entoadas pelos professores de música. Temos também anualmente nesta festa uma apresentação de teatro, adaptação de alguma obra literária infantil, encenada pelas professoras e professores do CREIR;

Figura 17: Festa da Ciranda Literária 2016.  
Crianças e famílias assistem apresentação de teatro



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 18: Festa da Ciranda Literária 2017  
(Equipe caracterizada para peça de teatro).



Fonte: <http://eduinfantilcp2.blogspot.com.br>

Figura 19: Festa da Ciranda Literária 2017  
(Crianças e suas famílias assistem ao teatro organizado pelos professores).



Fonte: <http://eduinfantilcp2.blogspot.com.br>

Figura 20: Festa da Ciranda Literária 2017  
(Roda de ciranda no pátio com toda a comunidade escolar).



Fonte: <http://eduinfantilcp2.blogspot.com.br>

- Festa da Cultura – Ocorre entre os meses de julho e setembro, onde são exploradas danças e brincadeiras populares;

Figura 21: Festa da Cultura Popular 2014



Fonte: Acervo pessoal.

Figuras 22 e 23: Barracas de brincadeiras na Festa da Cultura de 2014.



Fonte: Acervo pessoal.

Figuras 24 e 25: Barracas de brincadeiras na Festa da Cultura de 2014.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 26: Festa da Cultura 2015 - Apresentação de dança da música “Onde mora cada um”.



Fonte: Cotrim (2016, p.104)

- Festa de Encerramento ou Festa de Despedida – As turmas de 5 anos, ao final do ano letivo, último ano das crianças na Educação Infantil, é realizada uma festa com propostas diversas de integração com as famílias. Além do intuito de despedida e celebração do término de um ciclo, a festa também ocorre por uma demanda das famílias, visto que muitas demonstram o desejo de que houvesse uma festa de formatura, com cerimônia, beca, entrega de diplomas, etc. Não é este o formato defendido pela equipe do CREIR, a Festa de Encerramento, tem um formato de vivências e

celebrações, por não se acreditar que as crianças estejam de fato se formando em algo, mas apenas completando um ciclo, e do qual todas são merecedoras já que nenhuma criança é retida (não há reprovação ou notas na Educação Infantil);

- Passeios com as famílias – Ao menos uma vez ao ano, cada turma realiza um passeio num sábado letivo, no qual convida as crianças e suas famílias a se encontrarem, juntamente com as professoras, em algum lugar público, como parques e museus, por exemplo. Geralmente o lugar escolhido é negociado com as famílias, de acordo com os projetos trabalhados em cada turma e com os interesses das crianças.
- Mostra Pedagógica – Ocorre anualmente, próximo ao término do ano letivo, com o intuito de servir como uma culminância de tudo o que foi trabalhado ao longo do ano letivo. Cada turma costuma ficar responsável por uma sala ou espaço da escola e ambientá-la com exposição de trabalhos, oficinas, mostra interativa, etc. O conceito da festa é que sejam contempladas produções confeccionadas pelas turmas ao longo do ano, e não apenas para o evento específico.

Figura 27: Mostra Pedagógica 2014 –  
Espaço interativo com jogo produzido pelas turmas.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 28: Mostra Pedagógica 2014 – Espaço de exposição e vivência.



Fonte: Acervo pessoal.

#### 4.5 Embate: manutenção da tradição X construção da identidade

*A tradição nos ajuda, ela nos dá base, ela é nossa cultura, ela diz da onde a gente veio, ela aponta pra onde a gente pode ir, inclusive, mas ela não pode nos imobilizar, engessar, amarrar e fazer com que a gente deixe de refletir, pensar e criticar a realidade que a gente está vivendo. (Professor 2)*

Essas são as palavras de um dos professores entrevistados, ele traz sua compreensão sobre a tradição e a importância que esta a seu ver possui. Sem negá-la, o professor sugere que a tradição deve ser repensada, enquanto propulsora de reflexões.

Acredito que, de fato, em instituições históricas e tradicionais como o Colégio Pedro II, se faz necessário um cuidado para que não deixemos de pensar e refletir nossas práticas, questionar nossas ações e buscar novas formas de lidar com as questões que surgem no cotidiano. O novo pode trazer contribuições e o cuidado deve ser nas duas vertentes, tanto para que a tradição não freie novas ideias, mas também para o novo não subjugar toda uma história anterior, memórias e tradições que a constituem.

No site institucional na internet, entre diversas informações relevantes para a pesquisa, como o relato da história do Pedro II, relatos de sujeitos da escola,

dados diversos, missão da escola, entre outros, há a lista de **valores** do CP2; vamos a ela:

- Ética
- Excelência
- Competência
- Compromisso Social
- Inovação

A palavra “Excelência” se faz presente. Excelência significa *Superioridade de qualidade* (MICHAELIS, 2008). Xavier *et al.* (2013) nos dão subsídios para reflexões a partir de suas pesquisas sobre a qualidade de ensino no Brasil. Temos ainda Campos *et al.* (2011) para nos ajudar a pensar a qualidade da/na Educação Infantil.

Através de sua lista de valores, o Colégio Pedro II afirma sua autoimagem de prestígio, num lugar diferenciado e até mesmo superior às demais instituições públicas. Essa afirmação pela posição de destaque do Pedro II encontra justificativas na sua história, como já relatado anteriormente e, mais ainda, pela necessidade daquele grupo social de manter-se nessa posição.

Ao mesmo tempo, temos “Inovação” entre os valores do Colégio. Uma mesma instituição que tem sua tradição como um dos mecanismos de manutenção de sua excelência aposta na inovação. Podemos, de certa forma, considerar também a inovação como um meio de alcançar/manter a excelência? A inovação impele o uso de novas tecnologias e a busca por aprimoramentos que muito podem acrescentar na qualidade do ensino. Mas também cabe à inovação o repensar de concepções e a compreensão de novas dinâmicas sociais.

Nesse sentido, a proposta pedagógica da Educação Infantil do CP2 poderia ser considerada inovadora, segundo os relatos das professoras e professores entrevistados. Isso porque se mantém aberta ao novo, utiliza diferentes recursos, atua em projetos de acordo com interesses das crianças, etc.

Um dos professores entrevistados traz apontamentos pertinentes à pesquisa quando perguntado como se sente em relação à escola:

*É um sentimento de pertencimento, mas não é um pertencimento puro assim. Ao mesmo tempo de pertencimento porque estou aqui desde que começou, mas é um sentimento que muitas vezes esse pertencimento precisa ser reafirmando, ou seja, não só meu, mas de toda a Educação Infantil, precisa constantemente reafirmar: Porque a gente trabalha? Com que a gente trabalha? Quais são os nossos objetivos de trabalho?*

*Porque a gente não é... É uma necessidade grande de sempre lembrar que a gente trabalha na Educação Infantil com crianças pequenas, com as famílias delas também.* (Professor 2)

Ao apontar seu sentimento pelo Colégio e dizer que “não é um pertencimento puro assim”, ele explica seu posicionamento e da comunidade docente do CREIR na busca de espaços para a Educação Infantil no Pedro II. Quando afirma que seu sentimento de pertencimento precisa ser reafirmado, parece fazer sentido se pensarmos a Educação Infantil enquanto em construção no Colégio, pois ela ainda vem estabelecendo diálogos com as outras etapas, sofrendo questionamentos, críticas, mudanças... O professor entrevistado traz então a questão do público diferenciado. É necessário o movimento constante de, em instâncias coletivas, reafirmar à comunidade escolar que o trabalho com crianças pequenas traz especificidades, como fralda, chupeta, mamadeira, choro, sono, essas e outras necessidades que fazem necessário que se estabeleça relação ainda mais estreita com as famílias e com as crianças, que exigem um outro olhar, pois são questões que anteriormente não faziam parte do Pedro II – talvez em casos excepcionais – mas que agora fazem parte da rotina do CREIR.

Kramer *et al.* (2011) apontam como a relação da Educação Infantil e do Ensino Fundamental se estabelece, em nossa sociedade, num campo de disputas:

A educação é um campo de disputa. Educação infantil e ensino fundamental estão colocados num patamar díspar na educação básica. Concorrem. A obrigatoriedade de frequência das crianças de 4 e 5 anos à escola pode levar à compreensão de que é aí que a educação básica começa, reiterando a antiga cisão entre creches e pré-escolas e trazendo de volta à cena o ideário de preparação para o ensino fundamental.

Assim com no Colégio Pedro II a questão da junção da E.I. com os Anos Iniciais trouxe impasses, podemos perceber que há um movimento social de se repensar o lugar das crianças até 6 anos na Educação Básica.

São essas especificidades da Educação Infantil que legitimam, por exemplo, a tomada de decisão, em meados de 2016, de os responsáveis pelas crianças da Educação Infantil poderem leva-las e busca-las nas portas de suas salas, entregando as crianças diretamente aos professores, num movimento de acolhimento e de troca de confiança, diferentemente da entrada e saída em todo o Pedro II (inclusive no primeiro segmento do Ensino Fundamental), quando os estudantes já entram sozinhos do portão da rua.

Mais ainda, o professor entrevistado aponta como a reafirmação do lugar da Educação Infantil precisa se fazer presente:

*Ou seja, isso é uma constante porque a burocracia do Colégio, às vezes, faz a gente esquecer, as outras relações fazem com que a gente esqueça também. Ou seja, a relação da Educação Infantil com as demais etapas, as nossas relações de trabalhadores com os outros trabalhadores do Colégio, é uma constante afirmação do quê que a gente faz, por exemplo, pra não chamar de zerinho, mas pra chamar de Educação Infantil, quando a gente diz que a Educação Infantil é parte do Colégio e é parte da Educação Básica, porque normalmente você escuta “Não, porque o colégio é de Educação Básica e Educação Infantil”, porém Educação Infantil é parte da Educação Básica, por isso o Colégio oferece. (Professor 2)*

O professor aponta a burocracia do Pedro II, mas seria pertinente apontar também a tradição do Colégio como questões que vem sofrendo certo enfrentamento pela Educação Infantil. Mais ainda, o professor sinaliza questões que fazem parte da luta da Educação Infantil no Brasil, como seu reconhecimento enquanto etapa da Educação Básica, já que muitas vezes a população desconhece tal informação. E retomando novamente o termo “zerinho”, quando se busca um lugar de respeito às práticas com as crianças pequenas e os profissionais dessa etapa.

## 5

### Considerações: Longe de um final

*O processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações.*

(Grifo do autor) (VELHO, 1978)

Esta pesquisa foi de fato, para mim, um processo árduo de estranhamento. Foi necessário permitir desconstruir meu olhar acerca daquele espaço e daquela história aos quais pertencço.

Considero que tal experiência foi de extrema riqueza para mim, pois me proporcionou diferentes olhares, permitiu-me desconstruir minhas ideias e reconstruir outras, a partir das diversas interpretações que conheci sobre o assunto que tanto me inquietava. Como Velho (1978) aponta, pude confrontar o que me era conhecido à luz dos teóricos eleitos para a pesquisa, colocando minhas impressões e memórias em debate com os documentos pesquisados, práticas e ações observadas e, principalmente, com as narrativas coletadas.

Segundo Prost (2012) “(...) a escrita da história nunca estará encerrada.” (p.80). É diante desse conceito de história que trago minhas reflexões.

O Pedro II possui hoje 14 campi, que atendem ao Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e ao Ensino Médio, e apenas um Centro de Referência em Educação Infantil. Qual é, então, o lugar da E.I, visto que ela não se equipara a nenhuma outra etapa da Educação oferecida atualmente no Colégio?

Ao pensar a Educação Infantil do Colégio Pedro II, nesse momento, permito me colocar enquanto parte do coletivo, porque estou naquele espaço, faço parte desta história e colocarei a diante minhas memórias e opiniões – daí o uso da primeira pessoa do plural.

Ao refletir o apelido de “zerinho”, acredito que nem mesmo as incompletudes daquele espaço o justifiquem.

Retomando o relato do Professor 2, quando contou que as atividades precisaram ser iniciadas sem mesas, ou o relato da Professora 11, que disse que não havia um corpo técnico e coordenação próprias que pudesse receber e explicar a proposta aos novos docentes; apesar dos tempos em que não havia um SESOP, coordenação ou orientação pedagógica próprios da Educação Infantil; se quer

cozinheiras, manutenção e serviços gerais com funcionários que atuassem exclusivamente na E.I, atentando às especificidades dessa faixa etária... Enfim, essas faltas, no sentido do que ainda não possuía, não justificam à Educação Infantil um lugar de “zerinho”.

Apesar do que ainda hoje não é possível se ter naquele espaço – o que ocorre com qualquer espaço em surgimento, em construção... Fato é que, não podemos sequer um dia ter sido “zerinho”, nem mesmo pelo tanto que a Educação Infantil ainda não era vista no Colégio Pedro II, pelo pouco que a comunidade escolar dos outros Campi conhecia e conhece (ou, em sua maioria, a comunidade escolar se quer sabia de sua existência), ainda assim não justifica o “zero”. E quando penso nesse lugar, do trabalho de qualidade com o qual me deparei ao chegar naquele espaço, trabalho pautado num projeto de implantação sério e comprometido com a infância; a partir desse ponto de vista, tendo a negar o apelido “zerinho”, mesmo nos tempos iniciais da Educação Infantil no CP2.

Então passamos a ser Unidade de Educação Infantil, e há que se pensar no sentido da palavra Unidade. Unidade, no dicionário Michaelis (2008):

**1** Qualidade do que é um ou único. **2** *Mat* O número um (1). **3** Qualquer objeto ou quantidade fixa, tomada como um todo singular, entre outros objetos iguais, entre outras quantidades iguais. **4** Homogeneidade.

Unidade enquanto “um ou único”, o que de fato somos até hoje: A única experiência em Educação Infantil do Colégio Pedro II.

Já ao tomar a definição de Unidade pela matemática, temos o número 1, elemento a partir do qual se constroem todos os outros números naturais. De fato, se pensarmos esta enquanto a primeira Unidade de Educação Infantil e a partir da qual poderão vir a existir outros espaços de Educação Infantil no Pedro II, encontramos outros sentidos e, mais ainda, torna-se plenamente justificável a nomenclatura de Centro de Referência que veio a seguir.

E continuando a analisar os significados de Unidade temos “um todo singular” e “homogeneidade”. Tais sentidos me remetem diretamente à ideia de identidade. Penso então a *identidade coletiva* em construção no CREIR, uma identidade que vem se estabelecendo a partir de ideias, discussões, fazeres, experiências, experimentações sobre o que funciona ou não... E de certa forma uma identidade que vem se construindo a partir da busca por uma singularidade nas práticas que, embora não homogêneas, visto os diferentes sujeitos que atuam

naquele espaço, podem encontrar algo de singular, podem compartilhar sentidos e encontrar uma identificação entre elas. Esse tem sido o desafio: A construção da identidade de um espaço de Educação Infantil a partir de muitos autores.

Segundo Pollak (1992, p.5):

Se assimilamos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros.

Temos então o Centro de Referência em Educação Infantil Realengo. A identidade do CREIR se compõe pela imagem construída pelos seus sujeitos, pelo que eles desejam ser e o que eles esperam para aquele lugar, mas também se constitui pela forma como a Educação Infantil é vista pela comunidade escolar, para além das grades amarelas do CREIR: famílias, moradores da região, docentes, servidores e estudantes dos outros Campi... Uma identidade coletiva se constitui pelas ações cotidianas daquele grupo, mas também pela forma como ele se relaciona com a sociedade, como é visto em outros espaços e, mais ainda, pela maneira como se coloca, se posiciona diante desses outros contextos nos quais se insere. E enquanto Centro de Referência, a forma como nossa identidade é vista pelo outro tem direta relação com o que poderemos esperar dos futuros demais espaços de Educação Infantil do Colégio Pedro II; se buscarão práticas que se aproximem do Centro de Referência, é a partir das interpretações feitas sobre o CREIR que identificação a concepção de infância, as escolhas metodológicas, a proposta pedagógica, o fazer docente, e outros, na Educação Infantil do CP2. Pressupõe-se que o CREIR será a diretriz, a base. Trata-se do começo da história da E.I. no Colégio, e é olhando para ela que se escreverão outras páginas, lacunas serão preenchidas, práticas serão reinventadas...

Retornando ao meu lugar de um dos sujeitos dessa história e assumindo novamente a primeira pessoa do plural ao lado de minhas colegas docentes, trago algumas últimas ideias. Uma música de Renato Russo tem tomado minhas reflexões desde que, em uma RPS (Reunião de Planejamento Semanal)<sup>18</sup>, quando

---

<sup>18</sup> As RPS ocorrem semanalmente em dois turnos (manhã e tarde) com os docentes de Educação Infantil daquele turno e sendo mediadas pelas Orientadoras Pedagógicas, podendo contar com representantes da Coordenação e SESOP.

foi proposto às professoras e professores da Educação Infantil que escolhessem uma música que definisse o ano letivo que se encerrava, uma das professoras presentes a mencionou. Eu já conhecia a fundo a música e nela não pude parar de pensar, buscando encontrar sentidos sobre as vivências do CREIR, que pudessem ter levado minha colega de trabalho a escolhê-la.

Nossa história não estará  
 Pelo avesso, assim, sem final feliz  
 Teremos coisas bonitas pra contar.  
 E até lá vamos viver  
 Temos muito ainda por fazer  
 Não olhe pra trás, apenas começamos  
 O mundo começa agora  
 Apenas começamos  
 (Trecho da música Metal contra as nuvens - Legião Urbana)

De certo a canção não diz tudo o que acredito, longe disso! Já de antemão coloco que não acredito que a história tenha um fim. Trago Benjamin (2000), que aponta um movimento histórico não-linear, marcado por múltiplas rupturas e possibilidades. Par ele, o passado comporta outros possíveis futuros. Nessa proposta de contínua construção da história e da constante rememoração, passado, presente e futuro se entrecruzam.

Nesse sentido, a história da Educação Infantil no Colégio Pedro II não tem fim pois está em constante construção, e esta pesquisa traz apenas um recorte do tanto que cotidianamente é, já foi e ainda será vivido naquele lugar.

Também discordo quando a letra da música diz “não olhe pra trás”, pois acredito que é através do resgate das memórias, das experiências vividas e do (re)contar da história que encontramos sentidos para práticas contemporâneas e futuras. Se assim não acreditasse, não haveria qualquer sentido me debruçar sobre essa pesquisa.

Diante dessas discordâncias, porque afinal trago essa canção? Porque, assim como a professora que a citou, encontrei muitos sentidos nela: Pois acredito que de fato “Apenas começamos”. Esses cinco anos analisados pela pesquisa são apenas um olhar do começo de uma história que muito ainda tem a ser construída, e que poderá ser contada de outras formas por outros narradores, já que essa foi apenas a minha interpretação diante de memórias que me foram narradas, situações observadas, leituras e pesquisas que, analisadas por outro olhar, de certo ganhariam novos e outros sentidos.

Também acredito que “Temos muito ainda por fazer”. A jornada será longa e somos nós – docentes, servidores, crianças, famílias, gestores, prestadores de serviços – que escolhemos como iremos construir essa história e ainda, como desejamos que ela seja contada.

E por fim, acredito que, sim, “Teremos coisas bonitas pra contar”. Essa é minha mensagem repleta de esperança em tudo o que já vivemos e ainda viveremos. Afinal, nós já temos coisas bonitas pra contar.

E assim, retomo Prost (2012) e proponho que aceitemos a história em eterna construção, uma história inacabada e cheia de lacunas, uma história a qual só ganha sentidos porque é reinterpretada de tempos em tempos, por muitos olhares e pequenas contribuições. Deixo aqui as minhas, e que a história continue...

## 6

### Referências bibliográficas

- AIRES, Luísa. *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. São Paulo: Universidade Aberta: 2011.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução Denise Bottman. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política*. 8ª Ed. Revista. São Paulo: Brasiliense, 2012. p.213-240.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito da História. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política*. 8ª Ed. Revista. São Paulo: Brasiliense, 2012. p.241-252.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II: Rua de mão única, Infância em Berlim e Imagens do pensamento*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- BRASIL, Decreto Nº 19890, de 18 de Abril de 1931.
- BRASIL, Decreto Nº 21241, de 4 de Abril de 1932.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. – Brasília: MEC/ SEB, 2010.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Indicadores da Qualidade na Educação Infantil. – Brasília: MEC/SEB, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAMPOS, Maria Malta *et al.* A qualidade da educação infantil: um estudo em seis capitais Brasileiras. *Caderno de Pesquisa*, v.41, n.142, p.20-54, 2011.
- CARDOSO, Tatyana Marques de Macedo. *Colégio Pedro II: A contribuição dos símbolos na formação de sua memória coletiva*. In: XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2013, Florianópolis, ENANCIB 2013, 2013.
- CARDOSO, Tatyana Marques de Macedo. Narrativas de “Choque” e “Fascinação” no Colégio Pedro II. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 1, n.15, p. 50-68, 2014.
- CHAMARELLI, Marta Alarcon. E ao Pedrinho: Tudo ou Nada?: Construindo uma memória Possível. Dissertação de Mestrado em Memória Social. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- COLÉGIO PEDRO II. *Blog Do Centro de Referência em Educação Infantil Realengo*. Disponível em: <http://eduinfantilcp2.blogspot.com.br/p/infancia-e-educacao-infantil.html> Acesso em: 20 mai 2017.
- COLÉGIO PEDRO II. *CPII em números*. Disponível em: [http://www.cp2.g12.br/proreitoria/prodi/cpii\\_numeros](http://www.cp2.g12.br/proreitoria/prodi/cpii_numeros) Acesso em: 28 abr 2017.
- COLÉGIO PEDRO II. *História do CPII*. Disponível em: [http://www.cp2.g12.br/historia\\_cp2.html](http://www.cp2.g12.br/historia_cp2.html) Acesso em: 07 jul 2015; 13 nov 2016.
- COLÉGIO PEDRO II. *Hino dos Alunos do Colégio Pedro II*. Disponível em: [http://www.cp2.g12.br/cpii/hino\\_cp2.html](http://www.cp2.g12.br/cpii/hino_cp2.html) Acesso em: 14 mai 2017.
- COLÉGIO PEDRO II. *Missão, Visão e Valores*. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/cpii/missao.html> Acesso em: 07 jul 2015; 22 abr 2017.
- COLÉGIO PEDRO II. *Projeto de Implantação da Educação Infantil (3 a 5 anos) no Colégio Pedro II*, 2011.

COLÉGIO PEDRO II. *Relatório de Gestão e Prestação de Contas do Exercício de 2016*. 2017.

COTRIM, Ronaldo Murinho Braga. *Brinca Pedro, Pedro canta: a composição nos projetos musicais da educação infantil do Colégio Pedro II*. Dissertação de Mestrado Profissional em Artes. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. São Paulo, 2016.

CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da. *O Imperial Collegio de Pedro II e o ensino secundário da boa sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa*. n.115, março/2002, p.139-154.

GALVÃO, Maria Cristina da Silva. “*Nós somos a História da Educação*”: Identidade Institucional e excelência escolar no Colégio Pedro II. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

GIL, Antonio Carlos. Como delinear uma pesquisa documental. In: *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2010. P. 65-69.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. (orgs.). Introdução: A invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

KRAMER, Sonia. Infância e Educação: O necessário caminho de trabalhar contra a barbárie. In: KRAMER, Sonia. *Infância e Educação Infantil*. Campinas: Papirus, 1999.

KRAMER, Sonia; NUNES, Maria Fernanda R; CORSINO, Patrícia. Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.37, n.1, p. 69-85, 2011.

KENSKI, Vani Moreira. Memória e Ensino. *Cadernos de Pesquisa*: São Paulo, n.90, p.45-51, 1994.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. *Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 2010.

LEITE FILHO, Aristeo Gonçalves. *Políticas para a educação da infância no Brasil nos anos 1950/1960*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. *Planejamento de Pesquisa: Uma introdução*. São Paulo: EDUC, 2009.

MARQUES, Amanda Cristina Teagno Lopes. A construção de práticas de registro e documentação no cotidiano do trabalho pedagógico da educação infantil. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MARQUES, Amanda Cristina Teagno Lopes; ALMEIDA, Maria Isabel de. A documentação pedagógica na Educação Infantil: traçando caminhos, construindo possibilidades. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v.20, n.44, p. 413-428, 2011.

MEDEIROS, Andréa Borges de. Crianças e narrativas: modos de lembrar e compreender o tempo na infância. *Caderno Cedes*, Campinas, vol. 30, n.82, p.325-338, 2010.

MICHAELIS. *Dicionário Escolar Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Proinfância (FNDE)*. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/proinfancia>. Acesso em: junho de 2017.

- NASCIMENTO, Anelise. Escola, professores e crianças na construção da identidade da educação infantil. In: Sonia Kramer (Org.) *Retratos de um desafio: Crianças e adultos na educação infantil*. São Paulo: Ática, 2009.
- NAGLE, Jorge. Capítulo I – O entusiasmo pela educação. In: NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.97-124.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: A problemática dos lugares*. Tradução: Yara Aun Khoury. Projeto História: São Paulo, 1993.
- NUNES, Clarisse. O velho e bom ensino secundário: momentos decisivos. *Revista Brasileira de Educação*, n.14, p.1-23, 2000.
- OLIVEIRA, Cristiane Gomes de. “*Que rei sou eu?*” Escolas Públicas de Excelência, Políticas Educacionais e Currículo: uma análise sobre o processo de instituição da Educação Infantil no Colégio Pedro II. Tese de doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017. No prelo.
- OLIVEIRA, I. A. de; FONSECA, M. de J. da C. F. SANTOS, T. R. L. dos. A entrevista na pesquisa educacional. In: MARCONDES, M. I; TEIXEIRA, E; OLIVEIRA, I. A. de. (Orgs). *Metodologias e técnicas de pesquisa em educação*. Belém: EDUEPA, 2010.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-212, 1992.
- POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- PROST, Antoine. Capítulo IV: As questões do historiador. In: PROST, Antoine. *Doze lições sobre a História*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.
- SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bouquet; COSTA, Wanda Maria Ribeiro. Capítulo VI: A Reforma da Educação. In: SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bouquet; COSTA, Wanda Maria Ribeiro (org.). *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- SOARES, Carolina Monteiro. *Viagens literárias por palavras e imagens: o livro ilustrado e a leitura na Educação Infantil do Colégio Pedro II*. Dissertação (mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- SOARES, Jefferson da Costa. *Dos professores “estranhos” aos catedráticos: aspectos da construção da identidade profissional docente no Colégio Pedro II (1925-1945)*. Tese de Doutorado em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- TURA, Maria de Lourdes Rangel. A Observação do Cotidiano Escolar. In: ZAGO, N. N. et al. *Itinerários de Pesquisa – Perspectivas Qualitativas em Sociologia da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- VALENTE, Wagner Rodrigues. A Disciplina Matemática: Etapas Históricas de um Saber Escolar no Brasil. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda e Ranzi, Sirlei Maria Fischer (org). *História das disciplinas escolares no Brasil: contribuições para o debate*. Bragança Paulista. EDUSF, 2003. P.217 – 254.
- VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- VIDAL, Diana Gonçalves. No interior da sala de aula: ensaio sobre cultura e prática escolares. *Currículo sem Fronteiras*, v.9, n.1, p.25-41, 2009.
- VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n.33, p.123-145, 2001.

XAVIER, Alice; CANEDO, Maria Luiza; BRANDÃO, Zaia (orgs). *Cons da Qualidade de Ensino: Achados e tensões de uma década de pesquisas.* Janeiro: Forma & Ação Editora. 2013.

## 7 Apêndices

### 7.1 Apêndice 1

#### Ficha de Identificação dos docentes entrevistados



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO**  
**Programa de Pós-Graduação em Educação**

**Pesquisa:**

“Construção de Memória na Educação Infantil do Colégio Pedro II:  
Práticas e Estratégias”

**Pesquisador Responsável:** Mestrando: Fernanda Alves Vendas  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Coelho da Costa

#### FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

1 – Nome:
2 – Nome fictício:
3 – Idade:
4 – Nível de formação:
5 – Local e ano de formação:
6 – Local de residência (Bairro):
7 – Experiências anteriores ao Pedro II:

8 – Período trabalhado na UEIR (De quando a quando):
9 – Regime de trabalho:
10 – Outras atividades profissionais ou acadêmicas desenvolvidas no momento:
11 – Já atuou em outro ramo profissional? Qual? Quando?
12 – Possui algum outro vínculo com o Colégio Pedro II? (Ex-aluno; responsável)

## **7.2** **Apêndice 2**

### **Roteiro de Entrevistas Semiestruturadas**

#### **Professores e Ex-Professores**

1. Como você se sente/sentia em relação à UEIR?
2. Como você vê a UEIR em relação ao Colégio Pedro II?
3. Quais as propostas e práticas você considera mais frequentes no seu fazer pedagógico?
4. Você conseguiria citar propostas da UEIR que considera diferenciais no trabalho em Educação Infantil?
5. Você seria capaz de citar práticas da E.I do Pedro II que apontem para a construção de uma identidade institucional?
6. Em suas práticas, você busca intencionalmente trabalhar memória e tradição escolar?
7. O que conhece sobre a tradição do Colégio?

### 7.3 Apêndice 3

#### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO  
Programa de Pós-Graduação em Educação

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado/a: \_\_\_\_\_

Venho, por meio deste, convidar-lhe a participar voluntariamente da pesquisa apresentada a seguir.

**Pesquisa:**

“Construção de Memória na Educação Infantil do Colégio Pedro II: Práticas e Estratégias”

**Pesquisador Responsável:**

Mestrando: Fernanda Alves Vendas  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Coelho da Costa

**Justificativas:**

Em uma instituição histórica e carregada de memórias como o Pedro II, é relevante estudar as estratégias para a construção da memória na Educação Infantil.

**Objetivos:**

Pesquisar as estratégias utilizadas nas práticas docentes da Unidade de Educação Infantil Realengo do Colégio Pedro II para a construção de uma memória coletiva nas crianças sobre a escolarização.

**Metodologia:**

Entrevistas, através de áudio-gravação, com duração média de 60 minutos.

**Riscos e Benefícios:**

Não há riscos físicos ou morais previstos e a pesquisa visa contribuir com estudos sobre a Memória da Educação Infantil.

Eu, \_\_\_\_\_  
de maneira voluntária, livre e esclarecida, concordo em participar da pesquisa acima identificada. Estou ciente dos objetivos do estudo, dos procedimentos metodológicos, dos possíveis desconfortos com o tema, das garantias de confidencialidade e da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre os mesmos. Fui informado(a) de que se trata de pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. Está claro que minha participação é isenta de despesas e que minha

imagem e meu nome não serão publicados sem minha prévia autorização por escrito. Estou de acordo com a áudio-gravação da entrevista a ser cedida para fins de registros acadêmicos. Estou ciente de que, em qualquer fase da pesquisa, tenho a liberdade de recusar a minha participação ou retirar meu consentimento, sem nenhuma penalização ou prejuízo que me possam ser imputados.

\_\_\_\_\_  
**Prof. Fernanda Vendas**, mestranda.

\_\_\_\_\_  
**Prof.ª Dr.ª Patricia Coelho**, orientadora.

\_\_\_\_\_  
**[Assinatura do voluntário]**

Nome completo: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_ Tel. \_\_\_\_\_

Identificação (RG): \_\_\_\_\_

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

**OBS.:** Este termo é assinado em 2 vias, uma do/a voluntário/a e outra para os arquivos do pesquisador.